

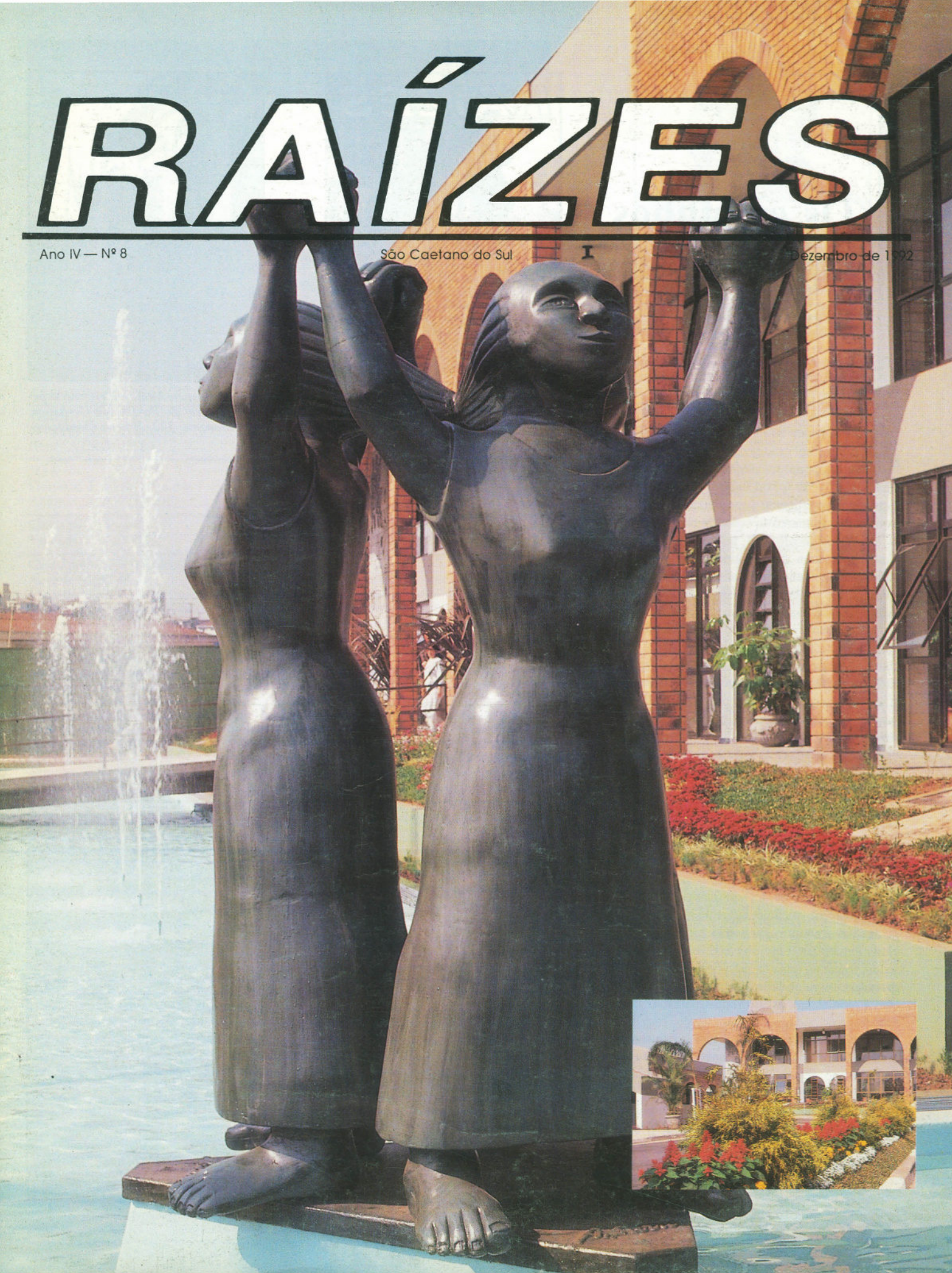
# RAÍZES

Ano IV — Nº 8

São Caetano do Sul

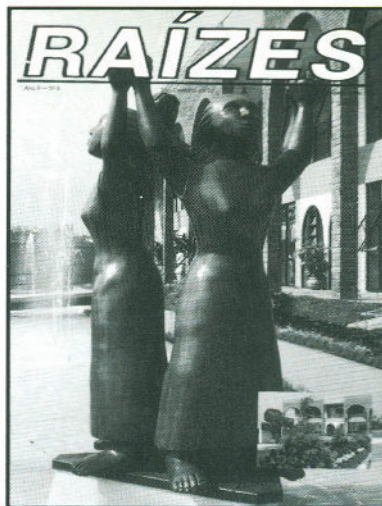
I

Dezembro de 1992





# Os caminhos da memória coletiva



*Capa: Escultura intitulada Os Três Poderes, do artista plástico Adélio Sarro, no espelho d'água do Palácio da Cerâmica. No destaque: vista geral do Palácio da Cerâmica. Contracapa: Palacete De Nardi (rua Maximiliano Lorenzini, 122, Bairro Fundação), sede do Museu de São Caetano. Fotos: Yoji Agata*

A História de São Caetano do Sul reflete, numa dimensão geograficamente limitada, importantes períodos da vida brasileira. Estas terras foram *habitat* dos povos autóctones do continente (que deixaram marcas na toponímia); marco da colonização portuguesa, a partir do século XVI; testemunhas do surgimento de uma das maiores metrópoles do mundo - São Paulo de Piratininga -; palco da atuação das ordens religiosas que buscavam converter as nações indígenas e, ao mesmo tempo, agiam como instrumento do poder exercido pela Metrópole. Depois, foram rota de tropeiros, que desbravaram as longínquas terras da Terra de Vera Cruz. Em período mais recente, com a chegada dos colonos italianos, foram cenário da política de substituição da mão-de-obra escrava pelo braço do imigrante europeu; viveram a passagem do país do regime monárquico para o republicano. Mais ainda: refletiram os momentos conturbados da República Velha, como foi o caso das Revoluções de 1924 e 1930; a proclamação do *Estado Novo*, a redemocratização de 1946, os momentos graves de 1964, os grandes movimentos sociais do final dos anos 70.

De qualquer modo, são quase cinco séculos de História, documentados de maneira irregular, que acabaram ganhando espaço privilegiado em *Raízes*, cujo objetivo foi, e continua sendo, traçar as rotas da memória coletiva, resgatando a singularidade que transformou o Núcleo Colonial em cidade industrializada. Esse trabalho teria sido, e continua sendo, impossível sem a colaboração coletiva, seja dos membros do Conselho Editorial, seja do Museu de São Caetano, seja da própria população - protagonista e, ao mesmo tempo, testemunha de importantes fatos. Trata-se de um trabalho coletivo que não se esgota aqui. Ao contrário, é uma trilha apenas aberta na reconstrução - constante - dessa memória.

O Editor

## RAÍZES

Ano IV — Número 8 — Publicação da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul — Dezembro de 1992 — Publicação semestral - distribuição gratuita  
Rua Eduardo Prado, 201 - CEP 09581-200 São Caetano do Sul (SP) - Telefones: (011)441-1000, ramais 240, 244; 743-4618 (fax); telex: 114-4938

Editor/Jornalista responsável  
Aleksandar JOVANOVIĆ  
(MTb 13.165 - Sjpesp 7.290)

Conselho Editorial  
Aleksandar Jovanovic, Claudinei José Rufini, Henry Veronesi, Oscar Garbelotto, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenízio Petrolli

Publicação editada com apoio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fotos  
Reproduções de Yoji Agata, José Honório de Castro e Gilson C. Santos

A revista *Raízes* está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não são devolvidos, exceção a fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Computação Gráfica — Plano Piloto  
449-8633

Fotolitos/Impressão — Grande ABC Artes Gráficas S/A — 712-5155



# ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| Pan, uma doce indústria<br>Arnaldo TREBILCOCK  | 4  |
| <i>Imigração</i><br>Família Garbelotto e sua trajetória de Cappella Maggiore a São Caetano<br>Oscar GARBELOTTO                             | 6  |
| A Bulgária também conta história<br>Jocimara SPERATE   | 11 |
| A presença espanhola em São Caetano do Sul<br>Sônia Maria Franco XAVIER e Jayme da Costa PATRÃO  | 13 |
| Os filhos de Israel nas terras do Tijucuçu<br>Aleksandar JOVANOVIC   | 22 |
| <i>Teatro</i><br>O mártir do Calvário<br>Henry VERONESI  | 34 |
| <i>Diversos</i><br>Florence, Langsdorff e nós<br>Antonio de ANDRADE  | 38 |
| Educação pelo rádio<br>Yolanda ASCÊNCIO  | 41 |
| Casas populares nos anos 40<br>Ademir MÉDICI   | 43 |
| Formação Urbana e Espaço Habitável em São Caetano do Sul<br>João Carlos de MORAES  | 47 |
| <i>Entidades</i><br>Ordem Rosacruz, uma semente que germinou<br>João MASSOLINI, Hermínio BÉRGAMO,<br>Anselmo FILGUEIRAS e Adilson P. de SA | 50 |
| Castores, clube de jovens que agitou a cidade nos anos 60/70   | 53 |
| <i>Perfil</i><br>Zanini e Andrade, velhos comerciantes<br>Walter de ANDRADE  | 56 |
| <i>Depoimento</i><br>A Agência da Prefeitura e Luiz (Luivigino) Neri<br>Silvio José BUSO   | 59 |
| As lembranças de Rosalina De Nardi Zapparoli<br>e Marcelino De Nardi   | 62 |
| A paixão pela cidade: memórias de Maria Scarpato   | 65 |
| Mário Romano, 40 anos de massagens e prêmios   | 67 |
| <i>Memória</i><br>O incipiente consórcio<br>Gisberto GRIGOLETTO  | 69 |
| <i>Homenagem</i><br>João Dal'Mas<br>Valdirene A. Dal'Mas da Rocha PAES   | 70 |
| Livros   | 72 |
| Memória fotográfica  | 73 |



**C**hegamos ao final de nossa administração, tendo percorrido um quadriênio histórico para nossa equipe de trabalho. A responsabilidade que envolve a arte e a ciência de conduzir os destinos de uma grande metrópole esteve presente em todos esses momentos, e a consciência do dever cumprido acompanhar-nos-á nas despedidas. Foi gratificante essa época de nossas vidas, porque também nos aprofundamos nas coisas desta cidade de primeira grandeza e que caminha em compasso com o Primeiro Mundo.

Quando criamos a revista **Raízes**, iniciávamos um projeto de resgate da História, que não se limita ao manuseio simples de documentos e instrumentos tradicionalmente esparramados em órgãos ou de posse de famílias. Numa visão elástica, buscamos momentos do passado e do presente, querendo versões diferentes das atividades sociais e econômicas que são envolventes para qualquer povo.

O projeto cresceu e nasceram idéias fantásticas, constituindo-se, hoje, num acervo cultural que, cultivado com carinho por meus sucessores, neutralizará um longo período que ficou ocioso nas coisas da cultura tradicional e da História.

Na primeira edição desta revista, dizíamos: "São Caetano do Sul tem uma grande História, secular que é, e mostra raízes espelhadas desde a colonização do Brasil. Muito se conhece; os escritos estão aí, mas escapam dos letristas, contistas, historiadores, poetas e escritores, muitas passagens que, pelo aspecto folclórico, constituem arcabouço raro que deve ficar anotado, conhecido e formar acervo histórico".

Hoje, ao concluirmos um período administrativo, entendemos que parcelas dessa preocupação já não mais existem. Estruturamos um projeto elástico e, sem dúvida alguma, frutificará. Se, em dezembro de 1989, anotávamos que "a memória é um diário que todos andamos carregando conosco, com a singular característica de recordar de um amigo ausente ou de uma viagem feita há muito tempo, só o que é agradável", finalizamos com a certeza de que abrimos novo capítulo no livro da vida da cidade, a partir do momento em que nos predisusemos a discorrer sobre a própria cidade.

Despedimo-nos do quadriênio administrativo e de nossos leitores de **Raízes**, convencidos de que São Caetano do Sul tem História, parte resgatada, e vida, que tivemos como lema de trabalho e objetivo de administração. E esta, na vibração e efetiva participação de toda a nossa comunidade.

São Caetano do Sul... que te queremos pródiga.

Luiz Olinto Tortorello  
Prefeito  
São Caetano do Sul, dezembro de 1992



# Pan, uma doce indústria

Arnaldo TREBILCOCK (\*)

**1**935: findava o ano, um dos tantos anos dramáticos da vida política do Brasil. Começara com as maquinações do general Góes Monteiro, passando pelas escaramuças da Intentona Comunista, terminando com uma aparente tranqüilidade administrativa, embora o caldeirão político continuasse a borbulhar, escondido aos olhos do povo - esse grande corpo informe que foi, e é sempre, usado, abusado, consumido, com a maior desenvoltura pela ditadura Vargas, pelos políticos. O ano de 1935 viu o começo da destruição do andaime democrático brasileiro, com um Congresso informe, ineficiente e inepto, tentando firmar uma autoridade que não tinha e uma legitimidade que não existia. Vargas roía os cotovelos ante a resistência do Congresso às suas manobras megalômanas, que mascarava com o trombeamento pelo DIP de grandes reformas, grandes mudanças, grandes sei lá o quê.

Embora a tranqüilidade fosse aparente apenas, surgiam, em 1935, novas empresas, novas indústrias, novos empreendimentos. Uma dessas novas indústrias foi a Pan. Fundada em dezembro de 1935 por Aldo Aliberti, engenheiro italiano, proprietário de uma fábrica de botões, onde iniciava a aplicação da jarina em larga escala em sua produção. Aliberti, junto com outro engenheiro, Oswaldo Falchiero, montou a Produtos Alimentícios Nacionais Ltda., que logo nos primeiros dias assumiu a identidade de Pan.

Não sabemos qual dos dois fez a escolha feliz da sigla, que começava a tomar corpo no mundo inteiro como sinônimo de união ou junção. Havia já a União Pan-Americana, a Pan-Arabian Company, a Panamerican Airways, e outras. Mas a Produtos Alimentícios Nacionais ficou logo sendo a *Pan do chocolate* por ser este o produto principal que lançava no mercado.

E a Pan surgiu em São Caetano simplesmente porque um de seus fundadores, na realidade seu realizador, Oswaldo Falchiero, era natural da cidade, onde nasceu em 1916, no Bairro Fundação. Seu pai nascera na Argentina, filho de piemonteses, e a mãe, na bela Itália, em Bologna. E assim começou a Pan sua trajetória que iria pelos anos afora levá-la a um ponto elevado no ranking das indústrias de chocolate.

Começou a fábrica com cerca de 40 operários, trabalhando com máquinas de várias procedências. Falchiero cuidou de pôr em operação o que havia de melhor na ocasião em máquinas para a sua indústria, instalando maquinário heterogêneo em sua origem, mas harmonioso em sua operação. Vieram máquinas inglesas, suíças, alemãs, italianas. Nacionais, apenas algumas máquinas auxiliares. A indústria de máquinas nacionais para o chocolate não fabricava, e não fabrica hoje, os equipamentos principais, porque sua sofisticação e alto custo de produção não permitem a montagem da indústria de máquinas no Brasil, por ser o mercado pequeno. Há no Brasil, ao todo, uma dúzia, se tanto, de grandes fábricas de produtos de chocolate e afins, que consumiriam apenas algumas centenas de equipamentos, cuja comercialização não daria retorno suficiente ao enorme capital imobilizado em prazo hábil para manter a indústria de máquinas viva e sadia.

A Pan começou produzindo, além do chocolate em barras e barotes, os tipos mais tradicionais e conhecidos: bombons de chocolate puro ou recheados, balas de goma, confeitos e *pralinées*. Pouco depois, novos produtos: cigarros de chocolate, lápis de chocolate, que

fizeram a alegria da criançada que passou a consumi-los fartamente. Veio, ainda, o pão de mel, hoje reconhecidamente o *primus inter pares*, ou o melhor do Brasil. A mão de obra compreendia homens já com certo conhecimento do ramo, que foram bem adestrados e guiados por técnico italiano, substituído, poucos anos depois, por técnico brasileiro, vindo dos quadros da própria Pan, na melhor tradição no uso da *prata da casa*. Esse técnico brasileiro formou levadas de trabalhadores cada dia mais especializados e mais profundos conhecedores de todos os segredos da fabricação de chocolates e doces. Iniciada em 1935, a Pan foi ganhando alturas e firmando-se no mercado como produtora de coisas deliciosas, mantendo e melhorando a qualidade de seus produtos.

Para sua felicidade, sofreu menos do que outras indústrias as restrições impostas à indústria de São Paulo pela óbliqua política protecionista da ditadura, especialmente logo após a implantação do *Estado Novo*, quando, em 1937, Getúlio Vargas, vesgamente assessorado por *conselheiros* bisonhos, criou o fascismo brasileiro. Dizem as más línguas, por murmúrios emanados talvez de concorrente maldosos, que a Pan gozava até de certo prestígio por serem seus diretores, diziam, todos italianos e ...fascistas. Tremenda mentira. Aldo Aliberti, italiano de nascimento, considerava-se brasileiro e agia como tal, sem nenhuma ligação com entidade ou associações fascistas. Já Oswaldo Falchiero, brasileiro nato, nascido no então distrito de São Caetano, não podia certamente pertencer ao *Fascio*. Era, ou tinha sido, diretor de uma organização sócio-esportiva, o *Dopolavoro*, criação fascista, mas o seu *Dopolavoro* era uma entidade local, totalmente apolítica e que funcionava em benefício dos trabalhadores da Pan e de outras indústrias, nem todas italianas ou ítalo-brasileiras.

Esportista de jaça, Falchiero era um hábil motociclista e praticava seu esporte com raça e garra, participando, seguidamente, de corridas e competições, vencendo umas, perdendo outras, como qualquer bom esportista. Era sócio do Clube Germânia, que teve, posteriormente, seu nome alterado para Clube Pinheiros, assim como tiveram seus nomes trocados outros vários clubes esportivos do Brasil (principalmente em São Paulo), por determinação do ditador vira-casaca que, de fascista e nazista convicto, passou a *democrata* em 1942...

Falchiero sempre teve grande atuação na vida social de São Caetano, fundando o primeiro Rotary. Mas, acima de tudo, sua vida pertencia à Pan, que continuou dirigindo com maestria pelos anos afora.

Em 1942, trabalhávamos para uma organização britânica, de cunho inteiramente comercial e, por questões de serviço, ficamos sabendo que o governo brasileiro tencionava *ocupar* as empresas pertencentes (ou com cotistas e acionistas majoritários) a alemães, italianos e japoneses.

Foi uma manobra fantasiadamente política que deu bons rendimentos monetários a alguns acólitos que, nomeados interventores nas tais empresas, apossaram-se de seus patrimônios, liquidando-as em nome da lei... Soubemos, na ocasião, que na lista de empresas a serem tomadas estava a Pan, pois tanto Aliberti quanto Falchiero estavam fichados como *fascistas*, italianos.

Sabendo como teria sido injusta, mentirosa e imerecida tal classificação e a conseqüente *ocupação* da empresa, enviamos informação a Aldo Aliberti, através de amigo comum, sugerindo que transferisse



suas quotas para os filhos ou outros brasileiros, evitando, assim, o confisco da Pan.

E aquele amigo comum deu-nos retorno, dizendo que a sugestão havia sido aceita e seguida, e pôde, desse modo, cremos, continuar a Pan em mãos de seus legítimos donos, brasileiros, um, de coração; outro, de pleno direito, pois, embora com sobrenome *de fora* (como eu também...), era genuinamente brasileiro, paulista de São Caetano.

E a Pan foi em frente, chegando hoje ao quinto lugar entre as grandes produtoras de chocolate, já com sua linha enriquecida por um produto dietético que substitui o açúcar por sorvitol e sacarinas. Como muitas das boas indústrias brasileiras, a Pan foi sondada, insistentemente, por produtores estrangeiros para formação de *joint-venture*, o que elevaria muito o seu poder no mercado.

Falchiero e seus diretores não se empolgaram com as propostas, preferindo manter a indústria em sua posição de empresa brasileira, desde os primeiros dias até hoje, servida por técnicos brasileiros, operada por trabalhadores brasileiros e dirigida por brasileiros. Legitimamente brasileira, nacional, auri-verde.

A Pan expandiu-se, continuamente, e hoje é uma sólida sociedade anônima, com diretoria composta por homens de alta capacidade, todos chegando a postos de diretores vindos dos quadros operacionais da empresa. A diretoria atual é assim constituída: diretor-presidente, Oswaldo Falchiero; diretor-superintendente, Luís Rodrigues Neves; diretor-administrativo, Sílvio Roberto Daidoni e, diretor-industrial, Carlos Alberto Oliveira.

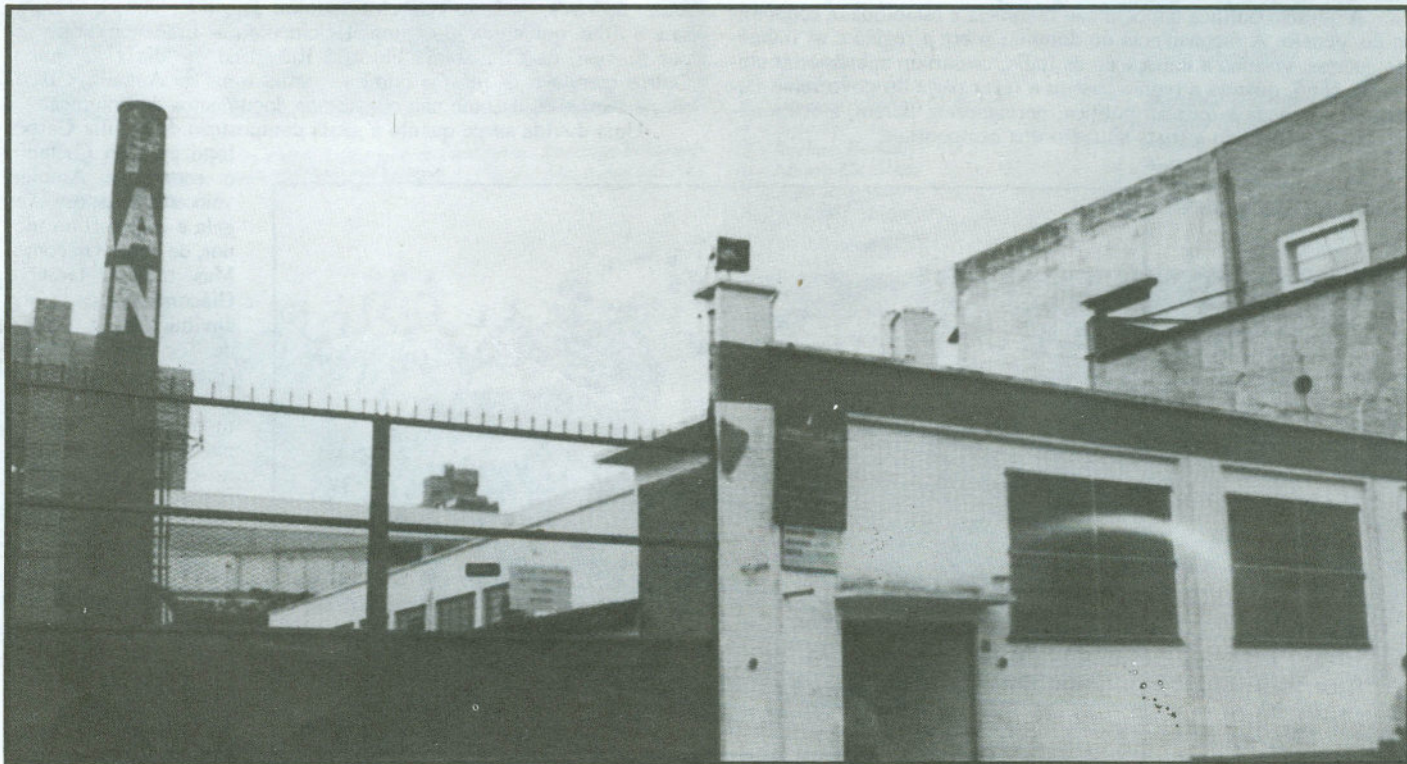
Como todos os industriais de boa jaça, os diretores da Pan, à frente o sr. Falchiero, pretendem expandir a produção, num planejamento urdido há alguns anos, mas em compasso de espera frente à turbulência na economia brasileiro de hoje. E essa expansão haverá, a qualquer momento, pois as máquinas mais modernas, já adquiridas, mais compactas e mais produtivas, não demandam maior área construída.

São Caetano tem, e continuará tendo, em seu acervo a Produtos Alimentícios Nacionais Ltda., dirigida ainda pelas mesmas mãos e o mesmo cérebro, plenamente ativo, de Oswaldo Falchiero que, aos 76 anos, pode ser considerado um dirigente jovem.

---

(\*) *Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu os artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas*

Foto: José Honório de Castro



Fachada da Pan, à rua Maranhão, 835, em foto de 1992. À esquerda, a velha chaminé, com o nome da empresa



# Imigração

## Família Garbelotto e sua trajetória de Cappella Maggiore a São Caetano

Oscar GARBELOTTO(\*)

**C**omune di Cappella Maggiore, 30 de junho de 1863. Antonio Garbelotto, após ter servido no exército austríaco durante oito anos, três meses e catorze dias, nos 5º e 10º Regimentos de Infantaria (Artilharia), e mais dois anos na reserva, demitiu-se definitivamente. Seu bom comportamento mereceu a recomendação da Liga Militar e obteve prioridade para reengajamento. Essas referências são encontradas no atestado de baixa militar que lhe foi entregue pelo comandante do 10º Regimento de Artilharia, coronel C. Peoma, em Lugano, e assinado por Sua Majestade o *kaiser* imperial. O documento foi escrito em alemão, uma vez que a região do Vêneto, à época, estava sob dominação austríaca.

Antonio Garbelotto preferiu voltar para a sua profissão de camponês. Nasceu em 1832, em Cappella Maggiore, então distrito de Serravalle, Província de Treviso, na região do Vêneto. Quando se afastou do exército, estava com 31 anos e ainda era solteiro. Sabia que seu retorno ao campo não seria fácil. Afinal, a opção pelo exército fora uma decisão de sobrevivência, diante do dramático quadro, miserável até, dos campos vênets, onde camponeses, sem trabalho, travavam uma luta contra a proletarização imposta pela industrialização.

A questão política também não favorecia a estabilidade econômica do Vêneto. A inconstância do domínio sobre a região e as inúmeras guerras, visando a unificação da Itália, cessariam apenas em outubro de 1866, quando a região passou a fazer parte do novo reino italiano. Terminada a questão política, permaneceu, porém, a econômica, não modificando a triste situação dos camponeses.

### Os Garbelottos em Cappella Maggiore

Supõe-se que as terras da família de Antonio situavam-se na pequena *comune* de Cappella Maggiore. Talvez bem próximas às atuais propriedades camponesas dos descendentes dos Garbelottos que ficaram na terra natal. É uma região quase plana, de onde se avista a torre da vetusta igreja da cidade e quase ao lado da capela, de origem lombarda, construída no século IX.

Situada nos planaltos, aos pés dos Alpes, Cappella Maggiore sofre os rigores do inverno. Dista da cidade mais importante daquela microrregião, Vitto-

rio Veneto, cerca de cinco quilômetros. E no final do século passado, a afinidade maior era entre Cappella Maggiore e Serravalle, esta última importante centro comercial e produtor de armas brancas desde os tempos medievais. A cidade de Vittorio Veneto surgiu como resultado da fusão de Serravalle e Ceneda, comunas vizinhas, em 1866.

### Família e emigração

Em ano não precisado, Antonio Garbelotto casou-se com Angela Gobbo, e seu primeiro filho nasceu a 3 de agosto de 1872. Como era muito comum, o filho recebeu o nome do avô paterno: Giacomo. A vida camponesa continuava difícil e não restou outra solução senão aquela de partir, junto com outras vinte e seis famílias da mesma região, para o Brasil. O destino era certo: seduzidos pelas promessas de agenciadores, haviam assinado um contrato pelo qual se instalariam como agricultores em colônia do Estado, onde receberiam muitos favores estatais e comprariam terras a preços muito baixos [1].

Tendo assinado um contrato absolutamente unilateral (apenas constava a assinatura do imigrante), na cidade de Gênova, em 30 de junho de 1877, Antonio Garbelotto viajou para o Brasil com a esposa e o filho, que ainda iria completar cinco anos. Embarcaram no vapor *Europa*, da Companhia Florio e Rubattino, no dia 1º de julho. Outros membros da mesma família vieram: o pai de Antonio, Giacomo, e a mãe, cujo nome não consta nos documentos da imigração.

Uma dúvida surge quanto à exata composição da família Garbelotto em São Caetano:

é certo que Antonio veio com a esposa Angela e com o filho menor, de nome Giacomo. Mas o avô, também Giacomo, na carta que enviou à Itália, em 14 de fevereiro de 1889 (melhor comentada adiante), refere-se, claramente, a "filhos" e não apenas a um filho, no caso Antonio. Afirmava ele: "Será provável que voltemos eu e minha esposa....Por isso, preciso que os meus filhos, com as esposas, aguardem."

A resposta mais plausível encaminha-se para um único lado: Antonio Garbelotto era irmão de Gaetano Garbelotto, pai de Gaetano Garbelotto



O negócio de bebidas fundado por Antonio Garbelotto, nos anos 20, ousava ao instituir a entrega da mercadoria aos bares, restaurantes e vendas. Aqui, uma cena do velho carroção, conduzido pelo fiel empregado Antonio, o *Hespanhol*, que se dedicou à empresa até o seu falecimento, em 1960



Filho. A versão ganha mais corpo a partir do esclarecimento detalhado por José de Souza Martins [2.] quanto à grafia do nome de alguns dos fundadores: o sobrenome de Gaetano era Garbelotto, e não Garbelotti, como consta na lápide da Matriz Velha. A família Garbelotto, em São Caetano, foi apenas uma: Giacomo e esposa; Antonio, esposa, Angela, e o filho, também de nome Giacomo; Gaetano, irmão mais jovem, nascido em 1851, sua esposa, e o filho, Gaetano.

### Os Garbelottos em São Caetano

A historiografia local tem tratado, exaustivamente, da vida dos colonos italianos nas precárias instalações da colônia. Dias e anos difíceis esperavam-nos: "(...)vítimas da exploração econômica, da exploração territorial e das já insuficientes condições de vida" [3.]. Para os Garbelottos não foi diferente.

Aos poucos, foram se assenhoreando dos lotes adquiridos e Antonio e sua família instalaram-se no lote urbano nº 2, no Núcleo Colonial, cujo título provisório foi emitido em 1878, em nome de Giacomo Garbelotto (o velho) [4.]. Ali construíram rústica moradia e iniciaram vida nova na pátria escolhida. Gaetano e sua família, por sua vez, instalaram-se no lote nº 22.

As dificuldades e misérias, das quais fugiam, porém, não ficaram distantes. Agora, estavam agravadas por uma terra desconhecida, inóspita, improdutiva, longe do conforto religioso e do atendimento médico.

Com a aquisição de outro lote urbano, o de nº 26, situado bem ao lado direito da capela, também em 1878, em nome de Giacomo (o velho), começaram a desenvolver alguma produção agrícola para o sustento próprio e para negócio. O vinho, produzido pelos Garbelottos e pelos demais do núcleo colonial, chegou a representar algum sustento para os sofridos italianos. A família adquiriu, ainda, dois lotes rurais: os de nº 27, em 1881, em nome de Antonio, divisando com os rios dos Meninos e Tamanduateí, e onde é hoje a rua Mariano Pamplo, e o lote de nº 65, em 1879. Este era um lote rural, um grande porção de terra situada ali onde hoje é a Vila Carioca, divisando com a estrada de ferro [5.]

Cansadas, improdutivas, às vezes insuficientes para alimentar as famílias numerosas, grandes porções de terra significam apenas grandes dívidas, que foram pagas ao governo a duras penas "(...) graças aos subsídios e não aos proventos do trabalho agrícola" [6.], tão adversas eram as condições da lavoura do núcleo.

Tais adversidades acabaram por levar os colonos a outros meios de subsistência, surgindo, assim, a fabricação de tijolos e telhas como o mais promissor, graças à excelência da argi-

Acervo: Edna Benatti Giardullo



*Giàcomo Garbelotto (neto com o mesmo nome do avô, patriarca que retornou à Itália após ter escrito a carta de 1889) teve oportunidade de retornar ao país natal. Tinha saído de Cappella Maggiore aos cinco anos de idade, com os pais Antonio e Angela, o tio, Gaetano, e o avô, Giàcomo, e, em 1926, retornou com a esposa Joanna Fiorotti Garbelotto. Aqui aparece em Montecatini (ele está na frente, o único com chapéu: ela, à esquerda) em foto enviada, em 9 de setembro de 1926, ao amigo Adolpho Benatti, de São Caetano*

la encontrada nas áreas ribeirinhas dos rios Tamanduateí e Meninos. A questão da moradia também era angustiante. Na verdade, os colonos foram trazidos para as terras locais sem a necessária infra-estrutura que pudesse, por pior que fosse, caracterizar um núcleo colonial. Não havia local para alojar as famílias, senão as senzalas, abandonadas há muito pelos beneditinos. Assim, os italianos "(...) foram envolvidos por tarefas relativas à criação das condições mínimas necessárias ao funcionamento do núcleo" [7.]. Tão grave era a questão que, desde a fundação do núcleo até 1879, existiam apenas 45 casas provisórias...Todas em madeira, construídas pelos próprios italianos, afastados, assim, da atividade agrícola

la para a qual foram recrutados nos campos do Vêneto.

### A desilusão de Giàcomo

Exatamente em 14 de fevereiro de 1889, quase doze anos após chegar a São Caetano, Giàcomo Garbelotto (pai de Antonio e Gaetano) revelou, em carta destinada ao compadre Natal Domenico, de Cappella Maggiore, todo o seu inconformismo, sua tristeza e sua revolta com as condições reinantes no núcleo colonial [8.]. Sua intenção de retornar à Itália, por certo, demonstrava as dificuldades enfrentadas pela família, que veio ao Brasil como alternativa de fuga da miséria dos campos vênéticos. A história de Giàcomo Garbelotto veio demonstrar quão ilusórias foram as promessas feitas por Caetano Pinto, no "documento" assinado em Gênova. Tão cedo as famílias vênéticas não se livrariam da dor e do sofrimento de um árduo trabalho, sem frutos palpáveis, sem perspectivas, sem bem-estar.

Giàcomo Garbelotto não deixou outras notícias. Até o momento, não sabemos se voltou, ou não, para Cappella Maggiore. Deixou, porém, um legado pungente, crítica severa, dolorida, das reais condições de vida dos colonos italianos. Sua carta, publicada no livro referido acima, fala por si:

*Caríssimo compadre, ...em abril de 1888, escrevi, informando-te que se alguém de nossa cidade tivesse vontade de vir ao Brasil que fosse bem informado...Os intérpretes fazem como os avaliadores de animais: um promete uma coisa, outro promete outra, e depois que já engajaram a família (eles ganham um tanto por família), conduzem-nas oito horas de trem, atravessando bosques e desertos, e colocam-nas como carneiros em casa de quatro paus e cobertas de terra.*

*Caro compadre: se meu sobrinho tiver a idéia de vir aqui, diga-lhe que desista desse pensamento, pois neste mês de maio espero voltar à pátria, por certo quando*

Acervo: Oscar Garbelotto



*Antonio Bernardo Garbelotto, um dos últimos filhos de Antonio e Angela, nasceu em São Caetano, em 13 de junho de 1882. Casou-se com Ana Scartozzoni e foi fundador do comércio que a família mantém até os dias de hoje: concessionária da Antártica desde 1914. Nesta foto, de 1937, no Gonzaga, em Santos, Antonio, que convalescia de uma doença cardíaca, recebe a visita da sobrinha (Antonia Braido), acompanhada do marido (Vittorio Dal'Mas) e do filho do casal, Ítalo Dal'Mas. A direita da foto, Antonio com a esposa, Anna*



Deus me emprestar saúde. Então, explicar-te-ei melhor. Será possível que voltemos eu e minha esposa.. porque ainda não temos o título definitivo da terra do governo. Pedimos mais do que uma vez, mas dizem que não têm nada. Por isso, preciso que os meus filhos, com as esposas, aguardem. Manda-me resposta, mas duvido que chegue antes de minha partida (tradução de Miro Mário Basso).

### Os filhos de Antonio e Angela

Já em São Caetano, o casal Antonio e Angela teve os seguintes filhos, além de Giacomo, que viera da Itália: Luiza, nascida em 30 de agosto de 1878; Antonio, nascido em 13 de junho de 1882; Maria, nascida em 1885; Tereza, nascida em data não constatada; Anna, nascida em 1880. Fato interessante é a constatação de um outro nome entre os nomeados no inventário dos bens de Antonio Garbelotto: trata-se de "(...) Margarida, casada com Eugênio". No entanto, nenhum descendente dos Garbelottos recorda da existência de filha com esse nome. Os enganos relatados, e quase todos esclarecidos posteriormente nos próprios autos do inventário, teriam origem, possivelmente, no pouco conhecimento e natural simplicidade da colona Angela. Outra hipótese seria a falta de informações maiores do próprio advogado que - diante das dificuldades de comunicação com o núcleo colonial -, teria feito a petição incompleta, com erros, para não perder prazo, retificando-a depois.

Luiza casou-se com Primo Cavassani, e teve os seguintes filhos: Abramo, Otaviano, Maria, Angelina, Damascena, Alcídio, Gilberto, Antonio e José. Maria casou-se com Maximiliano Lorenzini, em 8 de fevereiro de 1907, e teve seis filhos: Hermínio, Riccieri, Mafalda, Gentil, Anésia e Guiomar. Maximiliano foi o pioneiro do cinema local, nos anos 20, tendo construído o Cine Central e o Cine Max, entre outros. Anna casou com Antonio Tomè, em 20 de novembro de 1920, e teve oito filhos: Maria Angela, Ida, Benvenuto, Genoefa, Claudina, Giordano, Zemira e Helena. Tereza casou com o viúvo Giovanni Braidó, recém-chegado da Itália com um filho ainda pequeno, Pietro. Desta união nasceram Angelo, João Nicolau, Luiz, Antonia, Antonio, Izidoro e Thereza. Hermógenes Walter Braidó, três vezes prefeito de São Caetano do Sul, filho de João Nicolau Braidó, é neto de Giovanni e Tereza. Antonio casou-se com Anna Scartozzoni, e teve os seguintes filhos: Arthur, Angela, Albertina, Inês, Maria, Firmino, Victorino, João e Antonio. Antonio, em 1914, iniciou um comércio de bebidas, continuando, por sua vez, pequeno negócio situado no largo da Matriz, transferido por um cidadão alemão, que retornou para a terra natal para defendê-la na Primeira Guerra. Esse comércio gerou a concessionária Antártica, até hoje nas mãos da família, no Bairro Fundação. Finalmente, Giacomo, o primeiro filho de Antonio e o único nascido na família, casou-se com Joanna Fiorotti, e teve apenas um filho, Francisco. Bem-sucedido negociante, Giacomo chegou a possuir, na rua Heloísa Pamplona, uma das mais belas casas da cidade. Em 1926, acompanhado da esposa, voltou à Itália em viagem de turismo.

Acervo: Museu de São Caetano



A família de Maria Garbelotto, nascida em 1878, e casada com Maximiliano Lorenzini aos 8 de fevereiro de 1907. Ao centro, o casal; da esquerda para a direita, os filhos Mafalda, Hermínio, Riccieri, Gentile, Anésia e Guiomar (no colo). Foto de 1927

tornassem à terra natal. A morte de Antonio tornou inviável o retorno de Angela e seus seis filhos. Gaetano tampouco retornou.

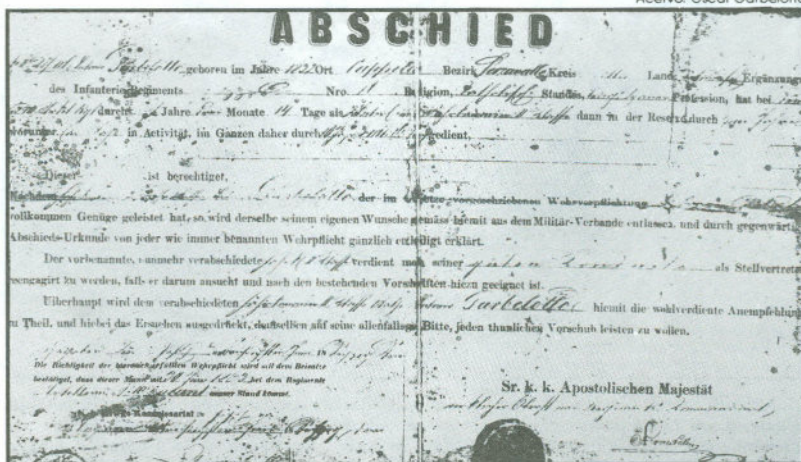
Pode-se somar a isso que apenas em 23 de fevereiro de 1891 o governador Jorge Tibiriçá assinou o título de propriedade de colono dos lotes nº 2 e 26 do Núcleo Colonial, de Angela, e o de nº 22, de Gaetano. Em 8 de outubro de 1890, Angela, através de seu advogado, José Evaristo Alves Cruz, deu entrada ao inventário de bens deixados pelo marido. O advogado assinou, a pedido da suplicante, porque Angela não sabia escrever. No requerimento inicial do inventário, distribuído ao 2º Ofício Cível de São Paulo, alguns erros: o enunciado de uma herdeira, filha, de nome Margarida, casada com Eugênio, desconhecidos para a família. Logo após, indicou a herdeira Thereza, casada com *Bray de Giovanni*, na verdade Giovanni Braidó, e *Jacob*, com 22 anos, quando o certo era Giacomo, com 18 anos. Os demais filhos sequer foram citados na inicial, mas em documentos processuais posteriores constam os nomes na partilha de bens.

### Angela no comando

Apesar dos poucos conhecimentos de Angela, alguns de seus netos não cansaram de elogiá-la e de colocá-la como grande heroína da família. Com cinco filhos (o mais velho estava com 18 anos) pequenos, enfrentou todas as dificuldades que continuaram a surgir diante da família. Lavrou a terra, produziu para o sustento e para o comércio; administrou os bens, as terras; continuou com a olaria. É preciso considerar que, quando Antonio faleceu, haviam decorrido apenas treze anos de sua chegada ao Brasil. Insuficiente tempo para dar razoável independência financeira, mas o bastante para deixar boas porções de terra. A partir de então, Angela conduziu o caminho de seus filhos com segurança. Giacomo, o mais velho, casou-se logo, em 22 de agosto de 1891; tornou-se oleiro e, mais tarde, próspero negociante. Com certeza, foi hábil colaborador da mãe.

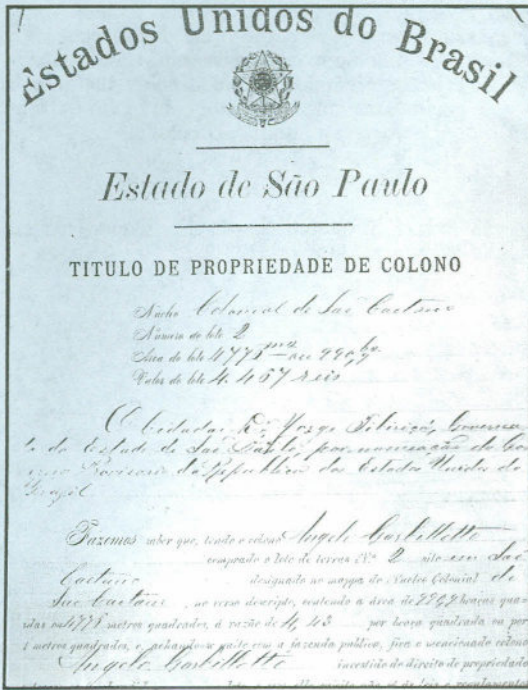
Em certidão expedida, em 23 de outubro de 1895, pelo escrivão Dinis Prado Azambuja, do 1º Cartório de Orfãos, Auseres e Anexos da Comarca de São Paulo, constam os bens que ficaram com Angela para pagamento de sua meação

Acervo: Oscar Garbelotto



Pelo documento - Abschied (Despedida) -, o comandante, coronel C. Peoma, em nome de Sua Majestade, o Kaiser Imperial do Império Austriaco, concedia baixa ao canhoneiro Antonio Garbelotto após quase nove anos de Exército

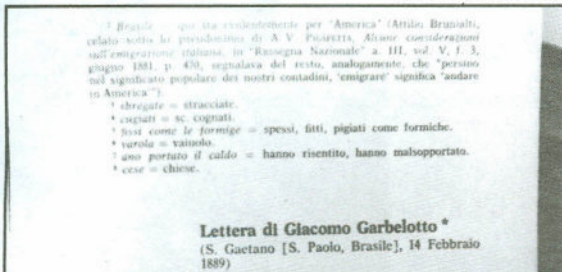




Um dos lotes adquiridos por Giacomo Garbelotto e seu filho Antonio, no Núcleo Colonial, permanece na família até os dias de hoje: localiza-se onde está a Concessionária Antártica, de propriedade da família. Ali, os Garbelottos sempre residiram, desde a chegada do patriarca e de seus filhos Antonio e Gaetano, em 1877. O então Lote nº 2 media 4.776m<sup>2</sup> e foi valorizado pelo governo do Estado em 4.467 réis. Apenas em 23 de fevereiro de 1891 é que o título de propriedade foi expedido para Angela Garbelotto, já viúva de Antonio, pelo governador Jorge Tibiriçá. Giacomo, o patriarca, e a esposa, Angela, haviam retornado à Itália



Os colonos de 1877 deixavam terras que não lhes pertenciam em busca de melhores condições de vida. Poderiam ter sido terras parecidas com estas, nos arredores de Cappella Maggiore. A foto é de propriedade dos Garbelottos radicados na Itália



**Lettera di Giacomo Garbelotto\***

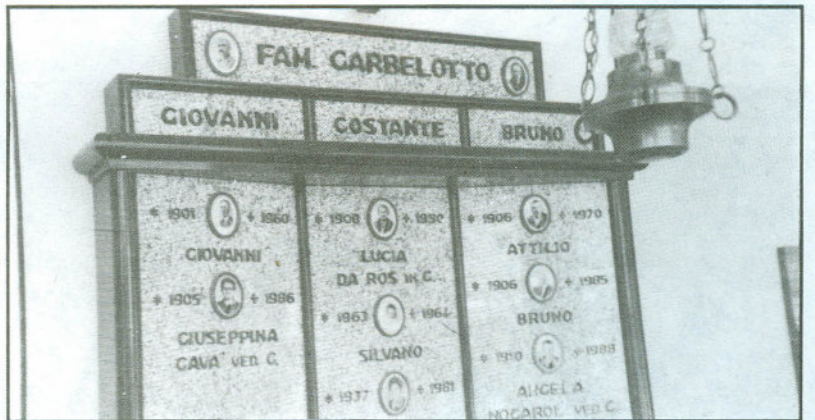
(S. Gaetano [S. Paulo, Brasile], 14 Febraio 1889)

S. Gaetano, li 14 Febraio 1889

Carissimo Compare

Io vengo con queste due righe a farti sapere lottimo stato di nostra salute e così spero anche di te con tutta la intera famiglia. Caro Compare, io ho ricevuto all'arivo d'Aghustino Darè detto titola, che non tu ai mai ricevuto lettera da io e in aprile 88 ti ò spedito una, col farti conoscere che se a caso ghe ne fosse di quelli del nostro paese che gh'avesse il desiderio di venire qui che i fosse bene informati, perché quando rivano qui in emmigrasione a San Paulo bisogna che tu vedi come fanno: Sono tanti italiani interpreti che sono mandati dai signori Bresilisesi, e i vadagna un tanto per famiglia. Questi interpreti fanno come fanno i senseri<sup>1</sup> di la di bestie; uno ghe promete una cosa e l'altro promette l'altra e dopo che i gha tolto su<sup>2</sup> quelle famiglie che ghe ocorno vamo a condurli al posto chi otto ore di treno e più e meno, dentro per questi boschi o deserti e li mettono la come pieghore<sup>3</sup> te una casa<sup>4</sup> su quattro pali e poi smaltà di terra perché i Bresilisesi hanno costume di dormire in tera su una pelle di bue o una stiora<sup>5</sup> e la quando l'interprete al ghe li la condotti il fugge se no i lo amazza, perché i gh'avea promesso una cosa poi le l'altra. Chi ha la fortuna di appoggiarsi sotto paroni buoni e le manco peggio ti garantte<sup>6</sup> ti, con quelli e tanti che a i di-

\* Brasile - que tra evidentemente per "America" (Attilio Brunaldi, refata sotto la presidenza di A. V. PIAGETTA. Alcune considerazioni sull'emigrazione italiana, in "Rivista Nazionale" a. III, vol. V, f. 3, giugno 1881, p. 430, segnalava del resto, analogamente, che "persino nel significato popolare dei nostri contadini, 'emigrare' significa 'andare in America'").  
<sup>1</sup> stragatte = stracciate.  
<sup>2</sup> cogatti = sc. cognati.  
<sup>3</sup> fessi come le formige = spessi, fitti, pigiati come formiche.  
<sup>4</sup> varola = vanolo.  
<sup>5</sup> ano portato il caldo = hanno risentito, hanno mal sopportato.  
<sup>6</sup> esse = cinese.



As raízes da família Garbelotto estão em Cappella Maggiore. Daí o fato de, no cemitério da cidade, encontrarem-se inúmeros túmulos familiares como este

O texto da carta de Giacomo Garbelotto, escrita em 14 de fevereiro de 1889, publicada no livro italiano de autoria de Emilio Franzina - Merica! Merica!. Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina 1876-1902 - (Milano, Feltrinelli, 1979) -, sobre a imigração, dá uma noção exata das dificuldades encontradas pelos colonos. Quanto à questão familiar, não deixa dúvidas: confirma seu retorno à Itália, com a esposa, aqui deixando, para aguardar a regularização das terras, os filhos Antonio e Gaetano e as noras



com o falecimento do marido: 1) parte do lote nº 27, onde havia uma pequena olaria com dependências e pertences desta e uma área cultivada; 2) parte do lote nº 2, com casa de moradia; 3) parte do lote nº 65, sem casas e sem cultura; 4) parte do lote nº 26, sem casas, servindo para o plantio; 5) parte do terreno de 144 mil metros quadrados, nas proximidades da Estrada de Ferro Santos a Jundiáhy (sic), de frente para a Estrada Geral, divisando pelos lados e fundos com um córrego e com o caminho chamado de Cemitério Velho.

Uma análise desse único documento já nos dá a certeza de alguns fatos a respeito da família antes do falecimento de Antonio, em 1890: a) seguramente, moravam na única casa da família, no lote urbano nº 2, situado no mesmo local em que moram ainda alguns netos de Antonio, João e Victorino. Ali mesmo moraram todos os descendentes do casal Antonio/Anna, respectivamente filho e nora do primeiro Antonio. Ali está situada, também, a concessionária Antártica, de propriedade da família; b) a família retirava o seu sustento, à época do falecimento de Antonio, de dois negócios: uma pequena olaria, situada no lote nº 27, e da lavoura que mantinha nos lotes nº 26 e 27; c) nos demais lotes, não produziam nada; d) a exploração da terra, quer na olaria, quer no cultivo, era feito pelos Garbelottos, sempre em local próximo à casa, na atual rua 28 de Julho. Os lotes nº 26 e 27, onde havia plantio, situavam-se, exatamente, ao lado direito da capela, ao longo de toda a extensão da atual rua Mariano Pamplo, tendo como outras divisas naturais os rios Tamanduateí e Me-ninos. Foi a partir dessa base econômica que Angela pôde criar e encaminhar os filhos.

Há notícias sobre os negócios feitos por Angela, mas poucas são as provas documentais. Uma delas, significativa, é a escritura de *concessão*, lavrada no 3º Tabelião de São Paulo, A.A. Baptista, na travessa da Sé, nº 8-A, onde, no livro 41, folha 5, consta que Angela Garbelotto deu, em arrendamento, a Gabriel Branco, um terreno que possui "(...) à direita da ferrovia", pelo prazo de três anos, para que o locatário ali estabelecesse uma olaria, edifícios, casas com dois quartos, sala e cozinha coberta de telhas e toda de tijolos, que ficará pertencendo a ela sob indenização de construção, com abatimento de 10%.

Angela Gobbo Garbelotto cumpriu sua sacrificada missão de forma heróica, superando todos os obstáculos que lhe oferecia a terra desconhecida e difícil. Seus filhos puderam dar aos pais a marca da honradez e do trabalho. Foram ativos participantes na cidade que dava os primeiros passos, tendo contribuído com entusiasmo em todos os movimentos que se seguiram e que solicitavam a união da nascente sociedade. Assim foi com a fundação da importante *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*, em 12 de dezembro de 1892; foi assim com o primeiro clube, o S.Caetano E.C., em 1º de maio de 1914; assim foi que os descendentes responderam, e continuam res-

pondendo, por tudo aquilo que diz respeito a São Caetano.

Ao falecer em 1912, aos 70 anos, Angela, com certeza, sorriu para os filhos que a cercavam e rememorou o dia de sua chegada a estas terras com o marido, Antonio, e o filho de colo. Havia vencido a grande aventura de cruzar o Atlântico, abandonando a sua querida Cappella Maggiore e plantou, em solo brasileiro, com muito trabalho e sacrifício, a sua própria semente: a família Garbelotto.

#### Notas bibliográficas

[1.] *Martins*, José de Souza - **Subúrbio**, São Paulo: Editora Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura; 1992, pp. 228-29;

[2.] *idem, ib.*, p. 70;

[3.] *id., ib.*, p. 30;

[4.] *id., ib.*, p.355;

[5.] *id., ib.*, pp. 355 e ss.;

[6.] *idem* - **A imigração e a crise do Brasil agrário**, São Paulo, Pioneira, 1973, p. 116;

[7.] *idem, ib.*, p. 104;

[8.] *Franzina*, Emilio - **Merica! Merica!. Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina. 1876-1902**. Milano, Feltrinelli, 1979, pp. 163-66.

(\*) *Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Ocupou na administração pública os cargos de diretor do Departamento de Educação e Cultura e diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES). Atualmente, preside a Fundação Pró-Memória de São Caetano; dedica-se, também, ao estudo e pesquisa da História local. Descende de um dos fundadores da cidade, Antonio Garbelotto.*

Revisão do texto: *Morisa Garbelotto Rodegher*

Acervo: Família Garbelotto



A família de Antonio Garbelotto, em 1936, no pátio do local em que funciona, até hoje, a concessionária Antártica, instalada no primitivo lote nº 2 do Núcleo Colonial. Da esquerda para a direita, em pé, aparecem os filhos Arthur, João, Serena, Albertina, Victorino e Firmino. Sentados, da esquerda para a direita: Thereza (esposa de Arthur), Angela, Antonio Bernardo Garbelotto e sua esposa, Anna Scartozzoni Garbelotto, Maria e Ignês. As crianças, da esquerda para a direita, são: Vilma e Oscar (filhos de Arthur e Thereza), e Antonio, o mais jovem filho. Era uma família de cinco filhos e cinco filhas



# A Bulgária também conta história

Jocimara SPERATE (\*)

**S**ituada entre a Ásia Menor e o Sudeste europeu, a Bulgária sempre foi alvo de inúmeras batalhas pela posse de sua área fértil, com pouco mais de 111 mil quilômetros quadrados. As conquistas romanas, as invasões bizantinas, eslavas, turcas e duas grandes guerras mundiais marcaram períodos dolorosos na História do país. Neste século, de monarquia o país tornou-se república socialista em poucas décadas.

Todas essas alterações radicais chegaram a gerar desconforto. Nos anos 20, centenas de emigrantes lotaram vagões de trem e navios em busca de melhores condições de vida e paz em outros continentes. O fenômeno ocorreu na Europa inteira. Eram viagens cansativas. No caso búlgaro, podiam ser nove dias de trem e vinte dias de navio. Foi o caso da família Dimov, originária da cidade búlgara de Valiaperja.

Cansados do "regime escravagista", os Dimovi decidiram vir para o Brasil. A Segunda Guerra Balcânica aconteceu em 1913: a Bulgária foi derrotada e nos territórios do norte houve invasão romena. Júlio Dimov explica que "viver sob o regime romeno foi um verdadeiro massacre para os búlgaros, naquela época e por isso meus pais suportaram quanto puderam".

Os Dimovs saíram com documentação romena. Eram os pais, os filhos e o avô: Ivan, Maria, Irena, Júlio, Ana e Basílio, respectivamente. Aportaram no Brasil em 31 de março de 1926. Júlio relata que foram transportados para São Paulo. No bairro do Brás, ficaram na Hospedaria dos Imigrantes. "Na seleção, ficamos sabendo que diversas fazendas necessitavam de trabalhadores braçais e co-



Acervo: Família Dimov

A família Dimov, em 1926, no dia em que partia rumo ao Brasil

Assim, os Dimovi ficaram apenas 15 dias em Itu. O trabalho na plantação de café era estafante. Havia, ainda, a dificuldade de comunicação em função da incomunicabilidade entre o búlgaro e o português. Regressaram à Hospedaria dos Imigrantes. "Ali disseram-nos que em São Caetano do Sul havia uma família italiana, os Castelottis, que abrigava imigrantes até que se estabelecessem".

Quando Júlio Dimov chegou a São Caetano, em 1926, tinha 14 anos. Hoje, depois de 66 anos, já comemorou 80. Os Dimovi foram



Acervo: Revista Raízes

Júlio Dimov, com a esposa, em foto de 1992

mo estávamos acostumados a trabalhar com a terra, aceitamos. Indicaramos uma fazenda em Itu. Fomos nós e mais algumas famílias".

Em Itu, a maioria dos imigrantes não se adaptou aos novos costumes, tudo agravado pela falta de comunicação. Muitos deles acabaram regressando à Bulgária. "O entendimento era difícil. As pessoas estavam acostumadas a um determinado lugar e sentiram-se perdidas com tudo aquilo tão diferente. Muitos fatores influenciam o imigrante a ficar ou a ir embora. Nós ficamos" complementa Júlio Dimov.

Quando Júlio Dimov chegou a São Caetano, em 1926, tinha 14 anos. Hoje, depois de 66 anos, já comemorou 80. Os Dimovi foram morar à rua Castro Alves, com os italianos da família de Pedro Castelotti. "Naquela época - conta Júlio -, a cidade não oferecia muita coisa. Quase todas as ruas eram de terra. Encontramos dificuldade para conversar com as pessoas, novamente". Assim mesmo, a pequena cidade cativou-os. Tanto que os poucos réis da família foram para a compra de um lote de terra, de 10 por 32 metros, na atual Avenida Roberto Simonsen, onde residem até hoje. "O dinheiro deu apenas para o terreno, não tínhamos como construir





Júlio Dimov com a esposa, em Sófia, capital da Bulgária, em 1976: o primeiro passeio no país de origem, meio século mais tarde

uma casa. Era preciso procurar outra fazenda para juntar o dinheiro. O objetivo já era ficar em São Caetano” lembra Júlio.

Um imigrante russo teria dito aos Dimovi que uma fazenda em Sumaré estava contratando mão-de-obra para o plantio do algodão. Os Dimovi foram para lá e permaneceram um ano. A seguir, arrendaram uma área em Elias Fausto, Salto de Itu. “As terras eram de um suevo, 100 alqueires por um preço de 25 réis por mês. Dividimos a área em três partes iguais, com três casas de pau-a-pique: uma era para o meu compadre, outra para a minha irmã e meus pais e outra para minha mulher, Ana, e eu” recorda-se Júlio.

Os Dimovi plantaram algodão, contrataram outras pessoas. Surgiram algumas problemas com o novo meio e com alguns trabalhadores. Mas a dificuldade maior surgiria em 25 de outubro de 1938. Durante o segundo plantio de algodão, uma tempestade destruiu tudo. Isso apressou o retorno a São Caetano. Alugaram uma casa à rua Major Carlo Del Prete, próximo ao portão principal da fábrica de cerâmica. O avô Basílio já havia falecido. A família, contudo, havia crescido também. Por volta de 1941, a casa estava praticamente acabada: um salão, uma sala, um quarto e uma cozinha. Enquanto não era possível tocar um negócio próprio, Júlio Dimov trabalhou em fábricas da cidade, tais como a antiga fábrica de botões e a Cerâmica São Caetano. Em 1947, um amigo emprestou-lhe seis contos de réis. “A General Motors estava vendendo caixas de madeira que traziam carga dos Estados Unidos. Gastei cinco contos de réis com a madeira assim comprada para construir pequenas bancas no salão da casa. Comecei vendendo bananas. Abria o mercadinho às 4h30. Minha mulher e eu trabalhávamos 18 horas por dia”.

De 1952 a 1968, o mercadinho dos Dimovi vendeu produtos da Swift. “A empresa chegou a fazer até uma reportagem conosco, porque fomos os primeiros a comercializar em São Caetano os frios e o creme de leite. Depois, o salão acabou sendo alugado” - explica Dimov.

A maior parte de sua longa vida dedicada ao trabalho, Júlio Dimov afirma que começaria tudo de novo, se preciso, para organizar sua vida em São Caetano. Hoje, a Bulgária faz parte de uma remota lembrança, embora Ana e Júlio tenham visitado a terra de origem, pela primeira vez depois de 50 anos, em 1976. “Senti-me como um turista. No íntimo, sabia que ali era a minha pátria, mas meu coração dizia sempre que logo estaria de volta ao Brasil, à pequena São Caetano” finaliza Júlio.

## Passado longo

A formação da Bulgária data do século VI de nossa era, quando populações eslavas penetraram na Península Balcânica, absorvendo os povos autóctones que já haviam sido dominados pelo Império Bizantino. Depois há um novo fator na História local: tribos mongóis (utríguros e cutríguros) aparecem na região, conquistam a população eslavizada, impõe uma forma de governo e os nômades das estepes da Ásia Central formam um estado. Os utríguros e cutríguros faziam parte de um povo chamado búlgaro, que emprestou o nome aos búlgaros de hoje (eslavos e ortodoxos). Os búlgaros falam uma língua eslava. Dos utríguros e cutríguros resta apenas o nome do país. No final do século IX, sob o reinado de Simeão I (893-927), a Bulgária foi um potente império do Sudeste europeu. Chegou a sofrer invasões bizantinas. Guerreou com outros vizinhos diversos. Mas, no século XIV, a invasão dos turcos otomanos geraria cinco longos séculos de lutas e problemas no país. No século passado, a Bulgária conseguiu reconquistar - depois de inúmeras revoltas populares e guerras contra os ocupantes turcos - a sua autonomia. Foi com o Tratado de Santo Estevão, no final dos 70. Em 1908, a Bulgária torna-se definitivamente independente. Novos problemas surgiram, contudo. Em 1912, Bulgária, Sérvia, Grécia e Montenegro aliam-se contra os turcos, que são derrotados. Era a Primeira Guerra Balcânica. Em 1913, a Bulgária declara guerra aos antigos aliados e sai derrotada. A seguir vem a Primeira Grande Guerra, quando os búlgaros lutaram ao lado de austríacos, húngaros e alemães. Finda a guerra, ocorre a ascensão de um regime fascista no país. Em 1941, os búlgaros lutam ao lado da Alemanha de Hitler. Finda a Segunda Guerra, é proclamada a república e acaba sendo instaurado um governo comunista. Hoje, a exemplo de muitos outros países da Europa Centro-Oriental, a Bulgária atravessa momentos de grandes alterações políticas, sociais e econômicas. (A.J.)

(\*) Jocimara Sperate, jornalista, trabalha na Prefeitura de São Caetano do Sul



Fac-simile do passaporte da família Dimov, emitido pelo Reino da Romênia que, depois da Primeira Guerra Balcânica, se apossou da região denominada Dobrudja, com população mista (romena e búlgara)



# A presença espanhola em São Caetano do Sul (\*\*)

Sônia Maria Franco XAVIER e  
Jayme da Costa PATRÃO (\*)

O fenômeno migratório espanhol no Brasil conta com poucos estudos, apesar do elevado número de membros dessa comunidade em nosso país. A vinda dos espanhóis para cá, num fluxo considerável, deveu-se, inicialmente, à política migratória do Estado de São Paulo, que atingiu o seu apogeu no quinquênio 1910-1914.

Existem registros [1.] sobre a presença dos povos ibéricos nas terras de Tijuçu desde fins do século XVI. Diogo Sanches, natural de Castela, região central da Espanha, alfaiate, veio para São Paulo, onde fixou residência, e casou-se com Isabel Félix, irmã do famoso bandeirante Jacques Félix. De acordo com documentos pesquisados, os Sanches e os Félixes foram os primeiros habitantes dos campos de Tijuçu, tendo aqui chegado antes de 1595. Miguel, filho de Diogo Sanches e Isabel Félix, ao que tudo indica, nasceu em Tijuçu, tornando-se o primeiro sancaetanense.

Entretanto, para melhor caracterizar a influência do operoso povo espanhol no desenvolvimento da cidade, devemos reportar-nos a três fases distintas do fluxo migratório, conforme veremos adiante.

## 1ª fase: imigração contratada

No final do século passado, a política migratória encontrou terreno fértil na visão dos espanhóis, principalmente camponeses do sul peninsular (Andaluzia) que, em sua maioria, foram atraídos pelo benefício da passagem gratuita. Recrutadores percorriam os povoados e aldeias do Sul, oferecendo viagem a todos os grupos familiares que desejassem vir para as plantações de café de São Paulo. O trabalho de Élda Evangelina González Martínez indica que o número de imigrantes vindos para as fazendas foi grande, mas, devido às más condições de vida e trabalho, houve muita insatisfação e muita mudança das famílias para as cidades próximas. Vieram nesse tipo de imigração João Ascêncio, José Cedeño Cerván e Antonio Liron Millan, que, sentindo as dificuldades de vida nas fazendas, procuraram um novo local, estabelecendo-se como autônomos em São Caetano. A esse respeito, encontramos na imprensa madrilenha alguns artigos isolados, como o publicado no *El País*, de Madri, que caracterizavam as fazendas de café como cárceres em que se encerravam os colonos como se fossem presidiários. Como consequência, o Conselho Superior de

Ilustração: Jayme da Costa Patrão



Emigração propôs a proibição de migrar para o Brasil com passagem subsidiada, fato que aconteceu em 26 de agosto de 1910, quando foi promulgado o Real Decreto. Apesar da legislação, sabemos que a imigração contratada funcionou até o final dos anos 20, através do porto de Gibraltar, procedente de Almería, Málaga e Granada. Examinaremos, em seguida, depoimentos colhidos a esse respeito.

## Maria Alonso Wamondes

Em depoimento colhido no Lar Nossa Senhora das Mercês, em março de 1989, Maria Wamondes informou que nasceu em São Caetano, em 1897, filha do segundo casamento de Casemiro Alonso com Regina Righetto Alonso. Ela lembrou-se, com saudade, da pequena cidade de São Caetano, que se formava aos poucos, devagar, todavia com progresso. Falou dos pais e irmãos e foi com terna saudade também nos olhos cansados que contou a vida do pai:

“Meu pai trabalhava na SPR (São Paulo Railways). Era maquinista. Foi ele quem trouxe, no dia 28 de julho de 1877, os imigrantes italianos para São Caetano”.

Segundo a filha, o velho Alonso era um espanhol forte, de estatura baixa; usava bigodes grandes e cavanhaque, moda na época. Casou-se duas vezes. No primeiro matrimônio, teve uma filha, Fiorentina; no segundo, foram quatro filhos: Hermínia, Maria, Antenor e Casemiro.

“Ele conhecia bem a Fazenda São Caetano antes mesmo que a primeira leva de imigrantes aqui chegasse, porque foi ele quem trouxe, também, o segundo grupo de italianos. Acompanhando a vinda dos italianos, meu pai logo percebeu que o local de desembarque tinha futuro e comprou uma gleba de terra, ao lado da linha do trem, justamente onde hoje se localiza a Companhia Texaco. Construiu sua casa e montou um armazém de secos e molhados que, depois, passou a ser pensão, inclusive. O armazém do Casemiro foi o primeiro da cidade. Tempos depois, passou a ser conhecido como *Armazém da Estação* [2.]. O segundo estabelecimento, vizinho da estação da SPR, foi o de Gino Foratini, chamado de *Armazém dos Italianos*. A concorrência foi grande e os imigrantes passaram a comprar apenas no local em que se falava italiano. Resultado: o armazém de Casemiro Alonso fechou as portas, mas a pensão continuou durante longos anos. Quem sempre tomava as refeições ali era Mariano Pamplona, e



proprietário da primeira indústria da cidade. A fábrica acabou sendo vendida para os Matarazzos que lá se instalaram, aumentaram as dependências, progrediram e hoje, setenta anos mais tarde, o local está desativado”.

Tempos depois, Casemiro Alonso passou a criar gado e a vender leite em toda a região. “Apesar da dificuldade toda - prossegue Maria Wamondes -, éramos uma família feliz. Meu pai era um bom homem. Gostava de comer bem e não dispensava um bom vinho. Adorava ficar com a família e seu esporte favorito era pescar no rio Tamanduatef. Cultivava uma pequena chácara no local em que está a Texaco. Plantava verduras e legumes e campim para a ração do gado”.

Dona Maria conta, ainda, que a cidade não possuía delegacia de Polícia. Seu pai foi o primeiro delegado indicado por São Paulo e, quando prendia alguém, o detido era conduzido para São Bernardo, amarrado e sobre uma carroça. Com o tempo, o terreno da família foi vendido para as instalações da Texaco. As casas foram sendo conservadas até recentemente, na altura da rua Comandante Salgado que, por justiça, deveria chamar-se rua Casemiro Alonso (segundo observa a filha), porque se trata de faixa de terra doada à Prefeitura de então. As pessoas passavam pelo terreno de Alonso para chegar à estação; por isso, ele decidiu que seria melhor abrir uma rua.

O velho Alonso era um homem muito alegre e bem-humorado. Em conversas e brincadeiras, demonstrava que se fazia, apesar da amizade entre os dois povos, diferença entre italianos e espanhóis, narra a filha. Na hora da subida para o trem, rindo, Alonso gritava para a plataforma:

- Passageiros de trem! *Carcamos* e galegos também...

Alonso faleceu aos 88 anos. Está na sepultura 47 do Cemitério de Vila Paula.

### Antonio Liron Millan

Nasceu em março de 1906. Era espanhol e veio com os pais para o Interior de São Paulo. Encontrando grande dificuldade no trabalho das fazendas, decidiu, em 1912, tentar a sorte em São Caetano. Veio morar próximo a uma venda de secos e molhados, na rua Alegre, que era de Domingos Ricci. Antonio Liran e o irmão João fundaram a primeira Igreja Batista da cidade, que possuía uma orquestra de que faziam parte Antonio e esposa (ele tocava violão; ela, bandolim).

Liran foi peão campeiro e pegava o gado na ponta do laço. Trabalhou na Matarazzo e no matadouro de Gigio Martorelli. Depois, durante trinta anos, na Mineração Geral do Brasil. Em 1917 chegou a trabalhar na Companhia Mecânica Importadora, juntamente com mais de duzentos espanhóis e argentinos. Lembra-se bem do curandeiro Vicente e das roma-

Acervo: Museu de São Caetano



Encarnación Albertos Jiménez, em 1962, em traje típico valenciano

rias de gente necessitada à sua procura. Casou-se, em 1935, com Alcina Gomes de Souza. O casal teve três filhos. Hoje está aposentado e ainda mora na cidade.

### João Ascêncio

João Ascêncio e Maria Remédio Dourador Brasil vieram da Espanha para o Brasil em 1897. Ficaram no Interior, na Fazenda Quilombo, região de Indaiatuba. Tiveram 11 filhos: o mais velho nasceu na Espanha; o mais novo, em 1915, na fazenda. Chegaram a São Caetano em 1917. Ascêncio comprou um terreno na esquina da rua Gonzaga com a Nossa Senhora de Fátima e Rio de Janeiro. Era quase uma chácara e ele criava vacas e tinha um pomar com jardim. Vendia leite, frutas e verduras. A região, na época, era apenas mato. É disso que se lembra Salvador Ascêncio, que está com 77 anos e chegou a São Caetano aos dois anos de idade. Casado com Idalina Zaia, tem três filhos (Yolanda, Salvador Filho e Neuza).

### Antonio Ribas

Chegou a São Caetano em 1942 para vender frutas na rua. Vivia de Sorocaba, onde era lavrador. Morou na Vila São José (à rua Bédia) que, naquele tempo, não era dotada de luz ou calçamento. Não havia ônibus. O transporte coletivo chegava apenas à rua Engenheiro Rebouças. Depois, Ribas trabalhou com táxi, tendo posto junto ao Cine Vitória. Mais tarde, montou a Metalúrgica Ravelli. Hoje possui uma loja de lustres à rua Alagoas.

Francisco Cerván Frias

### Francisco Cerván Frias

“Meu pai era José Cedeño Cerván, nascido na Espanha, em Málaga, e sua história começa no início do século, quando os pais dele, levados por dificuldades econômicas, resolveram vir para São Paulo com o objetivo de trabalhar nas fazendas de café. Faziam parte do grupo que tinha passagem subsidiada e, chegando a Santos, eram encaminhados para a agricultura. De uma fazenda para outra o desencanto trouxe-os para São Caetano” conta Francisco Cerván.

Barbeiro de profissão, José Cedeño Cerván é também poeta: doou ao Museu Municipal os originais de um livro de poesias em que, com muita simplicidade, conta toda a história de sua vida, como as

Acervo: Museu de São Caetano



Festa típica da Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos, em 1989 (doação: Marcial Mariñas Campelo)

dificuldades no trabalho, o nascimento de seus filhos e uma quantidade de bons exemplos que, em sua opinião, foram a herança que pôde deixar para os netos. Com páginas já amareladas pelo tempo, um pequeno caderno intitulado *Los verdes años de mi vida* reúne extensa coleção de poesias que obedecem a uma ordem cronológica. Trata-se de um manuscrito que narra as aventuras da imigração espanhola em São Paulo. Momentos de alegria e tristeza fundem-se na descrição do trabalho nas fazendas de café ou da saudade dos amigos e familiares distantes.



## 2ª fase: industrialização

Com o desenvolvimento industrial da cidade, houve necessidade de mão-de-obra especializada. Fez-se muita propaganda nos países vizinhos para a vinda de técnicos para o Brasil. Foi então que, no final dos anos 10, chegou ao país grande número de espanhóis oriundos da Argentina, em busca de melhores condições de vida.

Os depoimentos de Mateus Aldecoa, Antonio Vidalez Morales, Antonio Gomes e Mário Del Rey exemplificam esta corrente migratória que saiu da Espanha rumo à Argentina e, depois, veio para o Brasil.

### Mateus Aldecoa Valle

Nascido em São Caetano, em 3 de novembro de 1932, é filho de Tomás Aldecoa Valle, original de Bilbao (onde nasceu em 7 de março de 1891). Conta que o pai, Tomás, era laminador e, durante a mocidade, devido às dificuldades de trabalho, imigrou para a América do Sul, em 1910. Fixou-se em Buenos Aires, com outros espanhóis e bascos. Cabe lembrar que os bascos possuem uma cultura diferente da dos demais espanhóis.

Em 1914, esse grupo de espanhóis e bascos foi recrutado para trabalhar nas atividades de uma laminação de ferro em São Caetano. "Em 1917, meu pai casou-se com uma italiana, contrariando a vontade do sogro, italiano que não queria espanhóis na família - conta Mateus Valle -. O casamento foi realizado, de forma secreta, num cartório da Moóca. Alguns meses depois, casaram-se na igreja, em Santo André, em cerimônia oficiada pelo padre Luiz Capra. É interessante notar que, quando fui tirar o passaporte de minha mãe, fiquei sabendo que uma italiana que se casava com um espanhol perdia a cidadania italiana e adquiria a espanhola. Com surpresa, fiquei também sabendo que para tirar o passaporte espanhol de minha mãe, precisaria ter o registro de casamento no religioso, porque o civil não servia. Meus pais tiveram sete filhos, alguns já falecidos. Sempre viveram em São Caetano".

Tomás Valle trabalhou de 1914 a 1932 na Metalúrgica Importadora São Paulo, junto com muitos outros espanhóis. Em 1932, houve uma greve que durou três meses. Houve quebra da greve, mas os que se mantiveram firmes acabaram sendo despedidos. A partir daí, Tomás e um grande grupo de espanhóis foram trabalhar em metalúrgicas de São Paulo. A Metalúrgica Importadora foi adquirida pela empresa Jafet, em 1956, e vendida para a Saad, nos anos 70. Hoje, está tudo desativado.

A família Aldecoa possui um brasão que, segundo Mateus, remonta ao ano de 1192. "Aldecoa quer dizer *o da vizinhança, o que reside perto*. Isso consta na Heráldica. Digo que um basco é nobre não pelo sentimento de realeza, mas pelo modo de agir. Existe um sentimento no basco de que ele não é espanhol, tanto na língua, quanto no aspecto físico. Bascos vivem na Espanha e no Sul da França. Muitos outros bascos identificaram-nos pelo nome e, assim, acabaram se aproximando de nós" conta Mateus Aldecoa.

### Antonio Vidalez Morales

Com a idade de 18 anos, saiu de León, região de Castela, sua terra natal, e embarcou para a Argentina, onde, na província de Mendoza, colhia maçãs. Pouco tempo depois, embarcou para o Brasil e foi trabalhar na Companhia Mecânica e Importadora, de propriedade

Acervo: Museu de São Caetano



Armazém Pega-Fogo, de secos e molhados finos, em foto sem data. Era um grande depósito de vinhos, azeite e conservas, à rua Tiradentes, 23 (doação: Mário Del Rey)

de propriedade de Angelo Raphael Pellegrino. Um alemão vinha de São Paulo e, aos domingos, utilizava o armazém de Antonio como escritório de venda dos terrenos.

### Antonio Gomes

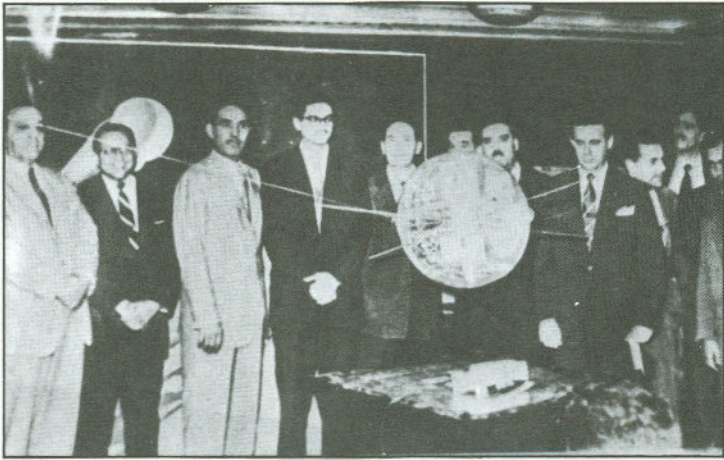
Comerciante, natural de Málaga, casado com Victória Romero González, natural de Granada, formaram família próspera. Antonio, ao sair de sua terra natal, foi para a Argentina e colhia também maçãs em Mendoza. Veio para o Brasil. Casou-se em Jaú, no Interior. Em São Caetano, a família tem diversos negócios bem sucedidos.

### Ignácio Del Rey

Ignácio Del Rey, filho de espanhóis, nasceu na Argentina e com a idade de sete anos veio para São Caetano, em 1920. Fez os primeiros estudos numa escola da rua Rio Branco (atual Maximiliano Lorenzini), dando continuidade no Grupo Escolar Senador Flaquer; depois, frequentou o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. "Meu pai - explica Mário Del Rey -, foi um dos grandes comerciantes da cidade. Em 1931, fundou o primeiro estabelecimento comercial de sua propriedade, o *Armazém Pega-Fogo*, em local próximo ao cemitério da Vila Paula. Em 1941, fundou uma indústria de brinquedos de madeira, muito procurados na época, e que se localizava à rua Santa Catarina. Construiu os primeiros prédios do Município. O primeiro foi inaugurado em 1936, à rua Baraldi, 883, o primeiro de uma série. Na rua Rio Grande do Sul, esquina com Niterói (prédio conhecido como *IA-PI*), na esquina de Manoel Coelho com Niterói, Rio Grande do Sul e Goiás, e outros". Na verdade, Ignácio fundou, também, a firma *Irmãos Del Rey Cia. Ltda.*, responsável pelo lançamento de marcas e produtos, como *Frigidaire* e *Arno*, e foi pioneiro na venda de eletrodomésticos e televisores em São Caetano.

Ignácio Del Rey foi um grande entusiasta da astronomia, tendo promovido diversas conferências e exposições sobre o tema. Fundou a Associação dos Amadores da Astronomia, em 16 de março de 1956, e construiu um observatório astronômico - um telescópio do tipo Newton, com espelho parabólico de 405mm de diâmetro e 2.520 mm de distância focal, com aumento de 360 vezes, na época, um dos maiores do país. A associação possuía ainda um telescópio tipo refrator, de 10mm de diâmetro e 1.500 mm de distância focal, com aumento de 171 vezes. Integravam a entidade Ignácio e Francisco Del Rey, Odilon de Souza Mello, Francisco Jara, Miguel Penna, Argemiro G. de Oliveira, Eduardo Martin Miguel, José Astolfi, João Millo Ferrari, Manoel Gutierrez Durán, Felipe Del Rey, Danilo Bessa, Américo Cavalini e Milton Scalzaretto. Dentre as várias exposições promovidas por Del Rey, cabe lembrar a da réplica do satélite americano *Vanguard*, meses depois do seu lançamento.





Satélite norte-americano Vanguard: réplica exibida em São Caetano. Cerca 1958 (doação: Mário Del Rey)

### Agostinho Gomes

Agostinho Gomes nasceu na Argentina, em 1915. Era descendente de espanhóis. Veio criança para o Brasil e conservou de suas raízes a paixão pelo tango e pelo chá, tomado diariamente à moda porteña. Amante do futebol, ficava dividido quando jogavam Brasil e Argentina. Chegou a São Paulo com os pais, tios, avós e cinco irmãos. A família dedicou-se ao comércio e à construção civil. Foram todos para Franca, onde construíram casas para colonos em fazendas e também residências finas na cidade. Agostinho Gomes cursou o primário naquela cidade do Interior. Chegou a São Caetano por volta de 1927: toda a família veio morar no Bairro Monte Alegre. Foi aluno do professor Benedito de Moura Branco, no Curso Noturno Santa Terezinha. A exemplo de outros jovens caetanenses, chegou a frequentar escolas em São Paulo. Contador formado, exerceu a profissão. Gostava de esportes. Era o sócio nº 13 do Centro Recreativo, Esportivo e Atlético Coríntians e sócio nº 536 do São Caetano E.C. Jogou futebol em ambos os clubes. Foi, ainda, sócio do A.A. São Bento e chegou a ser diretor do Clube Comercial. Em 1936, casou-se com Gracieta Mercúrio; tiveram duas filhas e seis netos.

Quem presta estas informações a respeito de Gomes é a filha, Noemia Rodrigues de Rezende, lembrando que o pai iniciou a vida profissional como operário das Louças Adelinas, ali permanecendo até terminar o Curso de Contabilidade. Deixou a empresa para abrir seu próprio escritório - Auditoria Contábil São Caetano - que funcionou durante três décadas à Avenida Conde Francisco Matarazzo, 74. Foi sócio da Porcelana Saviel (situada à rua Alagoas), nos anos 40. Mais tarde, tornou-se sócio da empresa Móveis Dilar, fábrica que se instalou à rua Paraíba, 143, nos anos 50. Também foi sócio da Cerâmica Cerart, que funcionou à rua Maranhão, 1.276.

### 3ª fase: as guerras

Esta fase caracteriza-se por ser uma imigração gerada pelas dificuldades causadas pela Primeira Guerra Mundial e pela Guerra Civil Espanhola. Os que vieram eram principalmente espanhóis oriundos da Galícia, que possuíam tradição imigratória individual, quase sempre com destino aos grandes centros urbanos. Os homens vinham sozinhos, não subvencionados para fazer a América. Estabeleciam-se no comércio e indústria, como pequenos empresários. Uma vez bem sucedidos, traziam as famílias. São Caetano tem vários desses casos.

#### Ildefonso Mercado

Nascido na Espanha, Mercado veio para o Brasil ainda criança. Radicou-se em Sorocaba. Com quarenta e quatro anos, transferiu-se para São Caetano, indo morar no Bairro Nova Gerti. Chegou aqui em 1947, época em que o bairro era um campo com poucas casas, distantes umas das outras, sem calçamento, sem iluminação. As con-



- 1 - ?
- 2 - ?
- 3 - Ignácio Del Rey
- 4 - Cláudio Musumeci
- 5 - Francisco Del Rey
- 6 - Antonio Caparroz Guevara
- 7 - Manoel Gutierrez Durán
- 8 - Odilon de Souza Mello
- 9 - Dirceu Luiz
- 10 - ?
- 11 - ?
- 12 - ? Gonçalves

quistas do bairro foram obtidas pelos moradores, liderados por Ildefonso. Esteve sempre ligado às atividades comerciais: teve um posto de gasolina à rua Visconde de Inhaúma (no local em que hoje está o Banco Noroeste), e uma farmácia (*Farmácia Popular*). Foi casado com Ana Mercado Serrano, com quem teve cinco filhos: Dionísio, Ildefonso, Alcides, Heloísa e Elza. Mercado liderou a criação da Sociedade Amigos de Vila Gerti.

#### Antonio Caparróz Guevara

Filho de Antonio Caparróz Canova e Antonia Guevara Rodriguez, naturais de Almería (porto do Mar Mediterrâneo), nasceu em 1907. Veio para o Brasil com a família e morou em São Paulo, no Brás, até 1922, ano em que mudou para São Caetano. Em 1929, Antonio Caparróz Guevara casou-se com Mariana Morales Salgueiro, nascida em Málaga, outra cidade mediterrânea. Tiveram quatro filhos: Flora, Lila, Arlindo (falecido) e Luci.

Caparróz Guevara sempre desenvolveu grandes atividades políticas e sociais. Foi líder autonomista, em 1948; fundador do Rotary Clube de São Caetano. Atuou como empresário no ramo de calçados e foi o primeiro (talvez único) patrão puramente socialista, a conceder participação nos rendimentos de sua fábrica aos empregados, que passaram a ser sócios de sua empresa. Como suas idéias socialistas acabaram socializando os lucros, e não as perdas, Guevara houve por bem dissolver a sociedade e voltar ao regime capitalista.

Guevara possui vários títulos honoríficos e medalhas de benemerência. Orgulha-se em dizer que, em 1989, completou 60 anos de casamento com dona Mariana.

Nota curiosa: uma das irmãs de Antonio Caparróz Guevara, Antonia, foi a desditosa esposa do ativista político Francisco Marques, sapateiro em São Caetano, preso e recambiado para a pátria, julgado sumariamente e fuzilado pelas tropas do ditador espanhol Francisco Franco.

#### João Caparroz Ruiz

Filho de Antonio Caparroz Navarro, natural de Almería, veio para o Brasil. Em São Carlos, no Interior paulista, conheceu Maria Ruiz Merino, brasileira de origem espanhola, com quem se casou. Ruiz foi um empresário do ramo de calçados; era sua a Indústria Astral Ltda., situada à rua Oswaldo Cruz, 558. É um rotariano veterano.

#### Miguel Martins

Nascido em 1903, na cidade de Málaga, era filho de Miguel Martins Soares e Angela Arade Lara. Veio com os pais para o Brasil, em 1906, aos três anos de idade. Montou uma reformadora de chapéus e, mais tarde, abriu uma padaria em Bragança Paulista. Casou-se, em 1925, com Trindade Arcos, brasileira de origem espanhola. Um ano mais tarde, mudaram-se para São Caetano. Tiveram três filhos: Florinda, Harmonia e Nelson.





Ano de 1946: chegada ao Aeroporto de Congonhas de cantores espanhóis. Antonita Serrano é a terceira da esquerda para direita; a seu lado, à direita, Antonio Molina e, atrás dele, Angelillo Hernandez Martinez (doação: Juan Aparício)

### Martin Bedia

Espanhol da Galícia, veio para cá nos anos 20. Pedreiro, corretor do loteamento de uma grande gleba de terra nas proximidades da Cerâmica São Caetano, contribuiu muito com o seu trabalho e dedicação para a formação do atual Bairro São José. Vieram da Espanha Filomeno e os filhos Martín, Júlio e Salomé.

### Francisco Garcia

Nasceu em Cáceres. Foi proprietário da *Adega do Paco*, local que vendia o melhor vinho da cidade. Muito jovem, veio para o Brasil em companhia dos pais e quatro irmãos para criarem raízes e famílias nesta cidade. *Paco* casou-se com Thereza Tasta, de origem italiana. Deste casamento nasceram Oswaldo e Helena (casada com Rubio Farina, filho de Miguel Farina, o primeiro cabeleireiro para senhoras em São Caetano).

### Família Ariza

Rafael Ariza Fernandes e Josefa Fernandes Nova nasceram na Espanha (ele, em Múrcia; ela, em Málaga). Ambos chegaram ao Brasil através do porto de Santos, em 1892, com os filhos Joana e Pedro (já falecidos). João Ariza Molha Filho, casado com Dolores Fernandes Ariza (nascida na Espanha), tem os filhos Cláudio, Wilson, Vera, Irineu e Dolores. O Grupo Ariza possui hoje a Tedesa Ind. e Com. Confeções, no Bairro Prosperidade, e um supermercado.

### Angel Pereira Soto

Angel e a esposa, Hermínia Otero Iglesias, vieram de Vigo (Galícia), em 1952, e moram no Bairro Santa Paula. São empresários no ramo das porcelanas.

### Juan Aparício

Aparício chegou ao Brasil, em 1929, com mais dois irmãos. Começou a trabalhar vendendo e comprando sacos nas ruas. Casou-se com Araci Valverde Aparício, com quem teve dois filhos. Há 52 anos trabalha no mesmo ramo - sacaria - e hoje está estabelecido à Avenida Goiás, 2.147.

“Muitas foram as dificuldades enfrentadas - explica -. Sou simples e, apesar de nunca ter ido à escola, aprendi três línguas: português, espanhol e italiano. Tive uma pequena chácara na Avenida Goiás, onde morei, durante muitos anos, com a família”. Juan foi conselheiro do S.C. Corinthians Paulista durante 15 anos e sócio-diretor da Casa de España, durante outros 20. Em 1946, chegou a patrocinar a vinda do cantor de música *flamenca*, Angelillo Hernandez Martinez; depois, trouxe Antonio Molina e Antonita Serrano, que se apresentaram em temporada e chegaram a atuar no Cine Max, em São Caetano.

## Manoel Calvo Gutiérrez Durán

Nasceu em Sevilha, em 1912. Viveu pouco tempo na Espanha, porque os pais decidiram emigrar para o Brasil em 1913. Estudou em São Paulo: formou-se médico em 1936 e sempre clinicou em São Caetano. Foi membro do Rotary Clube, desde 1951, onde chegou a exercer vários cargos (presidente, governador de distrito e conselheiro internacional). Era casado com Maria José Lima Durán, com quem teve um filho (Antonio Carlos Lima Durán).

### Entidades espanholas

Em 1898, foi fundada a Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio, com o objetivo de auxiliar os imigrantes, ajudando-os a relacionar-se, instruir-se e adaptar-se à nova terra. Com sede em São Paulo, tinha como denominação inicial Sociedade Espanhola de São Paulo, resultante da unificação da *Casa de Galizia-Hogar Español*, do Centro Asturiano, Instituto Regional Valenciano e Circulo Cervantino. Em 1977, foram unificadas com a Casa de Espanha que, por seu turno, resultou da fusão do Centro Andaluz e da Casa de Aragón com o Grêmio Dramático Hispano-Americano. É uma sociedade civil, com finalidade beneficente. A entidade publica um periódico mensal, com artigos sobre a língua, os costumes, aspectos econômicos, culinária, festas populares espanholas. Quem explica isso tudo é Marcial Mariñas Campelo, morador em São Caetano, e que presidia a entidade até o começo do corrente ano. Há 40 anos Campelo mora na cidade e, pelo menos, outras 50 famílias espanholas de São Caetano fazem parte da Sociedade Hispano-Brasileira.

A Missão Católica Espanhola foi fundada em 1965. É uma obra com sede à rua Tamandaré, em São Paulo, sendo representada em São Caetano por Encarnación Albertos Jiménez, espanhola, diretora da entidade. Ela lembra que iniciou suas atividades no Município com os padres franciscanos e com as missionárias do Instituto Vita et Pax. O padre Lúcio Gomes Javier Fort foi o fundador da Paróquia São Bento, em São Caetano. Encarnación conta, ainda, que a Missão Católica, foi criada com o objetivo de atender os imigrantes espanhóis, promover atividades, ensinar a língua castelhana, valorizar os costumes. Uma vez por mês, era celebrada uma missa em espanhol, e os jovens vestiam-se com trajes típicos. O padre Javier Fort fundou junto à Missão Católica um grupo de escoteiros. Junto à missão, havia também o Colégio Nossa Senhora da Glória (ficava à rua Amazonas). No Lar Santa Maria, à rua Castro Alves, 770, há 23 crianças em regime de semi-internato. Às quartas-feiras, após às 13h00, um grupo de senhoras (a maioria de origem espanhola) reúne-se para o trabalho de manutenção do lar. São feitos bordados, pinturas, crochê, pequenas costuras. No final da tarde, realizam uma prece e tomam um lanche. Organizam, ainda, festas, com



Ano de 1958: os Del Rey. Da esquerda para a direita: Miguel, Felipe, Antonio, Santiago, Santiago Filho, Francisco e Ignacio (doação: Mário Del Rey)





Lar Santa Maria, da Missão Católica Espanhola, em foto de 1992. Da esquerda para a direita: Idalina B. Despirite, Nair P. Baptistella, irmã Migliatti Bonfim, Zilda ?, Concepción Albuixech Navarro, Lola ?, Josefina Prieteo Del Valle, Gina Ronelli Tedeschi, Maria Almazán Peña, Suely Milanello Menegasso, Angelines ?, Encarnación Albertos Jiménez, Aida Arlete Orlandi

música, dança e a famosa *paella* (geralmente feita pelos homens). Faziam quase sempre em espanhol e procuram manter os costumes.

No Lar Nossa Senhora das Mercês há quase 100 idosos, à rua Arlindo Marchetti. Trata-se de um trabalho conjunto com o Lions Clube. O lar é dirigido pelas *Irmãs dos Anciões Desamparados*, congregação espanhola fundada em Barbastro, em 1873, por Santa Teresa de Orneto. A congregação trabalha na cidade desde 1966.

## Joaquim Gutierrez, o vendedor de lotes entusiasmado

Geraldo Gutierrez explica que os avós, Joaquim e Eustáquia Gutierrez e o pai, Afrodísio, chegaram ao porto de Santos, procedentes de Ávila, em 1911. Instalaram-se à rua Carnot, no bairro do Brás, em São Paulo. Joaquim iniciou suas atividades como servente de pedreiro.

“Meu avô - lembra Geraldo - não deixava de freqüentar o prédio em que funcionava a Imigração, de modo que ficava a par da chegada de novos patricios. Depois de alguns meses, foi trabalhar com o mestre Antonio Passini, pintor e grande letrista, com quem ficou durante alguns anos. Joaquim era muito extrovertido, comunicativo. Acabou sendo procurado pela firma de Samuel Heinzfúrter para vender terrenos em São Caetano. Aceitou de imediato e foi o primeiro comprador. Adquiriu um lote de terreno em que construiu um cômodo e ali passou a residir. Desse modo, vendendo terrenos, foi o responsável pela vinda de muitos espanhóis para São Caetano, para o Bairro Monte Alegre”.

Para vender os terrenos, Joaquim fazia as mais grandiosas promessas de progresso desta terra, tais como luz elétrica em todas as casas, água encanada, esgoto, telefone, acrescentando que aqui haveriam de instalar-se grandes indústrias que empregariam muitos trabalhadores. Mal sabia ele que todas aquelas promessas tornar-se-iam, em poucos decênios, realidade indiscutível.

“Meu pai, Afrodísio - prossegue Geraldo Gutierrez -, antes de chegar ao Brasil chegou a estudar num seminário na Espanha e possuía boa cultura. Tanto assim que ensinou muitas pessoas a ler e a escrever. Naquela época, trabalhava como pintor (fazia letreiros) e mantinha alunos à noite. Meus pais casaram-se em 1919, em São Caetano. Afrodísio, integrado à sociedade, tornou-se presidente e diretor cênico da Sociedade Recreativa Monte Alegre. Joaquim Gutierrez possuía um depósito de carvão através do qual ficou conhecido como *o carvoeiro do Monte Alegre*. Trabalhou nesse ramo durante anos, até falecer em 1945. Até 1930, meu pai possuía o Armazém de Secos e Molhados da rua Sergipe (atual Rafael Correia Sampaio) e, em 1931, montou a primeira oficina de pintura de automóveis da cidade, à Avenida Goiás, entre as ruas Amazonas e Oswaldo Cruz (onde hoje existe um banco). Em 1938, mudou-se para o número 1.936 da mesma avenida, onde ampliou seu comércio, vendendo tintas e peças de automóveis, até falecer em 1968”.

Por maior que fosse o exagero de Joaquim Gutierrez, o vendedor de terrenos e carvoeiro do Monte Alegre, jamais poderia pensar que São Caetano viesse a ter este progresso que se vê hoje.

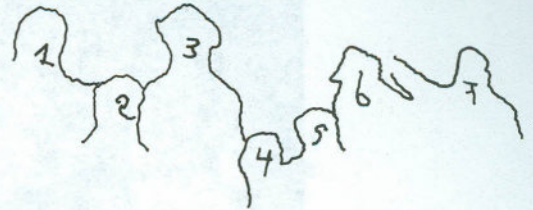


Afrodísio Gutierrez, diretor cênico da Sociedade Monte Alegre. Circa 1918. (doação de Geraldo Gutierrez)





Uma cena de 1935: pintando o carro da Padaria Portuguesa (doação: Geraldo Gutierrez)



- 1 - Afrodísio Gutierrez
- 2 - Esther Gutierrez
- 3 - Mariano González
- 4 - Celestino Gutierrez
- 5 - Jesús Gutierrez
- 6 - Henedino Gutierrez
- 7 - Joaquim Gutierrez



Ano de 1926: foto tirada na rua Rafael Correia Sampaio com rua José Benedetti (antes, esquina das ruas Sergipe e Minas Gerais)



- 1 - Benigna Gutierrez
- 2 - Celestino Gutierrez
- 3 - Jesús Gutierrez
- 4 - Henedino Gutierrez
- 5 - Esther Gutierrez
- 6 - Geraldo Gutierrez

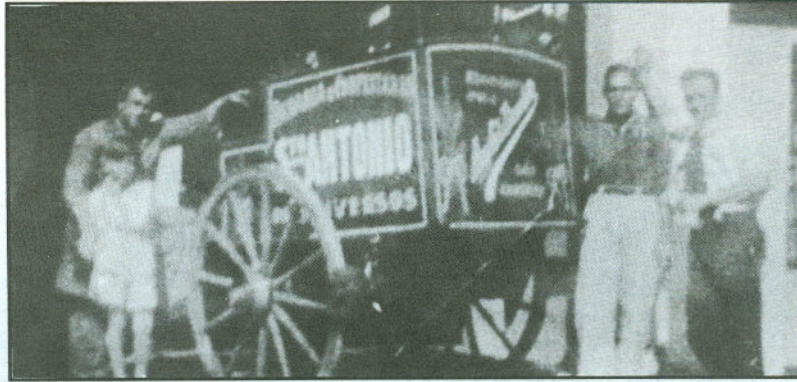


Ano de 1925: flagrante na rua Sergipe (hoje, Rafael Correia Sampaio)

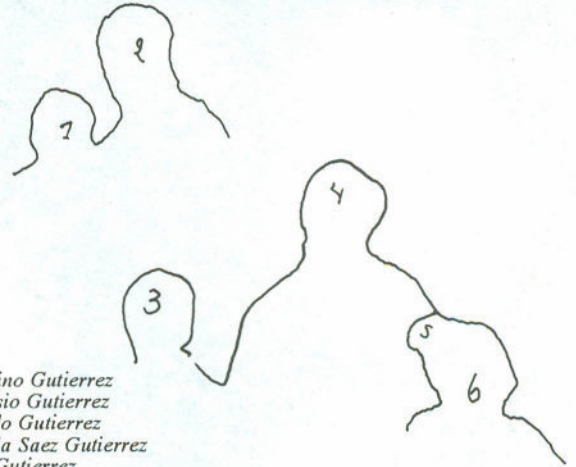


- 1 - ?
- 2 - ?
- 3 - ?
- 4 - Sebastião Juarez
- 5 - ?
- 6 - ?
- 7 - Esther Gutierrez
- 8 - ?
- 9 - Geraldo Gutierrez
- 10 - Henedino Gutierrez
- 11 - Afrodísio Gutierrez
- 12 - Jesús Gutierrez
- 13 - Mathéia Saez Gutierrez





*Oficina de pinturas de Afrodísio Gutierrez, à Avenida Goiás, número 1.936, no ano de 1934 (doação de Geraldo Gutierrez)*



- 1 - Henedino Gutierrez
- 2 - Afrodísio Gutierrez
- 3 - Geraldo Gutierrez
- 4 - Mathéia Saez Gutierrez
- 5 - Jesús Gutierrez
- 6 - Esther Gutierrez

*Ano de 1925: a família Gutierrez (doação de Geraldo Gutierrez)*

## A história dos Rieras

Procedentes da Espanha, com breve passagem pela Argentina, os irmãos José, Fernando e Angelo Riera chegaram a São Caetano, em 1915, todos naturais de Quiros, província de Oviedo (Astúrias). O único casado era José, cuja esposa se chamava Maria e trazia no colo o pequeno José Maria. Foram residir à rua Santa Catarina; os irmãos, numa pensão de italianos, à rua Heloísa Pamplona. Dos três irmãos, o único que não chegou a ficar na cidade foi José, porque acabou trabalhando alguns anos na Mecânica até comprar um sítio em Porto Ferreira, no Interior, onde viveu até falecer.

Em Quiros, eles trabalhavam em siderúrgicas e aqui chegando empregaram-se na Companhia Brasileira Mecânica Importadora (ex-Saad). Numa festa, Angelo conheceu Irma Veronesi, filha de imigrantes italianos que possuíam um armazém à rua Santo Antonio (atual Avenida Roberto Simonsen). Após breve namoro, casaram-se em 29 de janeiro de 1921. O irmão caçula, Fernando, passou a residir com Angelo, à rua Amazonas, até que, numa manhã de domingo, no campo do Monte Alegre, conheceu Maria, filha de Maria e Miguel Fernandez. Casaram-se em fevereiro de 1923 e passaram a residir na rua Piauí, esquina com Minas Gerais (atual rua José Benedetti). Tiveram três filhos (Ana, Fernando e Angelo) e sempre moraram na casa construída na época do casamento. Fernando trabalhava na Mecânica e

possuía um táxi, além de ser presidente do Monte Alegre Futebol Clube, quando faleceu em 1929. Angelo Riera teve quatro filhos: Luiz, Eneas, José e Enedina. Em 1926, Angelo adquiriu um terreno da família Pietro na esquina da rua Bahia (atual Rio Grande do Sul) com Sergipe (atual Rafael Correia Sampaio) e construiu uma padaria que João Relá alugaria para José Massei. Assim, Angelo acabou por instalar-se num prédio dos Baraldis, onde instalara um bar.

Naquela época, Angelo possuía três funções distintas: na Mecânica, era forneiro; no comércio, era proprietário de um bar próximo à estação ferroviária; diante do bar, detinha um ponto de táxi, onde atendia várias pessoas ilustres como o conde Francisco Matarazzo e o proprietário da Cerâmica São Caetano, Roberto Simonsen. Quando o contrato com os Baraldis expirou, em 1935, Angelo vendeu as instalações para os Souzas. Em 1937, saiu da Mecânica para dedicar-se ao ponto de táxi em tempo integral. Tornou-se o chofer mais solicitado para batizados e casamentos devido à presteza e pelo fato de possuir o carro mais novo e mais ornamentado para tais ocasiões. Construiu e inaugurou, em 1953, a Fábrica de Louças Astúrias, à rua Maranhão, que produzia louças domésticas. Em 1956, alugou as instalações para a Eletro-Porcelana Lux, nas continuou com o ponto de táxi até 1960, quando se aposentou. Sempre teve como lema de vida o trabalho, a honra e a honestidade. Faleceu em 1965. Todos os filhos de Fernando e Angelo Riera constituíram famílias em São Caetano, onde a maior parte dos netos e bisnetos reside.





Angelo Riera, em 1909



Flagrante do prédio do Grupo Escolar Monte Alegre. Círculo 1940 (doação - Luiz Antonio Riera)



Ano de 1950: Angelo Riera e seu carro na esquina das ruas Bahia e Sergipe (doação de Luiz Antonio Riera)



Fernando e Angelo Riera, numa foto de 1915 (doação de Luiz Antonio Riera)

(\*\*) Agradecemos a colaboração de todos quantos forneceram dados sobre a imigração espanhola, em especial a Florentina Morales Olmedo, que nos facilitou o trabalho, indicando vários espanhóis pioneiros na cidade.

Notas

- [1.]- MARTINS, José de Souza- São Caetano em IV séculos de História, São Caetano do Sul, Prefeitura Municipal, 1956;
- [2.]- Jornal do Lar, 29 de julho de 1967;
- [3.]- Folha de Nova Gerty, 23 de março de 1978;
- [4.]- MÉDICI, Ademir- História dos Bairros de São Caetano do Sul, inéditos;

(\* Sônia Maria Franco Xavier, professora de História e Filosofia, dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul e integra o Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do ABC (Gipem); Jayme da Costa Patrão é pesquisador do Gipem



# Os filhos de Israel nas terras do Tijucuçu (\*\*)

Aleksandar JOVANOVIĆ (\*)

**O** objetivo do presente texto é rastrear a presença da comunidade judaica em São Caetano do Sul, a partir de depoimentos de antigos imigrantes e de documentos ligados a entidades culturais e/ou religiosas existentes no Município. Todavia, com o objetivo de elucidar alguns aspectos da história desse povo antiquíssimo, entendemos ser conveniente apresentar um breve resumo dos primórdios de sua origem e de sua presença no Brasil-Colônia. Com efeito, face às limitações de espaço e, sobretudo, em virtude do fato de o autor do texto não ser historiador, o material possui caráter basicamente informativo. Em verdade, trata-se apenas de mais um rastro, modesto, aberto no instigante caminho que conduz à tentativa de reconstituir a formação étnica multifacetada da cidade, do Grande ABC e do Estado; em suma, retrato miniaturizado do próprio país.

É interessante observar que o povo judeu conservou, ao longo de mais de cinco milênios de História, os traços fundamentais de sua cultura e a comunidade estabelecida em São Caetano do Sul, nas primeiras décadas do século, não escapou a essa regra. Em linhas gerais, a imigração judaica que acabou desembarcando na cidade era originária da Europa Centro-Oriental, o que lhe confere, como veremos adiante, certas peculiaridades.

## 1. Dos primórdios à Inquisição

Os judeus têm uma História cujos momentos iniciais entrelaçam lenda e fatos concretos, conforme assinala Eban [1]. Por sinal, o Velho Testamento acaba servindo de referencial de significados múltiplos para o rastreamento das origens dessa nação que teria saído da antiga Mesopotâmia (*grosso modo*, correspondente a parte do atual Iraque) onde foi escravizado pelos babilônios; caiu no cativeiro no Egito dos faraós; atravessou a Península do Sinai; fundou seu Estado no Oriente Médio no local em que se situa hoje, em linhas gerais, o estado de Israel; acabou sob dominação romana; foi dispersado no ano 70 d.C. pela força; espalhou-se por diversas partes do mundo, em meio a sucessivas perseguições; foi vítima de genocídio sistemático durante a Segunda Guerra Mundial, e apenas conseguiu restabelecer seu estado independente em 1948.

De outro lado, é interessante observar que a língua original dos judeus - o hebraico, idioma semítico aparentado com o árabe, o fenício, o aramaico, etc. - foi conservado durante quase dois mil anos apenas na qualidade de língua litúrgica, para renascer como língua falada com a fundação de Israel. Caso único, por sinal, de língua que acabou sendo, por assim dizer, ressuscitada. Em virtude da dispersão forçada em diversas partes do mundo, as comunidades judaicas acabaram adotando outras línguas que passaram a caracterizar, inclusive, a origem geográfica dessas comunidades. Assim, o *íidiche*, derivado do alemão medieval, acabou sendo o idioma dos judeus da Europa Centro-Oriental (chamados de *achquenazitas*), ao passo que o *ladino*, derivado do espanhol medieval, foi a língua conservada por aqueles que viveram na Península Ibérica (chamados de *sefarditas*) e dali também acabaram sendo expulsos, no final do século XV, em consequência da Inquisição.

A unificação do povo judeu está relatada no Gênesis: a linguagem da fábula parece evocar um pano de fundo histórico. Abraão, Isaac e Jacó pertenceram a uma época em que a Babilônia de Hamurabi presenciou a migração de inúmeros povos rumo à parte fértil do Oriente Médio. Abraão e seu povo teriam saído da Caldéia rumo a Canaã. Há um período de trezentos anos na História judaica, entre os séculos XVI e XIII a.C., para o qual a Bíblia é a única fonte escrita.

É certo que Saul, da tribo de Benjamin, foi ungido rei dos judeus no ano de 1010 a.C. e sua escolha foi o sinal para uma revolta contra os filisteus, que terminou por uma derrota total dos israelitas na batalha de Gilboa (1006 a.C.). Pouco tempo depois, Davi foi elevado ao trono de Israel, expandindo seu reino em todas as direções [2.] Na verdade, tudo indica que, àquela época, as próprias tribos israelitas disputavam entre si a supremacia, razão pela qual Davi acabou se tornando monarca de Judá, ao sul. Sucedeu-o o filho, Salomão (966-926 a.C.), famoso pelo templo que construiu, pelas empresas mercantis e pela brilhante corte.

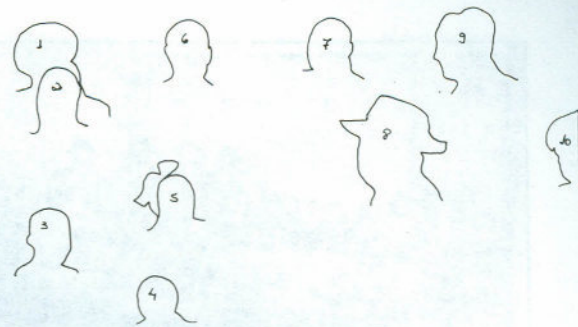
Depois, houve dominação assíria sobre o reino de Israel e em 701 a.C., os assírios precipitam-se sobre o reino de Judá. Em 586 a.C. os babilônios cercaram Jerusalém e transformaram os judeus em cativos. No século VI a.C. foi a vez dos persas de Ciro se apoderarem de enormes extensões de terras, depois de terem destruído a Nova Babilônia. Em 559 a. C., Dario permite aos judeus que retornem à sua terra. Há dois séculos - entre o VI e o IV a.C. - que separam a dominação persa no Oriente Médio das conquistas de Alexandre, o Magno: iniciava-se o período helenístico. Com a morte de Alexandre, surge o Império Ptolomaico, que submete os judeus a novo cativeiro, e, assim, o grego acabou por tornar-se a principal língua dos descendentes de Abraão. Em 167 a.C., Judá, chamado de *Macabeu* (o Martelo), chefia uma grande rebelião dos israelitas, fato que resulta na libertação de Jerusalém, depois de três anos de selvagens combates. Esse acontecimento é comemorado na História judaica como *aKhanukákh*, a Festa das Luzes. A seguir, os romanos começaram a ocupar o lugar do império grego, fundado por Alexandre da Macedônia. Na segunda metade do primeiro século de nossa era, a transformação da Judéia em simples província romana desembocou numa ampla revolta dos israelitas, chefiados por José ben Matatias (Flavius Josephus), que acabou se passando para o lado dos romanos. Estourou a guerra civil entre os judeus. Em 70 d.C., Tito, filho do imperador Vespasiano, consolidava a destruição da resistência judaica. *Judea Capta*, isto é, a Judéia foi tomada, foi a inscrição utilizada nas moedas cunhadas em Roma para comemorar a vitória. A última resistência contra os romanos aconteceu entre 132-135 d.C. sob Bar Kokhba. Iniciava-se a dispersão definitiva do povo judeu.

Constantino, convertido ao cristianismo, decidiu transferir a capital de seu império de Roma para Constantinopla, em 313 d.C. Fundava, assim, o Império Bizantino, que tomaria o lugar antes ocupado pelo grande reino romano. O último imperador romano do Ocidente foi posto para fora da *cidade eterna*





Inauguração da sinagoga de São Caetano do Sul, à rua Pará, em 1950



- 1 - rabino ?
- 2 - rabino Walt
- 3 - Wolf Tworecki
- 4 - Sara Gerchtel
- 5 - Noemia Kogan
- 6 - Henrique Kogan
- 7 - A. Goldberg
- 8 - Marcos Karlik
- 9 - ?
- 10 - Sara Abramóvitch

em 476 d.C., em consequência das sucessivas invasões de povos germânicos, principalmente. Nesse período, os judeus começaram a ser perseguidos de modo sistemático. Já no começo do século VII a maior parte dos países europeus era habitada por judeus. É o mesmo período em que Maomé funda o islamismo. Em 622, ele foge de Meca, sua cidade natal, para Medina (fato conhecido em árabe como *hégira*), ano que marca o início do calendário muçulmano. A expansão árabe coincide com um novo florescimento da cultura judaica, sobretudo na Península Ibérica. As Cruzadas, nos séculos iniciais do primeiro milênio resultaram, na Europa Ocidental, em perseguição e massacres contra os judeus, até que fossem expulsos da Espanha, em 1492, e de Portugal, em 1496. Essas comunidades procurariam refúgio em diversos países da Europa Ocidental e Oriental, inclusive no crescente Império Otomano (que já se havia fixado em toda a Península Balcânica).

## 2. A Inquisição e a colonização no Novo Mundo

Depois do estabelecimento da Inquisição na Espanha e da expulsão definitiva dos judeus das terras espanholas, ocorre uma fuga em massa para Portugal. Anos mais tarde, D. Manuel, pressionado pela nação vizinha, concorda em expulsar os súditos judeus de Portugal, mas proíbe-lhes a saída do país e ordena que todos se convertam ao catolicismo pela força [3.]. Com isso, abre-se o problema do converso, conhecido como *cristão-novo*. Tudo indica que, de fato, a imigração judaica para o Brasil remonte à época da colonização. Como afirma Novinsky, os cristãos novos chegam pouco a pouco, continuando um movimento migratório iniciado em princípios do século XVI,

e que a partir da segunda metade se tornou mais intenso [4.].

Os novos cristãos ficaram subordinados à Igreja, devendo seguir as imposições do credo da religião católica. Diante da alegação de não cumprimento dessas obrigações por parte dos cristãos novos, foi instalado, em 1536, o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que, durante mais de três séculos, exerceu atividade intensa em Portugal e seus domínios coloniais [5.]. O Tribunal da Inquisição instalou-se regulamentado por um Regimento, que, com o tempo, sofreu alterações, de acordo com os interesses da instituição. O regimento era secreto, conhecido apenas por alguns funcionários da Inquisição. As prisões, mesmo sem provas, eram seguidas de processo. Uma vez detidos, os cristãos novos tinham seus bens imediatamente confiscados, antes mesmo de provada sua culpa, porque nas acusações de judaísmo a ordem de prisão vinha na maior parte das vezes acompanhada de seqüestro de bens. Conforme explica Bromberg, a tortura física edra frequentemente utilizada para a obtenção de uma confissão mais completa [6.].

Amaral Lapa faz a seguinte observação a respeito do papel da Inquisição no Brasil: "*Haveria motivos especiais que levaram o Tribunal do Santo Ofício a decidir sobre as Visitações que procedeu no Brasil? Por certo que sim. Periódico e rotineiro revigoreamento da fé sobre o rebanho distante e disperso, sujeito a toda sorte de estímulos profanos; repreensão ao relaxamento quase costumeiro do clero; interesse em perseguir a gente da nação, quando se amudavam as denúncias sobre suas heréticas práticas ou sobre sua crescente prosperidade comercial; sondagem do subconsciente da sociedade colonial, nem sempre conformada com*



Ano de 1950: a primeira diretoria da Sociedade Israelita de São Caetano



- 1 - Israel Tworecki
- 2 - Jacob Shapiro
- 3 - Isaac Goldberg
- 4 - Henrique Kogan
- 5 - Simão Kogan
- 6 - Rubens Gafanóvitch
- 7 - José Nulman
- 8 - Z. Grimberg
- 9 - Marcos Karlik



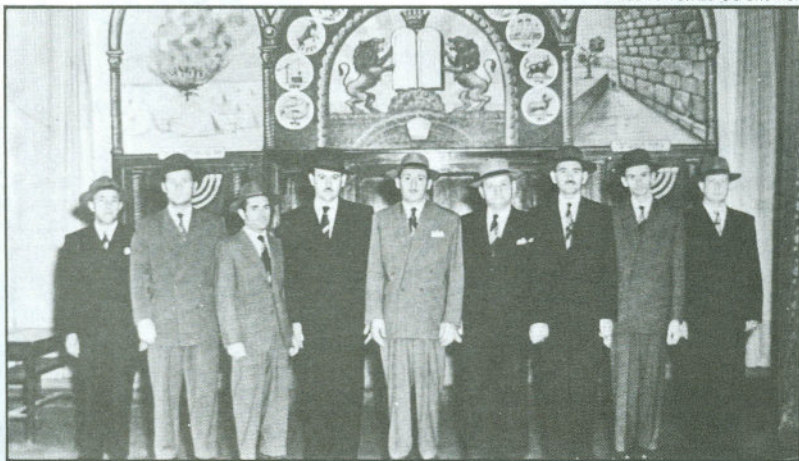


Solenidade na inauguração da sinagoga de São Caetano, em 1950

os ditames da coroa e da fé; enfim, se podem arrolar várias causas mais diretas, imediatas e determinantes das Visitações conhecidas até agora: Bahia e Pernambuco. Afinal, as Visitas se davam quando "convinha ao serviço de Deus", conforme preceitua o título I, do Livro II do Regimento de 1640" [7.].

Com efeito, o caso mais famoso de cristão novo preso, removido a Portugal, processado e executado é o de Antônio José da Silva (1705-1739), alcunhado de *O Judeu*, queimado vivo por motivo de heresia judaizante [8.]. Foi brasileiro de nascimento e sua obra teatral consistia, via de regra, de farsas, representadas por bonecos.

Omegna, por seu turno, explica que havia muitos judeus nas vilas, portos, minas e sertões do Brasil, lembrando que desde a vigência do contrato de exploração monopolística do pau-brasil, feita pela Coroa com Fernando de Noronha, em 1503, os sefardins começaram a afluir às costas do país (9). Num outro trecho, o Autor assevera que "para medir, por outro ângulo, a volumosa presença de sefardins na colônia, atenta-se para os róis de nomes de famílias que aqui aportaram. Vejamos, como amostragem, os róis da Primeira e Segunda Visitação do Santo Ofício. São apontados como judaizantes pessoas das famílias cristãs novas seguintes: Fernandes, Rodrigues, Paredes, Pacheco, Antunes, Bravo, Lopes, Homem, Teixeira, Pires, Maia, Leão, Costa, Nunes, Fragoso, Gonçalves, Ribeiro, Serrão, Duarte, Menezes, Batista, Mendes, Souza, Oliveira, Vaz, Guillem, Carvalho, Rosa, Sanches, Alvares, Pinto, Silva, Cardoso, Henriques, Dias, Moraes, Viegas, Neto, Corrêa, Marinho, Serpa, Albuquerque, Franco, Querido, Fonseca, Brandão, Tinoco, Manso, Almeida, Gaspar, Telles, Girão, Aguiar, Lima, Alves, Diniz, Figueiredo, Espinhosa, Miranda, Garcia, Sá, Machado, Paiva, Castro, Abreu" (10).



Membros da comunidade judaica de São Caetano na sinagoga recém-inaugurada, em 1950



- |                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| 1- Rachel Tworecki   | 16- rabino Walt          |
| 2- ?                 | 17- Rubens Gafanóvitch   |
| 3- Eva Skinowski     | 18- Simão Kogan          |
| 4- Sara Skinowski    | 19- Isaac Goldberg       |
| 5- Sima Ostrovsky    | 20- Henrique Kogan       |
| 6- Dora Ostrovsky    | 21- Marcos Karlik        |
| 7- Rosa Ostrovsky    | 22- ? / 23- ?            |
| 8- Abraão Gorenstein | 24- ? / 25- ?            |
| 9- C. Karlik         | 26- ?                    |
| 10- Maria Choichet   | 27- ?                    |
| 11- Abe Choichet     | 28- ?                    |
| 12- Jacob Shapiro    | 29- ?                    |
| 13- ? / 14- ?        | 30- Carlos Gilbert       |
| 15- ?                | 31- Elizabete Gorenstein |

Novinsky, por seu turno, observa que Portugal e Brasil tiveram papel determinante no destino dos judeus expulsos da Espanha em 1492: "Foram os descendentes desses judeus que constituíram os primeiros núcleos populacionais brancos no Brasil, com uma atuação decisiva, desde o arrendamento da colônia por um grupo de cristãos-novos liderados por Fernando de Noronha, até a dinamização da vida econômica através da produção de açúcar" [11.].

No final do século passado, um fluxo de imigração judaica começou a aportar no Brasil. Vários núcleos coloniais acabaram sendo constituídos no Rio Grande do Sul. Boa parcela dos imigrantes era originária do Império Russo, onde as perseguições à comunidade judaica haviam sido reiniciadas na época. Desta feita, não eram os convertidos à força que aqui chegavam, mas aquelas populações que, durante milênios, mantiveram a sua identidade cultural em diversas regiões e países da Europa. Outras ondas imigratórias, menores, sucedem-se no presente século e, inclusive, depois da Segunda Guerra Mundial. Os que chegaram depois de 1945, eram sobreviventes do Holocausto, da tentativa sistemática de extermínio a que o povo judeu foi submetido na Alemanha de Hitler, onde pelo menos seis milhões de pessoas acabaram sendo executadas em câmaras de gás e campos de concentração.

### 3. As histórias de Pérola e Waldemar Beer

Era 30 de janeiro de 1930 - e já se passaram 62 anos - quando Waldemar Beer, então com 24 anos, desembarcou no Brasil, vindo de uma cidade chamada Hotyn, localizada na Bessarábia.

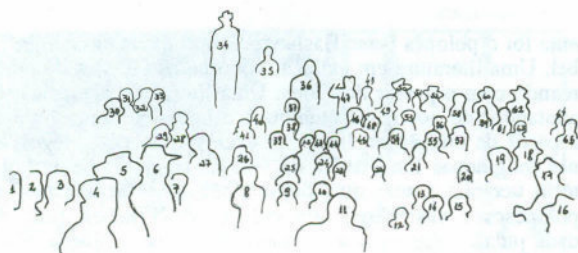


- 1- Z. Grimberg
- 2- Jacob Shapiro
- 3- Rubens Gafanóvitch
- 4- Henrique Kogan
- 5- Isaac Goldberg
- 6- Marcos Karlik
- 7- José Nulman
- 8- Simão Kogan
- 9- Israel Tworecki





Festa da Torá (Pentateuco) da comunidade judaica de São Caetano, no Clube Comercial, em 1947



- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| 1 - Waldemar Beer       | 34 - ?                 |
| 2 - Pérola Beer         | 35 - ?                 |
| 3 - Regina Abaliak      | 36 - ?                 |
| 4 - Moisés Timerman     | 37 - Sara Lachterman   |
| 5 - Salomão Lachterman  | 38 - Ester Lachterman  |
| 6 - Bóris Guerstel      | 39 - ?                 |
| 7 - Maria Bloch         | 40 - Rosa Kogan        |
| 8 - Luiz Szpiczkowski   | 41 - David Serson      |
| 9 - Matilde Beer        | 42 - Jacques Papauski  |
| 10 - Paulinita Beer     | 43 - Belá Goldemberg   |
| 11 - Artur Timerman     | 44 - Rosa Bloch        |
| 12 - Paulina Strauch    | 45 - Geni Guerstel     |
| 13 - Marta Bloch        | 46 - Dina Kogan        |
| 14 - ? Fuchs            | 47 - Lisa Kogan        |
| 15 - ? Fuchs            | 48 - Max Grinberg      |
| 16 - ?                  | 49 - ?                 |
| 17 - Sebastião Zimerman | 50 - ?                 |
| 18 - José Nulman        | 51 - Ana Kogan         |
| 19 - ? Fuchs            | 52 - Júlio Kogan       |
| 20 - ?                  | 53 - ?                 |
| 21 - Dodô Kogan         | 54 - Carlos Gerchtel   |
| 22 - Adelina Goldemberg | 55 - Moisés Nulman     |
| 23 - Sara Zimerman      | 56 - Cecília Kogan     |
| 24 - ?                  | 57 - Ida Nulman        |
| 25 - Lisa Kogan         | 58 - Clara Kogan       |
| 26 - Israel Lachterman  | 59 - Janete Goldemberg |
| 27 - Bernardo Beer      | 60 - Moisés Kleiman    |
| 28 - Ana Schwartz       | 61 - Cecília Idelsohn  |
| 29 - Rosa Ostrowsky     | 62 - ?                 |
| 30 - Sonia Karlik       | 63 - Sara Schwartz     |
| 31 - Sara ?             | 64 - Cecília Zimerman  |
| 32 - Ester Schwartz     | 65 - Olga Kleiman      |
| 33 - Rebecca Lachterman |                        |

Trata-se de um território que havia sido incorporado à Romênia depois da Primeira Guerra Mundial e, após a Segunda Guerra, caiu sob domínio soviético. Coisas comuns na Europa Centro-Oriental em termos de fronteiras instáveis. O irmão de Waldemar, Ari, hoje com 89 anos, havia chegado ao Brasil em 1922, ano em que ocorreu o levante do 18 do Forte. Dado interessante: o pai dos irmãos Beer acabou emigrando para o Oriente Médio em 1933, ainda colônia inglesa, com cinco filhos e lá ficou, presenciando, inclusive, a criação do Estado de Israel, em 1948. Os Beers têm dois irmãos vivos em Israel.

Aos 86 anos, Waldemar Beer vai lembrando o passado, às vezes distante. “Nasci na Rússia, em 1906. De repente, virei romeno”, comenta. Entretanto, essa súbita mudança de nacionalidade teve uma certa vantagem: por falar o romeno, uma língua neo-latina, cuja estrutura tem forte semelhança com o português, Waldemar Beer conseguiu adaptar-se rapidamente à língua do Brasil. Enquanto isso não ocorria, saiu de Hótyn para a Alemanha, e lá foi para França, onde embarcou num navio italiano, com destino ao novo país que acabaria adotando. O começo foi difícil, confessa Beer. Logo se instalou em São Caetano do Sul, onde já estavam outras famílias israelitas: os Karliks e os Ostrowskys. Veio morar à rua Perrella, no Bairro Fundação, que era o centro do pequeno distrito, cuja primeira tentativa de emancipação, em 1928, havia fracassado. Depois, mudou-se para a rua 28 de Julho. “O que fazer num país desconhecido, sem recursos? Dedicar-se ao comércio. Foi assim o começo”, rememora Beer, com lucidez invejável. Foi proprietário de lojas de móveis e até de um posto de gasolina. Aliás, o posto de gasolina é uma outra história. Chamava-se *Posto 28 de Julho*, situado na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua 28 de Julho. Foi inaugurado em 28 de julho de 1954, na presença do então prefeito Anacleto Campanella. O vereador Jaime da Silva Reis, representando a Câmara, chegou a fazer discurso. O primeiro freguês a utilizar a bomba de gasolina foi o próprio prefeito. Era o ano do quarto centenário de fundação da cidade de São Paulo, que foi comemorado com grandes festejos.

Nem tudo era cor-de-rosa, contudo. “Houve um ano, creio que 1957, quando uma grande enchente isolou o posto durante dois dias. A Prefeitura precisou socorrer os funcionários do posto que ficaram presos pela enchente, levando comida para eles” lembra Waldemar.

Pérola Beer também saiu da Bessarábia (então transformada em território romeno) com a mãe e tia. Tinha seis anos de idade quando desembarcou no Rio de Janeiro, em 1924. Era o ano da Revolução comandada pelo general Isidoro Lopes Dias. Tempos difíceis, quando São Caetano acabou envolvida pelo movimento das tropas leais ao governo. Tempos de bombardeio, de correria, de prisões, de incertezas. O pai de Pérola já estava no Brasil desde 1922. Depois, Pérola acabou vindo morar em São Caetano: casou-se com o jovem Waldemar em 1936. “Você pode perguntar a qualquer pessoa no Bairro Fundação se conhece a dona Pérola. Vai ver que sim, depois de tantos anos vividos neste mesmo local” explica ela própria, com uma ponta de orgulho, do alto de seus 72 anos. O casal tem quatro filhos e sete netos. Pérola estudava no Colégio Renascença, no Bom Retiro, que chegou a ser reduto da comunidade judaica de São Paulo. A vida em São Caetano transcorria serena. Dois anos antes do casamento, Waldemar havia instalado uma loja de móveis à rua Perrella. Era vizinho e amigo de Juca Garcia, e chegou a ser inquilino dele. Era vizinho de *O Carioca*. Quando a loja se mudou, Beer ocupou o lugar com a venda de móveis.

A sinagoga de São Caetano foi construída no final dos anos 40 e inaugurada em 1950. Até então a comunidade precisava ir a São Paulo, de trem, para manter as tradições religiosas. “Era uma mudança - explica Pérola Beer-. Eu própria precisava levar criança de colo, com carrinho e tudo, e instalar-me na casa de parentes em São Paulo. Era a maneira de praticarmos a nossa religião, de não perdermos os vínculos, porque em São Caetano não havia uma sinagoga”. Dona Pérola lembra-se que o primeiro casamento celebrado na sinagoga da rua Pará, em 1950, foi o de Ida Nulman e Jaime Szczupak. O segundo casamento foi em 1951, unindo Sara Lachterman e Rubens Bogomoltz. “Duran-





Festa da Torá (Pentateuco), no Clube Comercial, em 1947



- |                          |                        |
|--------------------------|------------------------|
| 1 - ? Karlik             | 22 - Simão ?           |
| 4 - Marcos ?             | 23 - José Hochman      |
| 8 - Pedro Schwartz       | 24 - Luiz Glebocka     |
| 9 - Rebecca Lachterman   | ...                    |
| 10 - Paulina Strauch     | 26 - Olga Kogan        |
| 11 - Bátia Strauch       | 27 - Jacob Kogan       |
| 12 - Sebastião Zimmerman | 28 - José Hochman      |
| 13 - rabino Walt         | ...                    |
| 14 - Bóris Guerstel      | 35 - Jacques Papauski  |
| 15 - Waldemar Beer       | ...                    |
| 16 - Marcos Karlik       | 39 - Sabina Lachterman |
| 17 - Ester Serson        | ...                    |
| 18 - Ana Schwartz        | 43 - Paulo Ostrovsky   |
| 20 - Célia Glebocka      | ...                    |

te o Iom Kipur ( o Dia do Perdão, maior feriado judaico, quando os fiéis passam muitas horas dentro da sinagoga, fazendo preces), São Caetano parecia estar comemorando algum feriado, antigamente, porque não havia muitos estabelecimentos comerciais abertos” lembra, com sorriso, Waldemar Beer. Toda a comunidade deslocava-se para São Paulo.

Waldemar Beer tem outras histórias para contar e outras lembranças para evocar. No final dos anos 40, ele próprio, Salomão Lachterman (pai de Sara, hoje Bogomcltz) e Samuel Strauch iniciaram os trabalhos para a fundação da Sociedade Israelita de São Caetano, o que resultou na construção da sinagoga. Waldemar Beer foi o segundo presidente da Sociedade. A entidade foi fundada em 1947. Logo depois, começou a funcionar uma Escola Israelita no local, para dar noções básicas de língua hebraica, costumes e tradições às novas gerações. Funcionou até 1971 nos fundos da sinagoga. A primeira geração de imigrantes judeus estabelecidos em São Caetano ainda fala fluentemente iídiche, língua derivada do alemão medieval e signo característico dos judeus da Europa Centro-Oriental, os chamados *achkenazim*. Exatamente como Pérola e Waldemar Beer, e a maior parte dos membros da comunidade caetanense. Uma língua escrita, contudo, em caracteres hebraicos.

Dona Pérola recorda o fato de que, nos anos 50, havia apresentação de peças teatrais em língua iídiche na sinagoga de São Caetano. “Eu acabava indo a Santo André levar convites para membros da comunidade judaica de lá. Acabei conhecendo muita gente desse modo”. Eram grupos teatrais que vinham de fora, representar peças escritas por autores nascidos em lugares distantes (sobretudo no antigo Império Russo) e que fazem parte de uma literatura cujo maior expo-

ente foi o polonês Isaac Bashevis Singer, laureado com o Prêmio Nobel. Uma literatura em extinção, porque os falantes de iídiche vão raramente com o passar dos anos. Uma literatura, a judaica, que acabou adotando (de novo, vale lembrar) o hebraico como língua principal, a partir da criação de Israel. A exemplo do que chegou a acontecer nas longínquas localidades da Galícia (região situada hoje em território ucraniano, mas que, durante séculos, foi disputado por russos, poloneses e austríacos), em cidades da Lituânia (onde a comunidade judaica chegou a ser numerosa, até que viesse a Segunda Guerra Mundial), como Vilnius, por exemplo, ou em Moscou, no começo dos anos 20, quando funcionou o teatro chamado *Habimá*, em São Caetano, decênios mais tarde, havia apresentações teatrais em iídiche. Uma preciosa ponte cultural entre línguas, povos, costumes e países muito diferentes entre si. Uma lembrança que Pérola e Waldemar Beer guardam com muito carinho. Ambos nascidos na Rússia, mas brasileiros há muito tempo. “Logo depois de ter-me naturalizado - observa Waldemar -, aconteceu uma coisa curiosa. Fui designado para participar de uma Junta Eleitoral, no Bairro Barcelona. As pessoas que me conheciam, e muitos tratavam-me por *russo*, ficaram espantadas: Mas como, você, um estrangeiro, aqui, na Junta Eleitoral? Era um tal de explicar tudo para as pessoas entenderem...” Coisas de São Caetano; coisas de uma cidade habitada por tantos imigrantes, de tantas etnias diferentes; coisas de um país multifacetado. Um russo que acabou sendo transformado em romeno, por força da mudança de fronteiras, mas que, na verdade, já era brasileiro e caetanense, e cuja fé é a de Moisés. Histórias, reais, que Pérola e Waldemar Beer vão contando, com fluência, em sua casa da Ave-



Cerimônia de oferenda da Torá (Pentateuco) à sinagoga, em 1950



- |                        |
|------------------------|
| 1 - Abe Choichet       |
| 2 - ?                  |
| 3 - Maria Choichet     |
| 4 - José Nulman        |
| 5 - ?                  |
| 6 - rabino Walt        |
| 7 - Rubens Gafanóvitch |
| 8 - Henrique Kogan     |
| 9 - Isaac Goldemberg   |
| 10 - Jacob Shapiro     |





Reunião de grupo de jovens da comunidade judaica de São Caetano, em 1949



- |                         |                         |
|-------------------------|-------------------------|
| 1 - ?                   | 29 - Moisés Karolinsky  |
| 2 - Sara Zimerman       | 30 - Abrão Szpiczkowski |
| 3 - Daniel ?            | 31 - Samuel ?           |
| 4 - Rosa Ostrovsky      | 32 - Arão Cohen         |
| 5 - ? Cohen             | 33 - Rosa Bloch         |
| 6 - Pedro Karolinsky    | 34 - Naum Kogan         |
| 8 - Luiz Szpiczkowski   | 35 - Valentim Zacles    |
| 10 - Júlio Zimerman     | 36 - Geni Guerstel      |
| 11 - Matilde Beer       | 37 - Marcos Nulman      |
| 14 - ? Cohen            | 39 - ? Kogan            |
| 17 - Simão ?            | 42 - Esther Lachterman  |
| 19 - Paulina Karolinsky | 43 - Bela Goldemberg    |
| 20 - Leon Guelman       | 44 - Jaime Kogan        |
| 21 - ? Szpiczkowski     | 46 - Carlos Gerchtel    |
| 22 - Samuel Krasmanik   | 47 - David Serson       |
| 24 - Lisa Kogan         |                         |
| 27 - Bernardo Beer      |                         |
| 28 - Jamile Cohen       |                         |

nida Conde Francisco Matarazzo, rememorando os tempos, inclusive, em que o Bairro Fundação era o centro de tudo na cidade.

#### 4. Ostrovsky, um pioneiro

Paulo Ostrovsky contava 20 anos de idade, quando chegou ao Brasil, vindo da Bessarábia. Havia casado com Sofia, apenas um ano mais jovem, em Bucareste, capital da Romênia, pouco antes de embarcar para a América do Sul. Ambos eram da pequena localidade de Telenecht. Corria o ano de 1925: Paulo e Sofia foram morar na primeira pensão judaica de São Paulo, no bairro do Bom Retiro, de propriedade de Ida Chapaval, cunhada de Paulo. Pouco tempo depois, foram residir na casa de Leon Pfeffer, no bairro paulistano do Brás. Logo mais, no final de 1925, o casal mudou-se para São Caetano do Sul.

Os fatos são lembrados pelo filho de Paulo, Moisés, nascido em 1925, e radicado durante a vida inteira no Bairro Fundação. Pau-

lo Ostrovsky começou a trabalhar como mascate (carregava, portanto, uma maleta com muitas divisões internas e muitos produtos miúdos). Mas, em 1928, fundava uma loja de móveis - *Casa Paulistana* - frente à qual atuaria até 1962. Naquele distante ano de 1925, havia poucas famílias judias na cidade, recorda-se Moisés. "Na minha infância, não tive amigos judeus: eram todos cristãos. A coletividade era pequena em São Caetano. Não havia mais do que cinco ou seis famílias. Anacleto Campanella, por exemplo, foi meu colega e amigo de infância". Na coletividade judaica, havia os Ostrovskys, naturalmente, os Karliks, os Zimermans e a família Jurowsky, originária da Rússia. Isaac Jurowsky era médico, que não conseguiu ter a profissão reconhecida no Brasil e acabou abrindo uma farmácia - a *Farmácia Européia* - que chegou a ser muito conhecida na cidade.

Moisés Ostrovsky tem seu estabelecimento comercial à rua Perrella, desde 1947. Orgulha-se em dizer que é a mais antiga loja de móveis em funcionamento na cidade. Cenas da infância



Festa da Torá, no Clube Comercial, em 1947



- |                        |                          |
|------------------------|--------------------------|
| 1 - Marcos Karlik      | 14 - Salomão Lachterman  |
| 2 - Olga Fuchs         | 15 - Dodô (Marcos) Kogan |
| 3 - Samuel Schwartz    | 16 - Rosa Bloch          |
| 5 - Zeilich Grinberg   | 17 - Sonia Karlik        |
| 6 - Waldemar Beer      | 19 - Esther Schwartz     |
| 7 - Israel Lachterman  | 20 - Ruth Papauski       |
| 8 - Sebastião Zimerman | 21 - Eugênia Grimberg    |
| 9 - Isaac Goldberg     | 22 - Ida Karlik          |
| 10 - Paulo Ostrovsky   | 23 - Rebecca Lachterman  |
| 11 - Henrique Kogan    | 24 - Ida Nulman          |
| 12 - Bóris Guerstel    | 25 - Rosa Ostrovsky      |
| 13 - Geni Guerstel     | 26 - Moisés Zimerman     |





Fac-simile do convite para a inauguração da sinagoga de São Caetano do Sul, situada à rua Pará, 61. A cerimônia ocorreu em 18 de junho de 1950, às 14h00. Pormenor interessante: o convite é bilingüe. O texto redigido em caracteres hebraicos está escrito em iídiche. O convite reproduzia a fotografia da sinagoga

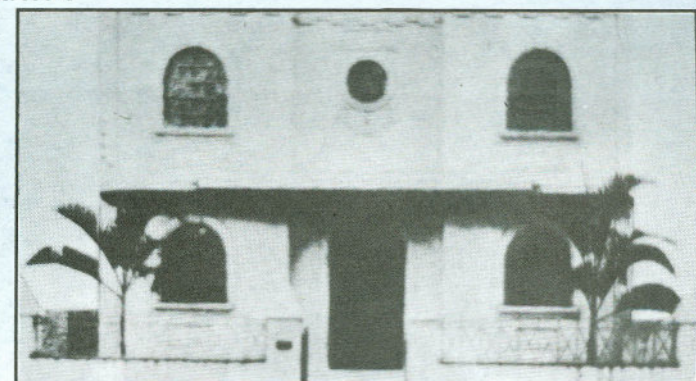
em São Caetano do Sul? Sim, algumas. “Não fiz o curso secundário na cidade, porque não havia escola nesse nível. Era preciso ir a São Paulo. Assim, fomos para a capital alguns de nós, como o Narciso Ferrari, o Cláudio Musumeci, e outros”. Foi assim que Moisés se formou em Contabilidade, no Liceu Acadêmico de São Paulo. A loja do pai era na antiga rua Virgílio de Rezende (atual João Pessoa).

Paulo Ostrovsky, com certeza, foi um dos pioneiros da coletividade judaica no Município. Depois, na metade dos anos 40, alguns comerciantes de móveis da cidade começaram a angariar fundos para construir a sinagoga de São Caetano do Sul: Paulo Ostrovsky, Henrique Kogan, Salomão Lachterman, Isaac Zimmerman, Samuel Strauch, Samuel Schwarz.

Paulo faleceu em 1987; Sofia, em 1971. Algumas fotos antigas, guardadas cuidadosamente por Moisés, revelam cenas de décadas atrás: Paulo com sua charrete, por volta dos anos 30, ao lado de sua loja de móveis no centro de São Caetano; a loja de Paulo, no começo dos anos 40. Moisés Ostrovsky lembra-se de Moisés Chapaval, seu primo, dentista e vereador na primeira legislatura. Recorda-se de muitos fatos que somente a memória conserva, porque a cidade mudou, muitas pessoas desapareceram, e restam vestígios apenas, em fotografias, em objetos, em locais.

### 5. Salomão, o cabo eleitoral

Salomão Lachterman nasceu em 1909 na localidade de Britchón, na Bessarábia. Chegou ao Brasil em 1926, com passaporte romeno, já que a sua região também havia sido incorporada à Romênia com o final da Primeira Guerra Mundial. Salomão estava, portanto, com 16 anos. Em pouco tempo, aprendeu o português (afinal, falava romeno,



no, língua neo-latina também, o que lhe facilitou a tarefa) e tornou-se nada menos do que cabo eleitoral de Washington Luís, que disputava a presidência da República. A rápida adaptação ao novo país não pode mais ser documentada com o testemunho do próprio Salomão, porque ele faleceu em 1956. Mas a filha, Sara, hoje Bogomoltz, retira os fatos de seu baú de recordações, observando que, ainda criança, ouvia as histórias contadas pelo pai, reforçadas por uma carteirinha (que hoje deve estar com algum familiar não localizado) emitida pelo comitê de apoio ao então candidato Washington Luís, o presidente que, em 1930, acabou sendo deposto pela junta de generais (Tasso Fragoso, Mena Barreto) e um almirante (Isaías de Noronha), até que Getúlio Vargas tomasse o poder.

“Meu pai - narra Sara Bogomoltz- acabou conhecendo boa parte do Brasil como cabo eleitoral de Washington Luís. Era bem falante e isso deve tê-lo ajudado muito”. Salomão chegou a São Caetano em 1930, um mês depois de ter se casado com Szeindla - pronuncia-se Chêindla- (Sabina) Kalmus, nascida na Polônia, em 1905. O casal foi morar na rua Major Carlo Del Prete. Salomão vendia formas de bolo. Os Lachtermans devem ter sido a terceira ou quarta família da comunidade judaica da cidade: não há registros exatos a esse respeito, apenas os testemunhais. Estavam na cidade Paulo Ostrovsky, Marcos Karlik e Ari Beer. Salomão e esposa foram morar, mais tarde, na rua Santo Antônio (atual Avenida Roberto Simonsen), bem defronte ao bar de Chicão Massei.

Por volta de 1933, Salomão Lachterman fundou uma das primeiras lojas de móveis da cidade, no Bairro Monte Alegre, à rua Amazonas. Essa atividade permitiu-lhe travar amizade com a comunidade italiana de São Bernardo, porque ia comprar os



Equipe de basquete do Grêmio Israelita de São Caetano do Sul. Cerca 1951



- 1 - Salomão ?
- 2 - Jaime Bragarnik
- 3 - Moisés Karolinsky
- 4 - Bernardo Beer
- 5 - Carlos Gerchtel



produtos que vendia aos movelheiros de lá. E permaneceu nesse ramo de atividade até o fim da vida. Os quatro filhos do casal - Sara, Rebeca, Esther e Israel nasceram em São Caetano do Sul. "A charrete de meu pai - conta Sara Bogomoltz - era muito conhecida, porque ele era comunicativo e dava carona para todos os conhecidos".

Lembranças da infância. É o que Sara Bogomoltz desfia ao discorrer sobre o pai e a família. Cenas curiosas. Por exemplo: o médico Nelson Penteadou tornou-se o doutor da comunidade judaica de São Caetano do Sul depois que acabou obtendo um local para abrir seu consultório na farmácia de Isaac Jurowsky, na esquina da atual Avenida Goiás com a rua Piratininga. Trapalhadas linguísticas, por exemplo, como o episódio em que o médico-farmacêutico Jurowsky, russo, que falava mal o português, havia sido incumbido de apresentar suas condolências num funeral e, lá chegando, teria dito, alto e bom, a seguinte frase: "Minhas despesas!". Em vez de "meus pêsames"...

Num ponto, as recordações do depoimento de Sara Bogomoltz cruzam-se com as narrativas de Waldemar e Pérola Beer: quando a comunidade já era mais numerosa na cidade, Salomão Lachterman juntou-se a mais alguns seguidores da fé mosaica para fundar a sinagoga de São Caetano do Sul, no final dos anos 40. Salomão chegou a ser sócio-remido do Hospital São Caetano, face à contribuição dada na campanha para a fundação da casa de saúde, lembra a filha. Sabina faleceu em 1971, mas o seu passaporte polonês indica a data exata de seu embarque para o Brasil: 28 de junho de 1929, num carimbo do Consulado dos Estados Unidos do Brasil, em Varsóvia. Desembarcou em Santos no dia 13 de julho do mesmo ano, segundo atesta o visto da Inspectoria(sic) de Polícia Marítima no passaporte e, em 28 de agosto, estava domiciliada à rua do Arouche, 25. Seguir o rastro desses antigos imigrantes é tarefa penosa, porque os contemporâneos não vivem mais. Apenas as lembranças das narrativas familiares é capaz de reconstituir parte do tecido desses episódios, insuflando vida e colorido nos fatos. Sara recorda-se de que a avó materna teria ido conferir se o pretende a genro realmente se casaria com a filha, porque o rapaz parecia muito atirado e decidido...

Acervo: Raízes



Waldemar Beer (à esquerda) e Rubens Bogomoltz, durante depoimento do primeiro, em julho de 1992

## 6. Quarenta e seis anos de história

A Sociedade Religiosa Israelita de São Caetano tem 46 anos de história registrada. O primeiro livro de atas cobre o período que vai de 10 de julho de 1946 - data da primeira reunião - a 29 de julho de 1958 e oferece informações interessantes sobre a evolução da entidade e sobre as atividades da entidade.

A primeira reunião dos fundadores da entidade foi realizada em 10 de julho de 1946, na residência de Samuel Stoch, à rua Goyaz(sic), 337. Tratava-se de uma iniciativa de Zelig Grinberg, conforme

atesta o documento, e tinha como finalidade organizar uma sociedade religiosa israelita na cidade. Havia 15 pessoas presentes, a saber: Bóris Gerstel, Henrique Kogan, Salomão Lachterman, Sebastião Zimmerman, Volf (Waldemar) Beer, Samuel Stoch, Júlio Kogan, Luiz Bloch, José Nulman, Samuel Schwartz, Ajzik Goldberg, Marcos Karlik, Moisés Zimmerman, Paulo Ostrovsky e Zelig Grinberg.

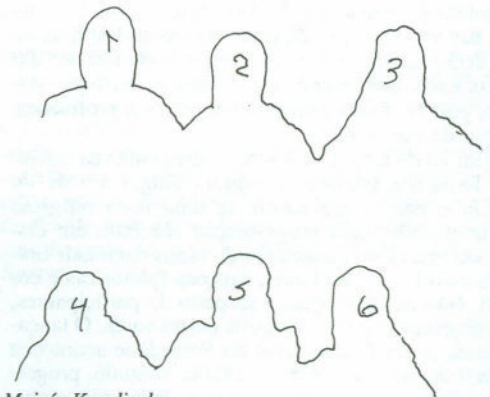
A primeira diretoria da entidade acabou sendo composto do seguinte modo: presidente, Paulo Ostrovsky; vice-presidente, Henrique Kogan; tesoureiro, Ajzik Goldberg; primeiro-secretário, Bóris Gerstel; segundo-secretário, Sebastião Zimmerman; primeiro-fiscal, Zelig Grinberg e segundo-fiscal, Samuel Schwartz. A primeira iniciativa da entidade recém-formada foi a de providenciar a aquisição de uma *Torá*. Segundo o relato das atas, todas redigidas em português, desde o início, nova reunião foi realizada em 16 de julho do mesmo ano, oportunidade em que foi fixada uma mensalidade de Cr\$ 20,00, para os casados, e Cr\$ 10,00, para os solteiros. Na terceira reunião, em 27 de julho, Artur Zimmerman prometeu doar a *Torá* à entidade, em memória de sua esposa, Eva.

Paulo Ostrovsky exerceu a presidência da Sociedade até 30 de dezembro de 1947, oportunidade em que se afastou por motivos de saúde. Henrique Kogan assumiu o posto. Numa reunião, em 10 de agosto de 1946, os dirigentes da entidade recém-fundada decidiram comprar área de 400 metros quadrados, à rua Pará, 53 (onde funciona a Sociedade até hoje), no valor de Cr\$ 50.000,00. A aquisição foi realizada com uma entrada de Cr\$ 5.000,00. A primeira assembléia-geral teve lugar em 10 de julho

Acervo: Carlos Gerchtel



Jovens do Grêmio Israelita de São Caetano do Sul. Circa 1951



- 1 - Moisés Karolinsky
- 2 - Carlos Gerchtel
- 3 - Júlio Zimmerman
- 4 - Luiz Szpiczkowski
- 5 - Bernardo Beer
- 6 - Isaac Gafanóvitch





A família Lachterman, em 1934: Salomão, Sabina, Sara (a menina mais velha) e Rebeca

de 1947, oportunidade em que os sócios elegeram a diretoria, através de voto secreto, e aprovaram os estatutos.

A linguagem das atas é bastante clara e objetiva, mas não fornece pormenores a respeito de muitos eventos e fatos. Um exemplo disso é que, em 10 de setembro de 1946, fala-se a respeito da organização de uma festa religiosa (a festa da *Torá*), sem, contudo, haver menção ao local e à data da realização do evento. Outra ata, a de 30 de janeiro de 1947, oferece informações a respeito dos projetos para a construção da sede da entidade, havendo menção ao fato de que a construção deveria ficar a cargo de Panunzio (não há outros dados sobre o nome do construtor ou quaisquer outros) e, também, uma informação no sentido de que a *sra. Esther* seria responsável pela educação religiosa das crianças. Em 24 de fevereiro de 1947, os diretores da Sociedade decidiram fixar uma mensalidade de Cr\$ 100,00 para as aulas que seriam ministradas às crianças, faltando, porém, dados pessoais referentes à professora, duração do curso, etc.

Em 20 de março de 1948, os dirigentes da Sociedade Religiosa Israelita decidiram alugar a sede do Ipê Clube para a realização de uma festa religiosa da comunidade, cuja programação consistiu em discurso do presidente, execução de hinos nacionais brasileiro e do Estado de Israel, canções folclóricas e coquetel. Não há indicações a respeito de participantes, local do evento, horário e outros pormenores. O lançamento da pedra fundamental da Sociedade aconteceu no dia 9 de maio de 1948, às 14h00; contudo, programação, lista dos presentes e outros dados são omitidos nas atas. É possível saber, também, que em 1º de fevereiro de 1950, o professor Vicente Bastos, diretor do Instituto de Educação, esteve presente a uma reunião da diretoria da entidade com o objetivo de oferecer ajuda profissional para a fundação de uma escola primária, que seria mantida pela Sociedade até o começo dos anos 70, e que também ofereceria educação religiosa.

A inauguração da sinagoga aconteceu em 18 de junho de 1950, às 15h00, com a presença de três rabinos (Dadiv Valt, Salomão Zinguerévitch e Moisés Isaac Hecht); o programa constou de discursos, apresentação de uma orquestra (?), coquetel e baile. A ata de 26 de junho de 1953, por seu turno, informa, dentre outras coisas, que o Jardim de Infância mantido pela Sociedade, estava construindo um *campinho* e há agradecimentos ao prefeito Anacleto Campanella, que teria colaborado com a obra. No entanto, nenhuma referência ao total de alunos do Jardim de Infância, nome da(s) professora(s), relação de alunos, etc. Uma ata de 8 de janeiro de 1958 permite-nos saber que a aluna Lili Litinsnaider recebeu menção honrosa, durante a formatura dos alunos da escola (primária?) mantida pela entidade, porque ela conseguiu obter as melhores notas durante o ano letivo. A festa de formatura aconteceu juntamente com a comemoração de um feriado religiosa, a festa de Khanuká (Festa das Luzes). Por outro lado, a ata redigida em 13 de junho de 1956 menciona a professora Sara (?) como responsável pela escola, sem entrar em quaisquer outros pormenores a respeito da atividade educacional desenvolvida pela Sociedade. Coisa similar pode ser lida na ata de 24 de julho de 1957, quando é mencionada a apresentação de um grupo teatral, composto por Salomão Friseman, M. Kovalsky e Guize Aide, sem especificação da natureza do espetáculo e outros detalhes. De maneira semelhante, a ata de 10 de junho de 1957 cita Carlos Guerchtel e Israel Lachterman como presidente e vice, respectivamente, do Grêmio Esportivo da Sociedade Religiosa Israelita, com elogios às atividades de ambos. Não há, no entanto, rastros referentes à data de fundação do Grêmio, seus estatutos, objetivos, etc.

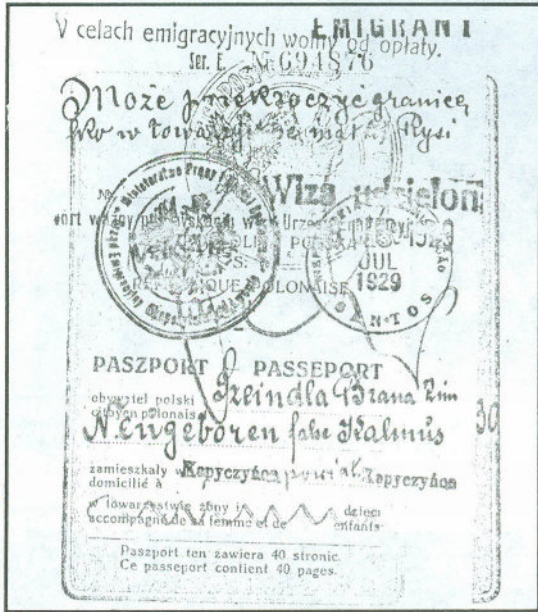
Embora muito bem organizado e conservado, o livro de atas da entidade é, como se pode verificar, insuficiente para rastrear muitas das atividades desenvolvidas pela Sociedade, porque faltam informações básicas, muitas vezes. Através da leitura das atas é possível tomar conhecimento, por exemplo, de infundáveis discussões entre diretores e associados a respeito da confecção de uma placa de homenagem aos fundadores da entidade. Ainda assim, os documentos examinados precisam ser cruzados com o depoimento de vários protagonistas dos episódios para se poder ter uma noção mais clara do desenvolvimento das longas atividades da Srisc. Trata-se, portanto, de uma tarefa a ser realizada, ainda, com o objetivo de traçar um roteiro completo da atuação cultural, educativa e social da comunidade em São Caetano. Tarefa que, com certeza, requer maior número de depoimentos e, talvez, a abertura de arquivos familiares de fotos e documentos. Uma coisa é certa: durante mais de duas décadas, São Caetano possuiu uma escola primária mantida pela Sociedade, escola que ministrava, a par do currículo comum, aulas de língua hebraica e religiosa. A escola fechou por falta de alunos. Mas a relação de professores, grade curricular, lista dos alunos, etc. não figuram nos livros de atas.

Como não é difícil concluir, a partir desses elementos, a história das diversas comunidades existentes na cidade necessita de muita pesquisa e muita cooperação por parte dos protagonistas para que possa ser, um dia, escrita em sua (quase) totalidade, com riqueza de informações.



Salomão Lachterman, em foto de 1927, na cidade de São Carlos, diante de um Packard último tipo...





Fac-simile do passaporte polonés de Szeindla Brana Neugeboren Kalmus





(\*\*)A presente pesquisa tornou-se possível graças ao auxílio e empenho prestimosos de Rubens Bogomoltz, para quem ficam os agradecimentos, insuficientes, porém sinceros, porque sem a sua ajuda tornar-se-ia difícil reunir pessoas, dados, e documentos.

Acervo: Família Ostrovsky

### Notas bibliográficas

[1.] **EBBAN, Abba- História do Povo de Israel.** Tradução de Alexandre Lissovsky. 4ª edição. Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1982. O Autor explica, logo no começo: "O que se acredita ter acontecido no Oriente Médio tem sido não menos formador na história do mundo do que aquilo que se sabe ter ocorrido. Fato e lenda juntam-se para descrever o aparecimento de Israel num Oriente Médio dominado pelos impérios fluviais do Nilo e Eufrates (...). Ao nascer Israel, o Egito já tinha atrás de si muitos séculos de vida nacional estável", p. 11;

[2.] **REICHERT, Rolf- História da Palestina.** Dos primórdios aos nossos dias. São Paulo, Herder : Editora da USP, 1972, p. 22;



A primeira loja de Paulo Ostrovsky, à rua Virgílio de Rezende (atual João Pessoa), numa foto de 1936, em que aparecem, da esquerda para a direita, Sofia, Malvina Rosa, Dora e Moisés

Acervo: Família Ostrovsky



Paulo Ostrovsky, ao lado da esposa Sofia, em charrete de sua propriedade, numa foto de 1932

[3.] **NOVINSKY, Anita- Cristãos novos na Bahia,** São Paulo, Perspectiva : Editora da USP, 1972, pp.24 e ss.;

[4.] *idem, ibidem,* p.57;

[5.] **BROMBERG, Rachel M.- A Inquisição no Brasil: um capitão-mor judaizante.** São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984, p.55;

[6.] *idem, ibidem,* pp. 56 e ss.;

[7.] **LAPA, J.R. Amaral - Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769),** Petrópolis, Vozes, 1978, p.26;

[8.] **CARPEAUX, Otto Maria - História da Literatura Ocidental,** Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1961, vol. III, p.1203;

[9.] **OMEGNA, Nelson- Diabolização dos Judeus. Martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: São Paulo, Distribuidora Record, 1969, p. 209;

[10.] *idem, ibidem,* p. 211;

[11.] **NOVINSKY, Anita- Judeus entre o exílio e a Inquisição. O Estado de S.Paulo,** Cultura, nº 628, 15 de agosto de 1992, p. 2. Adiante, a Autora explica que D.João II portou-se de modo desumano em relação aos judeus expulsos da Espanha: "Autorizou a permanência dos exilados por apenas 8 meses, prometendo fornecer-lhes barcos para partir. Não cumpriu sua promessa, não ajudou com as embarcações e, expirado o prazo, vendeu os judeus mais pobres como escravos aos nobres. Foi ainda mais longe a sua política antijudaica. No início

Acervo: Família Ostrovsky



Paulo e Sofia Ostrovsky, em foto de 1932

de 1493, ordenou que fossem tiradas aos pais judeus todas as crianças de 2 a 10 anos, e levadas para Sto.Tomé (Ilhas Perdidas), onde, nos conta o cronista Samuel Usque, foram devoradas pelas feras".

---

Aleksandar Jovanovic é jornalista, doutor em Lingüística, professor da USP, tradutor, presidente da Sociedade Brasileira de Eslavística e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



## Memórias do Grêmio

Carlos GERCHTEL (\*)

Com a inauguração da sinagoga, em 1950, surgiu, ao mesmo tempo, a oportunidade de criar-se um ponto de reunião para os jovens da coletividade judaica, pois já havia um local adequado. Assim, nasceu o Giscs (Grêmio Israelita de São Caetano do Sul), cujo primeiro presidente foi Carlos Gerchtel e vice, Júlio Zimerman.

Com todas as atividades próprias de um grêmio estudantil, o Giscs dedicou-se muito especialmente à parte esportiva, formando, no começo, a equipe de bola-ao-cesto. Logo a seguir, o time de futebol de campo e de futebol de salão.

A equipe de basquete teve a honra de disputar duas Macabiadas nacionais e o Primeiro Campeonato Municipal, realizado em 1953, tendo se sagrado vice-campeão. Realizou, ainda, vários amistosos contra equipes de outras cidades, como Santos, Santo André, Sorocaba, etc.

(\*) Carlos Gerchtel foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano e do CIM Profª Alcina Dantas Feijão

## Klein, um imigrante que acredita no trabalho

Largo sorriso nos lábios, camisa esporte, sandálias franciscanas de couro e muita simplicidade no modo de falar e de expressar-se. Esta é a descrição de um dos empresários mais bem sucedidos do país. Samuel Klein está à frente das Casas Bahia, que faturam por ano cerca de 1 bilhão de dólares. Homem de posses, com bagagem de sucessos, mas que preserva e gosta da simplicidade.

Este imigrante judeu, de 68 anos, que saiu da Polônia natal, procura no dia-a-dia cultivar a humildade e diz-se avesso à ostentação e à prepotência. "Não gosto de pisar em ninguém" - é a frase bem conhecida de Klein, homem que conheceu o sucesso com muito trabalho. Chegou ao Brasil com alguns trocados no bolso. Sua sala, no quarto andar do prédio-matriz das Casas Bahia, no centro de São Caetano, revela alguns detalhes e a personalidade do proprietário. Despojada, é difícil de imaginar que dali se comanda um império comercial com mais de uma centena de lojas. Em lugar de obras de arte, as paredes apresentam as fotos da família do patriarca e das sedes atual e antiga do grupo. O escritório mostra, ainda, uma vitrina de troféus e medalhas, a pequena vaidade de Klein.

Filho de pai carpinteiro, Samuel era o terceiro de nove irmãos (cinco homens e quatro mulheres). Em outubro de 1942, quando estava para completar 19 anos, foi preso por soldados da Alemanha nazista e enviado, com o pai, para o campo de concentração de Maidanek, próximo à cidade Lublin, onde nascera. Para a distante Treblinka, campo de extermínio, foram mandados a mãe e os cinco irmãos mais novos. Nunca mais Samuel Klein os viu. Ele acredita que os seis tenham sido mortos antes mesmo de chegar ao campo de concentração, no próprio trem que os conduzia. O irmão e a irmã mais velhos (Salomão e Fésia) fugiram para a União Soviética. Ambos vivos, moram em Nova Iorque. Outra irmã, Ester, livrou-se da deportação escondendo-se em casa de amigos. Fazendo passar-se por cristã, chegou a trabalhar na Alemanha. "Minha sorte foi ser jovem e forte" - conta Klein sobre o fato de ter sido mandado para um campo de trabalhos forçados e não para Treblinka. Em julho de 1944, com as forças aliadas acando as tropas alemãs, os prisioneiros foram retirados de Maidanek e levados, a pé, em direção da Alemanha. Durante a marcha, Klein aproveitou-se de um descuido dos guardas e sumiu no mato.

Na Polônia, com o fim da guerra, encontrou-se com os irmãos

Acervo: Raízes



Samuel Klein, o imigrante que acredita no trabalho

Acervo: Raízes



Foto da primeira loja de móveis de Samuel Klein, no Bairro Fundação, no começo dos anos 50. Já se chamava Casa Bahia

Acervo: Raízes



Sede atual das empresas do conglomerado Casas Bahia, na Avenida Conde Francisco Matarazzo

sobreviventes e, em 1946, foi com eles para Munique, na Alemanha, em busca do pai. Acabou ficando por lá, devido às oportunidades de negócios que um país ocupado pelas forças aliadas proporcionava. Fez de tudo para sobreviver, até comerciar cigarros e vodca para as tropas russas. Só não aceitou trabalhar como empregado. "Nunca trabalhei para os outros, a não ser durante um dia e meio, na Polônia, e como carpinteiro" - explica. Em cinco anos, Samuel juntou algum dinheiro, casou-se com Ana, e resolveu que era o momento de conhecer um novo mundo, sem as dores e lembranças da guerra. Escolheu a América do Sul e desembarcou na Bolívia, em 1951. Mas, para sua infelicidade, lá estava ocorrendo uma guerra civil, uma rebelião popular contra os militares. Cansado do clima de guerra, no ano seguinte chegava ao Brasil, com Ana e o pequeno filho, Michel.

Além dos sonhos e da força de vontade, Klein trazia no bolso seis mil dólares. Assim que decidiu ficar em São Caetano, comprou uma casa por quatro mil dólares de entrada, e com dois mil dólares, uma charrete, um cavalo e um cadastro de 100 clientes. Quem o ajudou foi um judeu romeno, José Nulman, que vendia toalhas e roupas de cama na região e pretendia aposentar-se. "Fiz um bom negócio" - rememora Klein. Os 100 clientes herdados pagavam por mês, no total, 18 mil cruzeiros, que acabavam sendo divididos em nove mil cruzeiros para repor mercadorias, seis mil cruzeiros para pagar a prestação da casa, mil e quinhentos, para sustentar a família e mais mil e quinhentos, com um garoto que o ajudava, o cavalo e a cocheira.

Quando indagado sobre o segredo de seu sucesso, Klein respondeu: "Meu lema é confiar. Confiar no freguês, nos funcionários, nos fornecedores, nos amigos e, principalmente, em mim". Outro ponto importante que o empresário destaca: "Se você vende caro, você vende só uma vez. Tem comerciante que quer ficar rico depressa, e acaba ficando pobre depressa". Ainda hoje, à frente de um verdadeiro império, ele gosta de determinar pessoalmente o preço de cada item de suas lojas. Sobre sua mesa de trabalho há sempre recortes de jornal com anúncios dos concorrentes.

## Frases

**Comerciantes:** Não há maus negócios. Há maus comerciantes".

**Crédito:** "O crédito é tudo na vida. Construí meu império com o dinheiro dos outros".

**Crise:** "Esta palavra não existe no meu dicionário".

**Sócios:** "Sou contra. Quem tem sócio, tem patrão".

**Economistas:** "Não preciso deles. Faço o que sei nas minhas empresas. E tem dado certo". (Jocimara Sperate).



## O mártir do Calvário

Henry VERONESI(\*)

**O** ano: 1950. A peça, de Eduardo Garrido. Local: sede do São Caetano Esporte Clube. A data: dias 24, 25 e 26, às 20h30; dia 26, vespéral às 14h30. Corpo cênico: artistas amadores de São Caetano do Sul e voluntários. Número de personagens: 70. Patrocínio: Ypê Clube, comércio e indústria da cidade. Renda: em benefício da construção do Hospital São Caetano.

A idéia da construção de um hospital na cidade já se havia tornado uma realidade. As campanhas para a arrecadação de fundos para o nosocômio tinham sido realizadas pela diretoria e comissões masculina e feminina de festas da entidade, quando, João Habib Kirsche, Mário Menin, Horácio Pires, Henry Veronesi, José Costa, José Ardito e outros integrantes da diretoria do Ypê Clube aventaram a hipótese de um espetáculo teatral em benefício do futuro hospital.

Várias possibilidades foram aventadas: realizar uma série de espetáculos teatrais em dias alternados, cuja renda seria doada à sociedade. Estudado o assunto, ele mostrou-se inviável, tendo em vista o fato de que todos os locais em que o espetáculo seria realizado estavam comprometidos. Foi quando José Costa, diretor de teatro amador, sugeriu a montagem da peça *O mártir do Calvário-vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*. A idéia foi considerada genial, visto que, diante da proximidade da Semana Santa, melhor oportunidade não se poderia apresentar. Isso foi reforçado com a possibilidade da cessão do salão de festas do São Caetano E.C. que, na época, além de estar localizado num ponto central da cidade (rua Perrella), era o mais amplo e possuía um palco muito grande que se prestava, perfeitamente, para a encenação da peça. Tudo planejado para a realização do espetáculo. Faltava, porém, o principal: o elenco. Para a peça, de quatro atos e 13 quadros, era necessário um grande número de atores, atrizes e coadjuvantes. José Costa era o responsável pela direção da peça. Auxiliado por Aladino Grechi, Mário Menin, Matheus Constantino, Ca-sério Veronesi e outros, iniciou uma verdadeira via sacra a fim de recrutar os *artistas e coadjuvantes* para o elenco. Depois de quase um mês de procura e de boa vontade daqueles que nunca sequer havia subido num palco, o elenco se completava.

Trabalho insano foi o de determinar o papel de cada um, porque entre os que jamais haviam trabalhado em teatro, alguns recusavam-se a apresentar-se como os vilões de Jesus. Depois de muita conscientização, paciên-

cia e determinação do diretor, foi montado o conjunto de artistas que iriam representar na peça. O elenco ficou assim constituído: *Virgem Maria*, Maria da Glória Leite; *Madalena*, Nair Donato Ferres; *Samaritana*, Mafalda Petroni; *Verônica*, Olga Montanari de Melo; *Sarah*, Francisca Martinez; *Anjo*, Marília Macedo; *Jesus Cristo*, Leonardo Sperate; *Pôncio Pilatos*, Matheus Constantino; *Judas (discípulo)*, José Costa; *Caifáz*, Mário Menin; *Annáz*, Walter Barbosa de Mello; *Pedro (discípulo)*, Aladino Grechi; *Nicodemus (discípulo)*, Tino Constantino; *João (discípulo)*, Ângelo Rosseto; *Eleazar (discípulo)*, Luiz Crepaldi; *Felipe (discípulo)*, Ildefonso Veronesi; *Thiago (tio de Jesus)*, Henry Veronesi; *Simão (discípulo)*, Fábio Vieira de Souza; *Matheus (discípulo)*, Nicola Bernardes; *André (discípulo)*, Amadeu Guazelli; *Dimas (o bom ladrão)*, Pedro Gusman; *Gestas (o mau ladrão)*, Vítório Menin; *Malcus (soldado romano)*, Luiz Crepaldi; *Centurião*, Marcelino Fernandes; *Dario (soldado romano)*, A. Guareta; *Abdarão (soldado romano)*, M. Sacomani; *Samuel (judeu errante)*, V. Schiorilli; *Simão Cirineu*, Heraldo Fernandes; *Faluel (discípulo)*, Vicente Schiorilli; *Abdias*, Ângelo Guareta; *Pregoeiro*, *Menotti Sacomani*; *Longinhos (o cego)*, Horácio Pires.

Havia outros ainda, como o *ponto* Manoel Novaes; o fundo musical ficou a cargo de Menotti Petroni e Waldemar Fâmula; o controle de som, com Ângelo Rosseto; o locutor era Geraldo Benincasa e o guarda-roupa e a montagem foram fornecidas pela Casa Teatral.

Distribuído o *script* para cada um, foram marcados os primeiros ensaios no salão de festas do São Caetano E.C. Na primeira noite, o local ficou quase lotado devido ao grande número de personagens que a peça exigia. Durante dois meses, foram realizados diversos ensaios. Neles eram corrigidas as gafes cometidas pelos artistas que, na maioria, pisava pela primeira vez sobre um palco. Os diretores tiveram muito trabalho para dirigir aqueles que, costumeiramente, já representavam. Imagine-se: atores experientes representarem com aque-

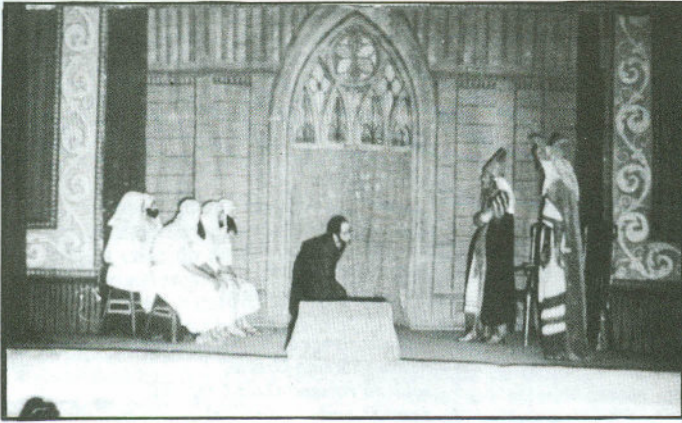
Acervo: Leonardo Sperate



Jesus parte de Jerusalém para Ghetsêmani, acompanhado pelo povo e pelos apóstolos

les que jamais pisaram sobre o palco. Os ensaios foram se sucedendo e as coisas começaram a ficar mais fáceis, encaixando-se umas nas outras. Até uma certa data foram sendo realizados apenas por quadros. Era raro o dia em que não houvesse treino. Quando o diretor achou que os ensaios dos quadros estavam em ordem, marcou um ensaio geral com todos os artistas e coadjuvantes. Mas foram realizados poucos ensaios gerais. José Costa era um diretor muito exigente e grande





Judas vende Jesus ao sumo-sacerdote Annás

observador, que não deixava escapar coisa alguma. Os ensaios foram executados sem os cenários de cada quadro e sem o guarda-roupa apropriado. Por isso, na primeira apresentação, embora não tivesse sido notado pelos espectadores, foram cometidas algumas gafes, acontecimentos que os participantes do elenco achavam cômicos.

No transcorrer de um dos ensaios, na cena em que os soldados romanos Malcus, Centurião, Dario e Abdarão, acompanhados pelo povo, levam Jesus em romaria ao governador Pôncio Pilatos, em devolução ao rei Herodes, José Costa, para dar à cena um ambiente de tristeza que se deveria misturar ao vozerio do povo, chamou Menotti Petroni, responsável pelos fundos musicais, e pediu que tocasse qualquer coisa que se parecesse com a música da época. Menotti Petroni, no momento oportuno, não sabendo o quê tocar, começou a executar a Sinfonia Inacabada, de Schubert. Ao ouvir a música, que contranstava com a cena, José Costa suspendeu o ensaio por alguns instantes, chamou Petroni, e disse: "O senhor sabe o que estava tocando?". Petroni, que conhecia Música bem, respondeu: "Lógico que sei. Estava tocando um trecho da Sinfonia Inacabada, de Franz Schubert, compositor austríaco". "Correto - respondeu Costa-, mas o senhor sabe que esse tal de Schubert não havia nascido, ainda, na época de Jesus Cristo?". "Sim, é verdade", retrucou Petroni. "Vai, vai lá atrás do cenário e na cena, em vez de tocar Schubert, fique arranhando o violino com o arco, produza qualquer som, mas que seja sem melodia conhecida, está certo?", finalizou o diretor.

### Jesus em Ghetsêmani

Jesus, na peça, decidido a não fugir ao perigo, cede, apesar de tudo, uma vez mais aos pedidos dos amigos e concorda em mudar-

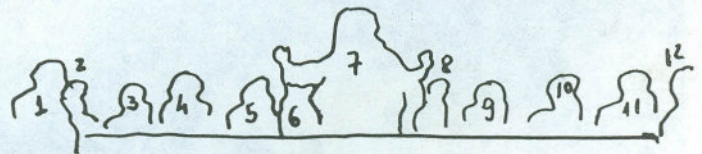
se para uma casa colonial distante daquela que ocupava. Os sacerdotes temiam a oposição do povo e queriam prender o Messias, inesperadamente e a sós, para o que conseguiram enganar Judas, que os serviu a contento. Jesus já havia sido condenado pelo sumo-sacerdote Annaz: "É necessário que esse homem morra, porque é culpado de lesa-majestade divina, com todos os conhecimentos de um doutrinário. Por que motivo nos vêm falar de monomania [1.], de demência, quando tudo demonstra uma rara perspicácia, uma ambição devoradora, um caráter dos mais perigosos? Ainda que a demência seja provada, é preferível a morte de um homem inconsciente à queda do sacerdócio e à ruína de uma nação". Da casa colonial em que Jesus e seus discípulos se alojaram em Ghetsêmani avistavam-se o Mar Morto, o rio Jordão, as planícies e as montanhas da Galiléia. Nessa casa foi realizada a cena da última ceia. Essa grande refeição necessitava a celebração do ato do Lavapés, instituição do apóstolo João. A Santa Ceia, a última de Jesus Cristo com os apóstolos e mais Thiago, era um dos quadros que compunham a peça. Na reunião em que Jesus conferiu aos seus amigos o título de apóstolos, realizava-se um diálogo entre os apóstolos e Jesus. Cada apóstolo interpelava Jesus depois que Ele, falando aos discípulos, dizia: "Vós sois meus apóstolos e meus discípulos; eu terei de contar convosco e não obstante...eu sei desde já que muitos de vós haverão de traiçoar-me". Surpreendidos com a afirmação, os apóstolos, sem pausa, interpelavam Jesus, curiosos. "Senhor, serei eu o traidor?", "Acaso serei eu?", "Por que chamar-nos de traidores, depois de haver-nos confiado o êxito de Tua obra". Enfim, o quadro exigia a participação de todos, num verdadeiro pingue-pongue de perguntas e respostas. No meio do diálogo, havia um apóstolo que esquecia a sua frase em todos os ensaios. Por isso, a Santa Ceia foi diversas vezes ensaiada, até que todos decorassem o próprio papel, perfeitamente. No primeiro dia do espetáculo



Santa Ceia em Ghetsêmani: Jesus nomeia seus apóstolos



- 1 - doutor
- 2 - doutor
- 3 - doutor-
- 4 - doutor
- 5 - doutor
- 6 - Judas (José Costa)
- 7 - Annás (Walter Barbosa de Melo)
- 8 - Caifás (Mário Menin)



- 1 - Judas (José Costa)
- 2 - Simão (Fábio Vieira de Souza)
- 3 - Mateus (Nicola Bernardes)
- 4 - João (Ángelo Rosseto)
- 5 - André (Amadeu Guazelli)
- 6 - Tiago (Henry Veronesi)
- 7 - Jesus (Leonardo Sperate)
- 8 - Pedro (Aladino Grechi)
- 9 - Nicodemo (Concelto Constantino)
- 10 - Faloel (Vicente Schiorini)
- 11 - Felipe (Ildefonso Veronesi)
- 12 - Abdias (Ángelo Guereta)





Judas entrega Jesus aos soldados romanos no Jardim das Oliveiras

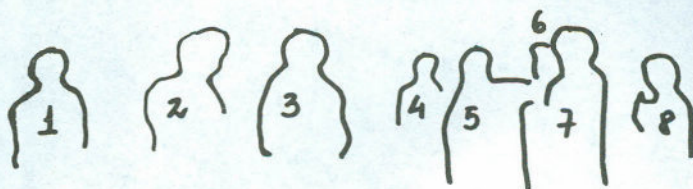
lo, o mesmo apóstolo que esquecia a frase, na hora da representação, não se lembrou de sua fala e fez a pergunta de um outro, deixando a todos sem ação. A seqüência do diálogo foi embrulhada de tal modo que Jesus precisou retomar a palavra, encerrando o quadro: “Meus queridos discípulos: amanhã, talvez, nos separemos. Amai-vos como vos tenho amado. Dou-vos o mundo para conquistar e minha luz guiavos-á. Prometo-vos a glória de Deus. Nomeio-vos meus sucessores e abenço-vos. Que a paz esteja convosco e com o vosso espírito. Vinde dar-me o beijo de despedida”. José Costa, que era o diretor e também fazia parte do quadro, como Judas, quase teve um ataque de ódio. Na apresentação seguinte, chegando à conclusão de que o desditado artista não representaria o seu papel como mandava o script, o diretor dizia: “Senhor apóstolo: vou tirar da cena a pergunta que você precisa fazer, mas, pelo amor de Deus, fique no seu lugar, sentado, sem dizer uma só palavra, fique bem quieto, não diga nada que tudo vai sair bem, se você ignorar o seu papel...”.

### Jesus preso no Jardim das Oliveiras

Dos discípulos, Judas foi o único que não acompanhou Jesus a Ghetsêmani, na manhã de quarta-feira. Alcançou a comitiva à tarde. Essa falta de companheirismo despertou a atenção de Pedro, que perguntou a Jesus: “ Que tem, pois, Judas? Vêde como está preocupado”. Jesus, aproximando-se dele, perguntou-lhe porque os havia deixado no momento da partida de Jerusalém. Judas respondeu: “Tinha de visitar algumas pessoas e , por outra parte, tinha o desejo de informar-me das disposições tomadas a respeito de Vós, por parte de vossos inimigos”. Judas havia abandonado Jesus, negociando-o com os sacerdotes. Por proposta de Judas, Jesus e seus apóstolos, na quarta-feira, foram visitar as plantações de oliveiras que cobriam o flanco da montanha de Ghetsêmani, pelo lado de Jerusalém. Deu como pretexto de sua lembrança as modificações por que teria passado o local.



Jesus é preso no Jardim das Oliveiras



- 1 - Judas (José Costa)
- 2 - Tiago (Henry Veronesi)
- 3 - João (Ângelo Rosseto)
- 4 - soldado romano (M. Sacomandi)
- 5 - Pedro (Aladino Grechi)
- 6 - soldado romano (Luiz Crepaldi)
- 7 - Jesus (Leonardo Sperate)
- 8 - Dario (Ângelo Guereta)

No Jardim das Oliveiras, Judas afastou-se novamente dos discípulos. Jesus, depois de alguns instantes de descanso, chamou Judas em vão. Vendo que Judas não aparecia, pronunciou as palavras de acusação: “Aquele que chamais, está aqui perto; ele está para chegar. Quando o virdes, a vítima será entregue ao verdugo”.

Os gritos e imprecções dos apóstolos ouviam-se ao mesmo tempo em que chegava aos ouvidos de Jesus o ruído dos pesados passos de muitos homens. Eram os soldados romanos, em número de oito, dois familiares dos sacerdotes, que apontavam Jesus para a tropa armada. Um soldado deitou a mão em Jesus, dando-lhe voz de prisão. Pedro agrediu o soldado. Jesus acalmava Pedro com as seguintes palavras: “Acalma-te, meu amigo, a resistência é inútil. Sem curvar a cabeça como culpados, convém saber sofrer a lei humana com resignação”. E , assim, Jesus foi preso. Os acontecimentos do Jardim das Oliveiras constituíam um quadro da peça. Um pouco modificado pelo diretor que, não vendo necessidade de colocar todos os apóstolos na cena, determinou que só Pedro, João e Thiago acompanhassem Jesus. Os quatro em cena, Jesus recomenda aos discípulos que descansem, pois a noite seria longa. Os apóstolos dormiam um certo período, até que Thiago, no meio da noite, acordava, despertando Jesus: “Mestre, ouço vozes”. Depois, fazendo uma cena, punha uma das mãos sobre a testa, olhava para uma das laterais do palco e afirmava: “ Vejo vultos...”. Naquele momento, entravam os soldados romanos e prendiam Jesus. A cena realizada foi espetacular. Thiago quase se consagrou com a representação. Mas os ensaios haviam sido realizados sem cenários e os soldados romanos não entraram pela lateral esperada, tirando todo o brilho da cena. Aliás, nessa cena, um dos soldados romanos tentava agredir Jesus com a espada. Jesus parava a espada no ar e o soldado, independentemente de sua própria vontade, ajoelhava-se. As pessoas que estavam no *gargarejo* do palco, não se contendo, riam discretamente. O motivo logo foi descoberto: o soldado que se ajoelhava (Marcelino Fernandes) usava uma saia em tiras. Quando se ajoelhava, a ceroula, tipo samba-canção, bem longa e listrada, aparecia, provocando os risos discretos...



- 1 - João (Ângelo Rosseto)
- 2 - Tiago (Henry Veronesi)
- 3 - soldado romano (Luiz Crepaldi)
- 4 - Jesus (Leonardo Sperate)
- 5 - soldado romano (M. Sacomandi)
- 6 - soldado romano (Ângelo Guereta)
- 7 - Pedro (Aladino Grechi)





Pilatos condena Jesus à crucificação

### Jesus a caminho do Calvário

Jesus, interpretado por Leonardo Sperate, apareceu no quadro carregando a cruz. Era chicoteado pelos soldados romanos Malcus (Luiz Crepaldi), Centurião (Marcelino Fernandes), Dario (Ángelo Gueretga) e Abdarão (M. Sacomani). Antes de iniciar o quadro, Costa, em sua preleção, pedia a todos que todos representassem com realismo os seus papéis. Luiz Crepaldi, atendendo ao pedido do diretor e, talvez, pelo entusiasmo de representar bem o seu próprio papel, não deixou por menos: na hora em que Jesus tropeçava ou parava para descansar, aplicava a recomendação do diretor à risca. O chicote funcionava de tal forma que Jesus (Leonardo Sperate) não queria entrar em cena na apresentação do segundo espetáculo. Costa, que havia gostado do quadro, convenceu "Jesus" a não desistir da peça, prometendo que falaria com os alcoses, os soldados romanos. Chamando Malcus, Centurião, Dario e Abdarão, disse-lhes: "O quadro estava magnífico. Continuem representando como vinham fazendo. Ele não quis, afinal, representar Jesus?". Realismo, realismo... Nos demais espetáculos, os chicotes comiam soltos, e Jesus, ao término da cena, sempre reclamava. Costa prometia providências, sem nada resolver. Assim, de promessa em promessa, manteve Leonardo no papel de Cristo, e ele sofria com realismo. Outras passagens engraçadas passaram por trás dos bastidores, tudo por causa da inexperiência de certos personagens.

Contudo, os cinco espetáculos realizados encheram o salão do São Caetano E.C., rendendo à Sociedade Hospitalar São Caetano uma razoável verba que serviu para ajudar na construção da casa de saúde, uma das melhores da Grande São Paulo. Dessa experiência uma grande lição pode ser tirada: não adianta saber apenas; é preciso boa vontade para realizar alguma coisa.

### Notas

[1.] Anotações de Casério Veronesi.

**Semana Santa YPÊ CLUBE Semana Santa**  
NO SALÃO DO SÃO CAETANO E. C.  
Dias: 24 - 25 - 26 às 20,30 horas / Dia 26 Vesperat às 19,30 horas

**O MARTIR DO CALVARIO**  
(VIDA, PAIXÃO E MORTE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO)  
DE EDUARDO GARRIDO  
EM 3 ATOS E 13 QUADROS  
ELENCO

|       |                  |        |                     |           |                     |         |                 |
|-------|------------------|--------|---------------------|-----------|---------------------|---------|-----------------|
| Jesus | Luiz Crepaldi    | Malcus | Marcelino Fernandes | Dario     | Ángelo Gueretga     | Abdarão | M. Sacomani     |
| Jesus | Leonardo Sperate | Malcus | Luiz Crepaldi       | Centurião | Marcelino Fernandes | Dario   | Ángelo Gueretga |
| Jesus | Leonardo Sperate | Malcus | Luiz Crepaldi       | Centurião | Marcelino Fernandes | Dario   | Ángelo Gueretga |
| Jesus | Leonardo Sperate | Malcus | Luiz Crepaldi       | Centurião | Marcelino Fernandes | Dario   | Ángelo Gueretga |
| Jesus | Leonardo Sperate | Malcus | Luiz Crepaldi       | Centurião | Marcelino Fernandes | Dario   | Ángelo Gueretga |

Para as vendas veja distribuidor por telefone ou diretamente no São Caetano

ON CONVETER PODEMOS REIR PRODUÇÕES NAS CARRAS ADIADAS MENCIONADAS

**YPÊ CLUBE**  
Município: Ananias

**CASA YACCARI**  
Município: Ananias

**CLUBE MARI FERRAZ**  
Município: Ananias

Cartaz do espetáculo *O Martir do Calvário*, (vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo)



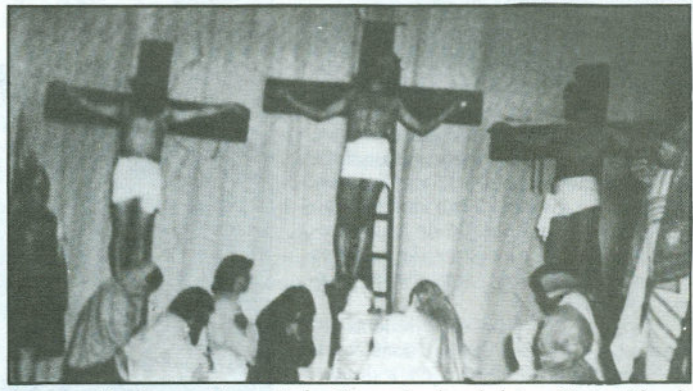
- 1 - Pilatos (Matheus Constantino)
- 2 - ?
- 3 - ?
- 4 - ?
- 5 - soldado romano (Luiz Crepaldi)
- 6 - ?
- 7 - Jesus (Leonardo Sperate)
- 8 - soldado romano (Ángelo Guereta)
- 9 - soldado romano (M. Sacomandi)
- 10 - soldado romano (Marcelino Fernandes)
- 11 - Annás (Walter Barbosa de Melo)
- 12 - Caifás (Mário Menin)
- 13 - doutor (?)

### O toco de charuto

As gafes no teatro amador não são raras e, às vezes, são percebidas apenas pelos artistas que estão representando ou por aqueles que estão atrás dos bastidores. Às vezes, são verdadeiros acidentes, como, por exemplo, o que ocorreu na peça *O mártir do Calvário*, representada por atores amadores da cidade, anos antes daquela em benefício do Hospital São Caetano. Consta que na cena de Jesus crucificado no Calvário o ator amador Otávio Tegão (que representava Jesus) deliciava-se com um charuto, antes de as cortinas da balista se abrirem. E passava o charuto de um lado da boca para outro, porque não podia usar as mãos, pois a montagem do quadro já estava pronta e seus braços e pernas já estavam pregados sobre a cruz, ao lado de Dimas e Gestas. Fumava descontraidamente, deixando cair as cinzas aos seus próprios pés. O diretor correu para o palco, avisando a todos que se colocassem em posição, porque a cena iria iniciar-se de imediato. Em seguida, com uma marreta, batendo no assoalho do palco, deu o clássico sinal: *pum...pum...pum...*, aviso para o público de que o espetáculo se iniciava.

As cortinas começaram a abrir-se. Otávio, com o charuto na boca, não tendo outra alternativa, cuspiu o toco. Para azar do ator, o toco foi se alojar bem no meio dos dedos do seu próprio pé, e continuava a queimar. Otávio nada podia fazer. O sofrimento era insuportável: torcia-se todo, como devia ter sofrido Jesus Cristo. E agradeu em cheio à platéia. No final da cena, os aplausos foram feitos em pé, consagrando Otávio como o melhor ator da peça... Durante vários dias sua representação foi comentada e elogiada. Também durante vários dias, ele deixou de calçar sapatos por causa do toco de charuto que lhe proporcionou tantos elogios e tanta dor também...

(\* Henry Veronesi, advogado, ex-radialista, natural de São Caetano do Sul, administrador de empresas, diretor aposentado da Prefeitura de Santo André. Atualmente, ocupa o cargo de diretor de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul



Jesus crucificado entre Dimas (Pedro Guzman), o bom ladrão, e Gestas (Vittorio Menin), o mau ladrão



# Florence, Langsdorff e nós

Antonio de ANDRADE(\*)

**G**rimpar sebos constitui, sem qualquer dúvida, uma das mais enriquecedoras experiências para quem se interessa pela arte e ofício de adentrar os nebulosos meandros de nossa História. Verdadeiros *caçadores de livros perdidos*, os pesquisadores consomem horas de seu cotidiano em meio a empoeiradas, mofadas e surradas publicações, espalhadas em arqueadas prateleiras. Cada conquista acaba sendo festejada como a celebração de um precioso troféu conquistado.

Meses atrás, estava mergulhado nessa fascinante aventura, desta feita na Livraria Munhoz, em São Caetano, quando, num canto, meio encoberto, descobri um livro de capa dura, de tom verde-escuro, ornado por letras douradas e de uma conservação impecável. Tratava-se de um exemplar da série *Estante Histórica* que a Melhoramentos publicou na década de 40, com justificado sucesso. No caso, tratava-se de volume referente à 2ª edição (datada de 1948) da obra de Hércules Florence: *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829*. Custou-me a raridade o exato preço de um cafezinho, mas que me propiciou uma "viagem" fascinante do porto de Santos a Belém do Pará, através da cristalina linguagem do autor, enriquecida de 115 impecáveis gravuras que "fotografam" o inusitado itinerário.

## Florence

A figura de Hércules Florence há muito povoa o meu imaginário face às circunstâncias em que, na pacata Campinas (então Vila de São Carlos), no início do século XIX, desenvolveu intensas atividades que resultaram, entre outras coisas, no descobrimento da fotografia. Nascido em Nice (França), Florence veio ao Brasil em 1824, aos 20 anos de idade. Em 1832, vamos encontrá-lo em Campinas, casado com Maria Angélica de Vasconcellos, estabelecido comercialmente com uma loja de tecidos, mas voltado a concretizar dois grandes projetos: a poligrafia-processo de simplificação do trabalho tipográfico e a publicação de seus estudos sobre o canto e vozes de pássaros e animais brasileiros, área que se chama Zoofonia.

Em 1833, realiza experiências fotoquímicas, associadas à construção de uma câmara-escura, que redundariam na fixação de imagens naturais em papel, o que ele chamou de "photographie". Isso seis anos antes de Louis Daguerre conseguir, na França, aquela

que é considerada a primeira fotografia. Em 1834, desenvolve uma técnica que permite imprimir com perfeição e, simultaneamente, em diversas cores. Contudo, a invenção da poligrafia é creditada ao francês Gabriel Lippmann, nascido em 1845, e que, em 1908, recebeu o Prêmio Nobel de Física por essa invenção. Florence edita, em 1836, o jornal *O Paulista*, o primeiro a circular no interior da então Província de São Paulo.

A lista de inovações e inventos de Florence é extensa e seu nome, com certeza, estaria arrolado junto aos dos grandes cientistas, não fosse o fato de viver numa pequena localidade de um quase desconhecido país do hemisfério sul. Mas o que desejamos deixar aqui registrado é sua participação, aos 20 anos, na condição de desenhista, da incrível expedição científica Langsdorff pelo interior do Brasil, entre 1825 e 1829.

## Langsdorff

George Heinrich Langsdorff (1774-1852), alemão de nascimento e posteriormente naturalizado russo, teve grande parte de sua vida ligada ao Brasil. Aqui chegou, pela primeira vez, aos 29 anos, em 1803, e permaneceu pouco mais de um mês. Em 1813, retornou com a função protocolar de cônsul-geral e encarregado dos negócios da Rússia no Brasil. Sua formação em Medicina e os profundos conhecimentos em Mineração, Zoologia e Botânica fariam dele elemento de influência junto aos representantes da Corte no Rio de Janeiro. Em 1816, adquire em Magé (Rio de Janeiro) a Fazenda Mandioca, que transforma em centro de estudos. Para lá convergem cientistas, naturalistas, pesquisadores e viajantes estrangeiros que passavam pelo Brasil. Langsdorff introduz na fazenda uma série de iniciativas inovadoras, como a adoção do trabalho assalariado para os empregados, a policultura, a rotatividade no plantio e técnicas agrícolas que seriam classificadas hoje de *ecologicamente corretas*, como, por exemplo, a não utilização de queimadas. Viabilizou no local uma espécie de agricultura "auto-sustentável", em escalapiloto, e procurou sensibilizar as autoridades quanto à viabilidade de expandir essas técnicas pelo país. Mesmo sem apoio oficial, financiou a vinda ao Brasil de imigrantes alemães e suíços, atraídos pela grande disponibilidade de ter

Aceva: Antonio de Andrade



Hércules Florence (1804-1879), em foto sem data, publicada no livro editado pela Melhoramentos



ras. Levaria mais de meio século para que as autoridades despertassem para a importância da modernização da economia e a fixação de uma política imigratória. Finalmente, tentou viabilizar junto à Corte aquela que deveria ser a primeira universidade brasileira, voltada para as especialidades que ele buscava (sem apoio) implantar no Brasil. Não conseguiu. Seu denodo e sua crença nas potencialidades que o Brasil representava levaram-no a convencer o czar Alexandre I a financiar o projeto de uma ampla expedição pelo interior do país, levantando recursos naturais desconhecidos e produtos tropicais que poderiam constituir promissor mercado de trocas entre os dois países.

### A expedição

Não por acaso, o anúncio da constituição da expedição deu-se em 1822, logo após a proclamação da Independência. Durante três anos, arrastaram-se os preparativos de uma das maiores odisséias registradas na História do país e que, até 1836, percorreria 15 quilômetros ao longo de São Paulo, Minas, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Pará e Amazonas, e com plano (não concretizado) de chegar à Venezuela e ao Chile.

Para participar da expedição, Langsdorff convidou nomes de elevado prestígio nos meios científicos da época. Assim, vieram para o Brasil, entre outros, o botânico Ludwig Ridell, o zoólogo Christian Hasse, o astrônomo Louis Rubzoff e o célebre desenhista e pintor Rugendas. Este último, ao tomar conhecimento da extensão do projeto, que o obrigava a permanecer em terras desconhecidas e debaixo de condições adversas durante um período de vários anos, desiste do empreendimento, indicando para o seu lugar um jovem de 20 anos: Adriano Taunay. Para desempenhar a função de segundo desenhista, foi contratado outro jovem da mesma idade: Hércules Florence.

O acaso faria com que Florence viesse a tornar-se não somente desenhista da expedição mas também seu memorialista, graças ao minucioso diário que produziu durante sua permanência no empreendimento, entre 3 de setembro de 1825 e 13 de março de 1829.

O infortúnio iria abater-se sobre a expedição, principalmente sob a forma de febre amarela, não poupando sequer Langsdorff. Este, de quem Saint-Hilaire confessou ter aprendido a viajar e disse ser a pessoa mais infatigável e ativa que jamais conheceu, não completou o almejado desiderato. Sem memória e em estado lamentável, foi conduzido a Santarém, no início de 1829, e daí enviado à Europa onde, durante 23 anos, vegetou sem conseguir adicionar uma única palavra às mais de 100 mil páginas de manuscritos que constituem o acervo documental da expedição, atualmente preservado no Museu de São Petersburgo, na Rússia.

De Christian Hasse sabe-se que se suicidou logo depois de abandonar a expedição. Rubzoff, combatido pela febre, morreu depois de voltar à Rússia. Taunay encontrou a morte nas águas revoltas do rio Guaporé.

O próprio diário da expedição acabou esquecido, durante anos, dentro de um armário da família

Acervo: Antonio de Andrade



Estrada do Vergueiro, vista do alto. Ilustração sem data, publicada na obra sobre Florence

### 1825: a Serra, São Bernardo, tropeiros, neveiro

Florence iniciou seu diário quando partiu do Rio de Janeiro com destino a Jundiá, local em que iria encontrar-se com Langsdorff e o restante da expedição, porque dali iniciariam o percurso da primeira etapa, cujo destino era Cuiabá. O cuidado de Florence em fazer anotações, desde a saída do Rio de Janeiro, possibilitaria o registro de alguns aspectos interessantes a respeito da Baixada Santista, o atual Grande ABC e a cidade de São Paulo.

Santos é descrita como uma cidade de 6 mil habitantes, distante uma légua do porto e "rodeada de praias lamacentas, que espalham insuportável mau cheiro, afligida, ainda, por chuvas que ali reinam durante a maior parte do ano". Pudera: durante os 30 dias em que Florence permaneceu em Santos a chuva não parou de cair um único dia... De barco, dirigiu-se a Cubatão, em busca da contratação de tropeiros que se encarregassem de transportar, serra acima, a bagagem da comissão.

O relato do trajeto até Cubatão é ressaltado pelo encantamento oferecido pela paisagem do manguezal: "Fiquei maravilhado da beleza dos sítios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superfície calma das águas, os maços de mangues (...), o cantar dos pássaros (...): tudo concorria para mergulhar-me a alma em doce melancolia". Durante os quatro dias que permaneceu em Cubatão - "um núcleo de 20 ou 30 casas mal construídas" -, Florence registrou a intensa atividade comercial que ocorria no local: "Diariamente, entre três e quatro tropas chegam e partem da localidade;

cada tropa composta de 40 a 80 bestas de carga, guiadas por um tropeiro e divididas em lotes de oito animais que caminham sob a direção de um camarada". Ainda a respeito dos tropeiros anotou o hábito de varar a noite em meio a danças e cantos que chamavam de *batuque*. Dos produtos comercializados, registrou a chegada de açúcar, toucinho e aguardente de cana, vindos de São Paulo. O carregamento para a capital da Província era de sal, vinho português, vidros, ferragens, sedas, chitas e toalhas de linho. Uma premonição de Florence em relação a Cubatão iria transformar-se em cruel realidade, um sécu-

Acervo: Antonio de Andrade



Rancho de tropeiros: ilustração publicada no livro sobre o viajante francês



lo e meio depois. Escreveu o artista em seu diário: "Para o futuro, poderá este porto tornar-se muito comercial; entretanto, a atmosfera não é ali, nem será nunca, perfeitamente salubre".

A escalada da serra - "o purgatório com que se defrontam os transportadores de carga" - é descrito emminúcias, acrescida de um fato que Florence classifica de "estupefaciente": as águas que não se dirigem para o mar, "embora dele se afastem somente para formar o rio Tietê". Do Alto da Serra, produziu uma ilustração que rebretra a Estrada do Vergueiro e, ao fundo, o manguezal e o mar.

Ao cruzar o atual Grande ABC, em direção a São Paulo, registrou sua opinião: "Neste ponto, o terreno, em que se nota uma plantação de chá, inicialmente se caracteriza pelas altas colinas que o entrecortam, rodeadas de bosques que só parecem espessoca para os que não viram as majestosas florestas do interior. Vêm-se neles pinheiros em quantidade, árvores de altura fora do comum e compridos braços horizontais, terminados em redonda copa de folhas; árvore própria para simbolizar a tristeza".

Em nota de Cláudio de Vasconcellos Marino, acrescida à edição de 1977, preparada pelo MASP, informa-se que o chá constituía a cultura mais importante da região ao redor de São Paulo, naquela época. O chá respondia por 34% da produção paulista destinada à exportação, vindo, a seguir, a farinha de mandioca, com 13%, e o algodão em rama, com 6%.

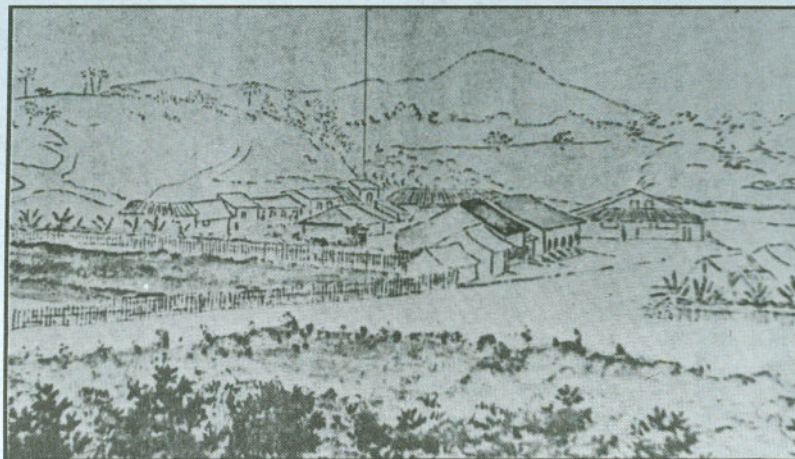
Na edição publicada em 1948, o caminho em direção a São Paulo é descrito como sofrível, embora "o país em redor seja risonho, cortador de vales, dobrado, coberto às vezes de mato, outras vezes descampado. Neste caso, não é raro verem-se possantes madeiros de altura respeitável que escaparam ao fogo e ao machado. Também se enxergam florestas virgens e diversos córregos, cujas águas cristalinas regam esta bela região". Florence deve ter pernoitado por aqui, pois anotou ter passado a noite "sob o teto de um pobre homem, que nos abrigou da tempestade cujos trovões e relâmpagos se sucediam freqüentes e estrepitosos. Estávamos então a três léguas S. do trópico".

A caminho de São Paulo, cruzou o histórico riacho do Ipiranga, palco, três anos antes, do ato de proclamação da Independência. Surpreendido com o pequeno volume de águas daquele córrego, registrou o seguinte comentário: "Se não estivéssemos prevenidos, por ele passaríamos sem percebê-lo".

De São Paulo, onde permaneceu quatro dias, registrou ser uma cidade de 12 mil habitantes [2.], com "algumas ruas não feias" e o irônico comentário de Adriano Taunay de que os habitantes da cidade deveria ser "inimigos jurados do ângulo reto, consideradas as ruas e casas". Do caráter dos moradores de São Paulo, comentou serem "valentes e rancorosos", havendo exemplos de "atos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sede de vingança, sendo quase sempre mulheres a causa dessas desordens. Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sóbrios, bebem muito pouquinho, e mantêm mesa simples, mas agradável. As principais comidas são frango, leitão assado ou cozido e ervas, tudo, porém, acepipado com um condimento que excita o apetite. Não comem pão: em seu lugar usam da farinha de milho ou mandioca, que sabem preparar com perícia, alva como leite, e muito boa ao paladar". Para Florence, a hospitalidade com que era recebido o visitante estrangeiro, ao contrário do que acontecia na Europa, devia-se ao fato de que "aqui a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir". Bons tempos aqueles....

Seguiu o viajante seu caminho em direção ao interior. Saindo de São Paulo, passou pelo monte Jaraguá - "nome indígena que significa rei das montanhas - , onde, em 1520, descobriu-se a primeira mina de ouro do Brasil". Atravessou o rio Juqueri, onde mineradores empobrecidos ainda tentavam a sorte na busca do ouro. Nesse local, tomou contato com um típico hábito alimentar paulista que o encantou: "Comi milho descascado e cozido sem sal, sem preparo algum.

Acervo: Antonio de Andrade



Vista de Cubatão, sem data. Ilustração

É a *canjica* (...) de que os paulistas fazem sempre uso no fim da comida. Com açúcar e leite é coisa deliciosa".

### Memória, viajantes, caminhos

Desde o início do século XVI, logo após a chegada de Cabral, inúmeros viajantes cruzaram nossas terras e caminhos, anotando fatos e acontecimentos que, resgatados, permitem recuperar fragmentos de nossas raízes. Em alguns casos, o veredito não foi dos mais agradáveis, como é o caso do alemão Ulrico Schmiedel que, por volta de 1554, esteve em

Santo André da Borda do Campo, a famosa povoação administrada por João Ramalho e que classificou como "covil de bandidos"[3.]. Essa impressão não é corroborada pela impressão de outros viajantes e, em especial, as célebres *Actas da Câmara de Santo André da Borda do Campo*, cujos volumes referentes aos anos de 1555 a 1558, milagrosamente, sobreviveram a mais de quatro séculos, num país que tão pouco valor dá a seu passado. A leitura desses documentos permite viagens e aventuras muito mais ricas de emoções do que as *espetaculares* produções da indústria cultural internacional. Ler, neste país, transformou-se quase que num exercício de resistência. Um hábito inusitado. Que a História seja, ao contrário de nós, generosa e nos livre do designio do alemão Schmiedel.

### NOTAS

[1.] Florence, Hércules - *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará* (1825-1829). São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1977. Esta edição chegou-nos às mãos graças à gentileza do amigo e pesquisador José Roberto Gianello, renomado "garimpador" de sebos e que, coincidentemente, descobriu a raridade na mesma Livraria Munhoz de São Caetano do Sul.

[2.] Cabe lembrar que, na época (1825), a Vila de São Bernardo constituía pouco conhecida *freguesia* da cidade de São Paulo. Fora elevada a essa condição em 1812, quando contava exatos 1.423 habitantes. Por outro lado, a cidade de São Paulo que Florence afirma ter na época 12 mil habitantes, era menos povoada. O recenseamento realizado em 1822, registrou um total de 6.920 habitantes. A cidade atingiria, segundo o pesquisador Richard Morse, 12.256 moradores apenas em 1836.

[3.] Taunay, Afonso de E. - *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo*. 2ª edição. Santo André, Prefeitura de Santo André, 1986.

(\*) Antonio de Andrade, natural de São Caetano, é formado em Ciências Políticas e Sociais pelo IMES de São Caetano; é pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e em Administração Pública, pela Universidade de Manchester (Inglaterra). Tem Mestrado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. É membro do Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do ABC), do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano e presidente do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André (1992/1993)



# Educação pelo rádio

Yolanda ASCÊNCIO (\*)

**D**e 1967 a 1970, com o patrocínio da General Motors do Brasil e orientação pedagógica do Colégio Comercial Prof<sup>ª</sup> Alcina Dantas Feijão, cujo diretor era o professor Milton Feijão, o Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul, dirigido por Oscar Garbelotto, levou ao ar, através da Rádio Cacique, um programa educativo que teve muita repercussão em toda a Grande São Paulo. Estamos nos referindo ao programa *Admissão em seu lar*, que tinha por objetivo preparar os estudantes que terminavam o curso primário (1<sup>ª</sup> a 4<sup>ª</sup> séries do Primeiro Grau) para os exames de admissão ao Ginásio (5<sup>ª</sup> a 8<sup>ª</sup> séries do Primeiro Grau).

O programa era apresentado, diariamente, às 12h30, com duração de 30 minutos. Assim, em dias alterados, eram ministradas aulas de Matemática pelo professor Jaime Marques Ferreira, e de Português, pela professora Yolanda Ascêncio.

Teoria e prática eram muito bem dosados e os alunos ouvintes tinham a oportunidade de resolver exercícios breves e objetivos de fixação da matéria, durante um minuto de música agradável e adequada. Nas aulas de Português, eram dadas sugestões para redação. Os ouvintes interessados enviavam seus trabalhos pelo correio e a professora os devolvia corrigidos. Era uma tarefa desgastante, sem dúvida, mas a experiência de ensinar pelo rádio era fascinante. Com o intuito de bem formar, todos os eventos importantes eram comemorados, através de textos ou comentários breves. Para ilustrar, foi registrada, com muita emoção, a chegada do homem à lua.

No período de férias escolares, a professora Yolanda Ascêncio substituiu as aulas de português por programas lítero-musicais, com noções sobre Literatura, biografias de escritores e leitura de textos escolhidos, em prosa e verso. Os técnicos de som, José Heleno, Ferdinando Veronesi e Índio, esmeravam-se na seleção musical, sendo muito elogiados pelos ouvintes.

Também em período de férias escolares, o professor Jaime Marques Ferreira substituiu as aulas de Matemática por programas de auditório, com música, brindes, jogos educativos, etc. Era, nessa ocasião, que os ouvintes chegavam à emissora para conhecer os seus professores e ficavam muito surpresos, quando descobriam que a professora de Português era deficiente visual.

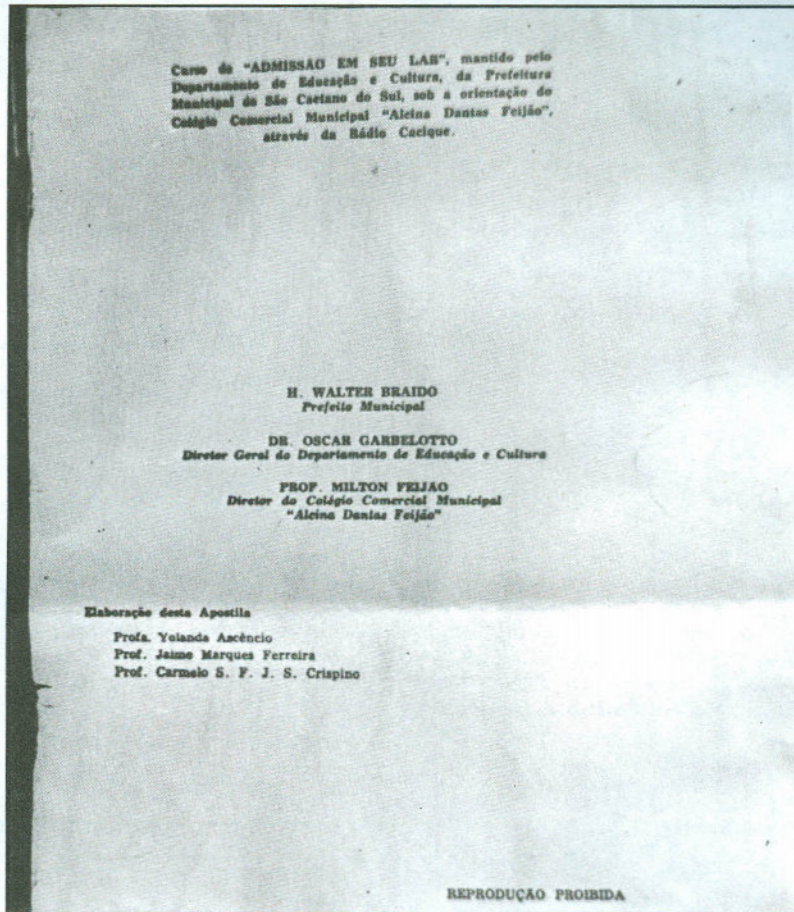
Especialmente para o programa *Admissão em seu lar*, a Prefeitura de São Caetano do Sul, durante a administração Walter Braido, patrocinou a impressão de cem mil apostilas com o resumo das aulas de Matemática e de Português. Havia também um resumo de Ciências, preparado pelo professor Carmelo S.F.J.S. Crispino. Essas apostilas foram distribuídas com muita aceitação, dentro e fora da cidade.

Em 1968, na festa do rádio, a professora Yolanda Ascêncio foi agraciada com o Troféu Cacique, por seu bom desempenho na apresentação do programa *Admissão em seu lar*. Os anos se passaram, a Rádio Cacique deixou a nossa cidade, mas o programa é lembrado, com emoção e saudade, pelos ouvintes e pelos professores.



Fac-símile da capa do livreto impresso pela Prefeitura de São Caetano para servir de material de apoio ao curso radiofônico *Admissão em seu lar*





Fac-simile da página de rosto do livreto idealizado pelo Departamento de Educação e Cultura de São Caetano

### “Uma festa espetacular”

Da Redação

“Vai ser uma festa espetacular”, fala, elevando a voz, o radialista José Lobato, da Rádio Cacique, um dos organizadores da I Festa do Rádio do ABC. “Do sucesso da primeira vai depender a realização das subseqüentes”, acrescenta. A idéia partiu dos funcionários e radialistas da Cacique, organizaram e vão levá-la a efeito sábado, às 19h30, no Teatro Paulo Machado de Carvalho.

Esse era o texto de abertura da reportagem publicada pelo Diário do Grande ABC, em sua edição de 10 de dezembro de 1968, cujo título era “A Cacique promove Festa do Rádio”. A reportagem informava, ainda, que havia três programas diferentes marcados para o evento: encenação da peça teatral “Georges Dandin”, de Molière, a cargo do Grupo Teatro da Cidade, de Santo André; show com a presença dos maiores cartazes do rádio televisão e cinema e entrega solene dos troféus às personalidades que mais se destacaram na região. Entre os artistas convidados, figuravam os nomes de Altamar Dutra, Paulo Goulart, Jair Rodrigues, Rosamaria Murtinho, Eduardo Araújo, Erasmo Carlos, Jacqueline Myrna e Paulo Sérgio.

No sábado, 14 de dezembro, o jornal informava, em reportagem intitulada “Cacique realiza hoje à noite Festa do Rádio”, que a solenidade homenagearia a professora Yolanda Ascêncio (“cuja dedicação ao ensino tem sido notória em São Caetano”), e os médicos Ermelindo Pugliesi e Massayuki Okumura.

(\*)Yolanda Ascêncio é bacharel em Letras, Pedagogia e Ciências Jurídicas e Sociais; foi diretora da Escola Municipal de Línguas de São Caetano do Sul, durante longos anos, e exerce o mandato de vereadora.



# Casas populares nos anos 40

Ademir MÉDICI(\*)

Quem foi que projetou o Cine-Theatro Carlos Gomes, em Santo André? E o Cine Central, em São Caetano? Quem os construiu? Pouco se sabe a respeito. Projetos e demais documentos desapareceram em razão da inexistência de uma política de preservação desse material histórico relativo aos anos 10 e 20. Felizmente, de construções mais recentes, a documentação chega a ser farta e permite levantar todos os dados técnicos necessários ao entendimento desta região que nasceu operária e deixou marcas de sua simplicidade pelas décadas afora.

Se é verdade que os loteamentos pioneiros foram rasgados e espalhados sem um planejamento mais científico, também é certo que o casario erguido no período da industrialização - dos anos 30 em diante - caracterizou-se por dois pontos comuns: 1) a simplicidade das linhas arquitetônicas das construções; 2) a solidez com que tais construções foram erguidas.

O inchaço de cidades como São Caetano e sua verticalização não eliminaram, ainda nesta última década do século, todas as construções das primeiras décadas. Existem vários exemplares de época, hoje ao menos cadastrados e fotografados pelo Museu Municipal, mesmo que não estudados com profundidade ou tombados (preservados oficialmente) pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico local.

De outro lado, existem as plantas e memoriais descritivos de muitas dessas construções. As anteriores a 1949, estão arquivadas no Museu de Santo André, já que São Caetano, enquanto 2ª Zona e Distrito, pertenceu, respectivamente, a Santo André e São Bernardo - antes de 1949, portanto.

Para efeito deste trabalho, separamos, aleatoriamente, 20 processos de alvarás de construção de residências em São Caetano, referentes a 1940 e 1941 (*vide quadro*). Esses processos bem demonstram a preocupação com o aspecto técnico-habitacional da cidade e oferecem um sem-número de informações para um tema muito pouco explorado pelos acadêmicos. São processos que podem representar uma dica importante para trabalhos de graduação dos cursos de Arquitetura, por exemplo.

## Porão ventilado

Dentre os processos, há o caso de Aldo Scalzarretto que, em 2 setembro de 1940, se dirigiu ao prefeito-interventor de Santo André, Armando Ferreira da Rosa, solicitando a expedição de alvará de constru-

ção de moradia popular no Bairro Fundação. Planta e memorial foram aprovados em abril do ano seguinte para que a casa fosse construída à rua Heloísa Pamplona, lote nº 37, da quadra 21.

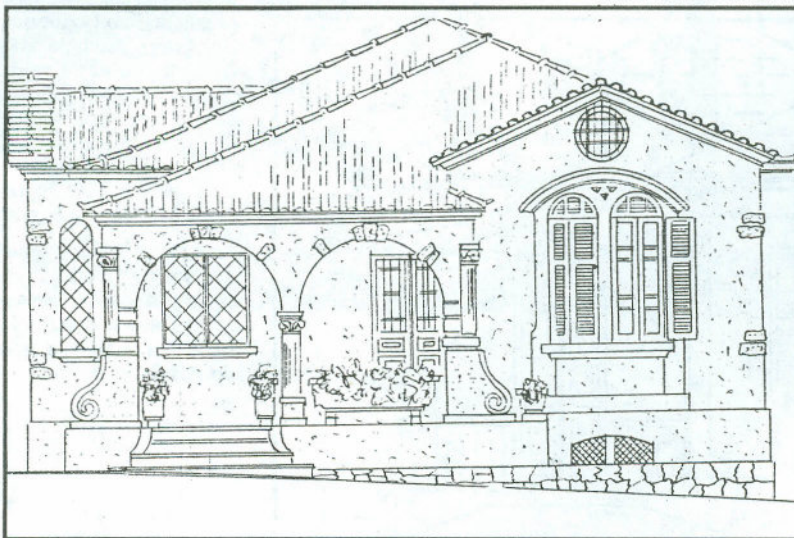
A casa de Scalzarretto foi projetada por Luiz Mônaco [1.] e construída por João Garcia. O terreno, ele comprou do espólio de Mariano Paim Pamplona. As informações seguintes foram extraídas do memorial descritivo da casa popular que acompanha o processo: fundações bem apiloadas e escavadas até encontrar terreno firme; alicerces e paredes em alvenaria de tijolos, assentados com argamassa de cal e areia; porão de um metro na parte mais alta do terreno, tijolado, cimentado, revestido com reboco de cal e areia, ventilado; as paredes revestidas interna e externamente com reboco de cal e areia na proporção de 1:3; soalhos com tábuas estreitas de peroba, sobre vigamento da mesma madeira; forros com tábuas estreitas de pinho do Paraná, etc. De resto, especificações comuns da época, e que seriam utilizadas em outros projetos pelos anos afora.

Outro projeto do gênero deu entrada na Prefeitura de Santo André em 12 de setembro de 1940, por iniciativa de Waldomiro Della Negra, interessado na construção de uma casa de moradia à rua Casemiro de Abreu. Seu terreno media 10m00 de frente por 30m00 de fundo, o que permitiu projetar, além da casa de várias águas, com terraço sustentado por colunas, uma garagem de 36m2.

## Azulejos brancos

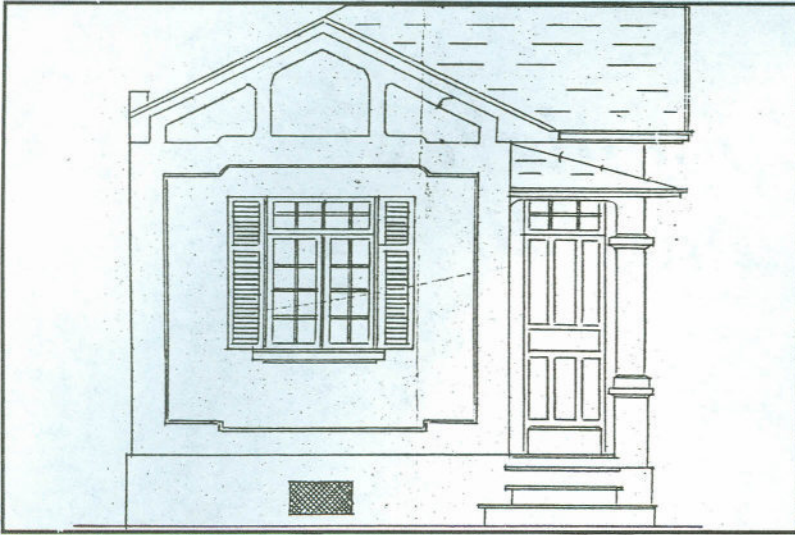
O que chama a atenção nesses projetos, numa comparação que se faça com construções populares ou não de agora, é a disposição de espaços. Em projeto semelhante, que deu entrada na Prefeitura, em 11 de dezembro de 1940, Olderige Zanoni pediu alvará para erguer sua residência popular na esquina das ruas Maranhão e Amazonas, em terreno plano com 10m80 de frente por 42m50 de fundos. Eram dois quartos, sala, cozinha, copa, banheiro, terraço, telheiro, garagem e gigantesco quintal livre. Um projeto muito parecido com o da casa projetada por Paulo da Silva Dantas, igualmente na rua Amazonas, esquina com a Monsenhor Francisco de Paula.

Mais modesto foi o projeto da casa operária de Miguel Gonzalez Calderón, na Alameda Cassaqueira, em terreno adqui-



Fachada da casa de Caetano Coppini, à rua Joaquim Nabuco





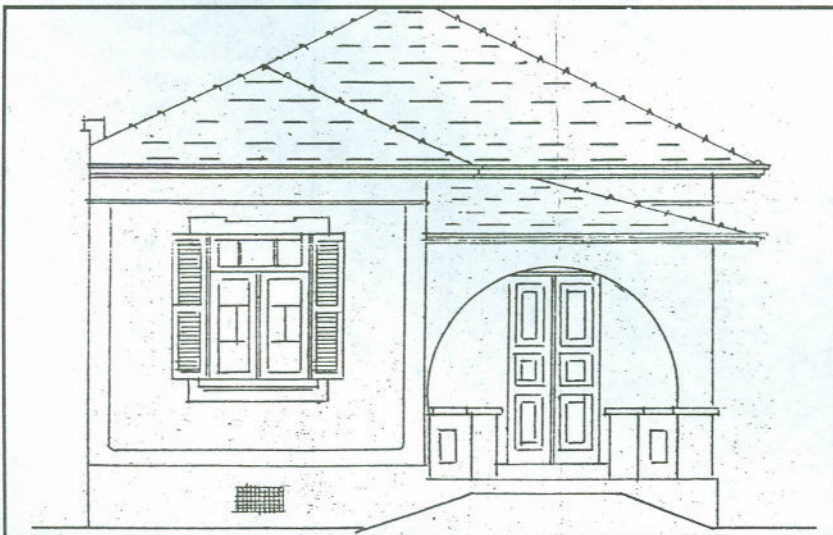
Fachada da casa de Francisco Malerba, à rua Herculano de Freitas

rido junto à Sociedade Imobiliária Santo André. Se a casa de Calderón foi projetada com área de construção menor, o lote de terreno era igualmente enorme, com mais de 40m00 de fundos, onde se estabeleciam áreas para o poço raso e para a fossa séptica.

Mesmo em terrenos sem os 10 ou 12 metros de frente, como era o caso do lote de Francisco Malerba, sempre chama a atenção, nesses projetos dos anos 40, o tamanho do fundo dos lotes. Neste caso, 50 metros, dos quais menos da metade aproveitados por área construída, de imediato.

Proprietários como Antonio Ferreira entravam na Prefeitura com projetos para a construção de armazém e moradia em plena rua Goitacazes, antiga rua Minas Gerais, na nunca citada Vila Iris, hoje centro histórico de São Caetano. Da mesma maneira, a construção ocupava lote imenso, neste caso com 18m40 de frente e 17m00 de fundos.

Há os projetos de casas geminadas ou conjunto de casas. O engenheiro Caetano Scalise foi o autor de projeto para a construção de 11 casas populares e geminadas nas ruas Maranhão e Oswaldo Cruz, propriedade de Maria Alves Teixeira. O projeto, de junho de 1941, foi aprovado e recebeu alvará de construção no mesmo ano. Ca-



Fachada da casa de Aldo Scalzaretto, à rua Heloísa Pamplona

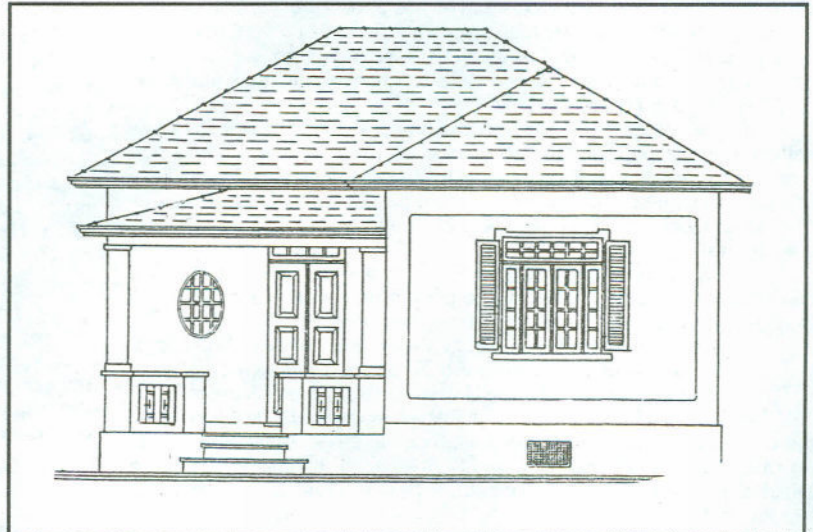
sas que, na cozinha, ganhavam azulejos brancos até à altura de metro e meio. Paredes inteiras decoradas com azulejos, do chão ao teto, com pisos vitrificados, seriam recursos (ou luxos) para muitas décadas depois.

### Nem sobrados, nem arranha-céus...

São Caetano, no início dos anos 40, equiparava-se à sede de Santo André em desenvolvimento econômico e demográfico [2.]. Oitenta por cento do parque industrial do Município, hoje região do ABC, dividiam-se entre São Caetano e Santo André, ao longo do vale do rio Tamaquateí e a estrada de ferro. São Bernardo, chamada de vila, respondia por meros 12%, dividindo-se o restante entre Mauá (ex-Pilar), Ribeirão Pires e Paranapiacaba.

Em contrapartida, faltavam benefícios básicos como redes de água e esgotos. A energia domiciliar beneficiava apenas os bairros mais centrais [3.]. A população, operária, investia mesmo assim no sonho de sua casa própria, construindo em terrenos adquiridos diretamente aos proprietários e/ou imobiliárias. Não havia os tais planos modernizantes dos sistemas financeiros de habitação.

Os projetos de casas pipocavam na Prefeitura e estão



Fachada da casa de Olderige Zanon, à rua Amazonas

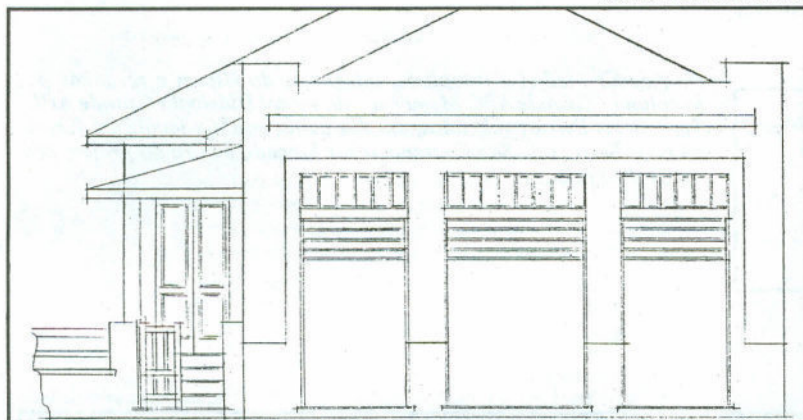
aí para serem estudados, a exemplo dos planos municipais de habitação, que defendiam projetos gratuitos, obrigatoriedade de abertura de fossas, etc. Projetos de sobrados eram raros. Edifícios de muitos andares seriam projetados dos anos 50 para frente. A expressão *crescimento vertical* surgiria no início dos anos 70, quando muitas das casas dos anos 40 - ou de seus quintais, em São Caetano - cederiam espaço aos cortiços que hoje representam um dos problemas sociais da cidade. Ou aos espigões.

As espaçosas e bem construídas casas populares dos anos 40, com projetos e processos oficiais, seriam divididas, com o passar dos anos, e subdivididas em muitos novos condomínios, de resto uma das características a marcar a transformação de São Caetano e do ABC.



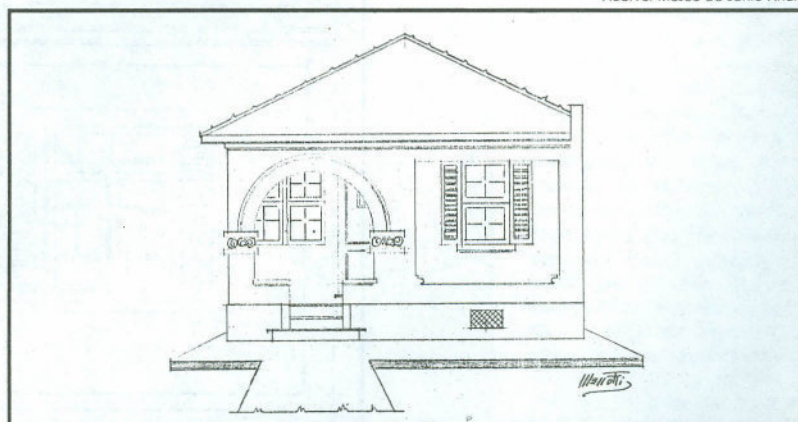
| Nº | Processo PMSA | Interessado              | Local da construção                     | Projetista        | Construtor         |
|----|---------------|--------------------------|---|-------------------|--------------------|
| 1  | 1772/40       | Hassan M. Catrip         | Rua Piratiniga                          | Luiz Monaco       | João Garcia        |
| 2  | 2646/40       | Paulo da S. Dantas       | Rua Amazonas                            | Luiz Monaco       | Honorato Cappelli  |
| 3  | 2664/40       | José A. de Souza         | Rua Manoel Ceolho                       | Luiz Monaco       | Manoel Buonno      |
| 4  | 2673/40       | Jamir P. de Oliveira     | Rua Raphael Corrêa Sampaio              | Menotti Pannunzio | —                  |
| 5  | 2682/40       | Armino Ribeiro           | Rua Senador Vergueiro                   | Luiz Monaco       | Carlos Mazzano     |
| 6  | 3668/40       | Manoel F. Lopes          | Rua Marechal Deodoro                    | Menotti Pannunzio | —                  |
| 7  | 3693/40       | Aldo Scalsaretto         | Rua Heloísa Pamplona                    | Luiz Monaco       | João Garcia        |
| 8  | 3750/40       | Sebastião Hernandez      | Rua Guaycurus                           | Américo Pezzollo  | João (?)           |
| 9  | 3757/40       | Pasqua Tonioli           | Rua Flórida                             | Rodolpho Weigand  | João Garcia        |
| 10 | 3793/40       | Antonio Benedetti S.     | Rua Baraldi                             | Rodolpho Weigand  | João Garcia        |
| 11 | 4499/40       | João Nicolau Braido      | Rua Rio Branco (duas casas)             | Menotti Pannunzio | —                  |
| 12 | 4812/40       | Miguel G. Calderon       | Alameda Cassaquera                      | Luiz Monaco       | H. de Martines     |
| 13 | 4883/40       | Fco. Matarazzo di Nicola | Rua Tapajós                             | Luiz Monaco       | Manoel Buonno      |
| 14 | 4894/40       | Francisco Malerba        | Rua Herculano de Freitas                | Luiz Monaco       | Manoel Buonno      |
| 15 | 5013/40       | Antonio Ferreira         | Rua Goitacazes<br>(armazem e moradia)   | Menotti Pannunzio | João (?)           |
| 16 | 5131/40       | Olderige Zanon           | Rua Amazonas                            | Luiz Monaco       | Manoel Buonno      |
| 17 | 5147/40       | Waldomiro Della Negra    | Rua Casemiro de Abreu                   | Luiz Monaco       | Paulo Dall'Antonia |
| 18 | 1870/41       | Gisela Heinsfurter       | Rua Osvaldo Cruz                        | Luiz Monaco       | João (?)           |
| 19 | 2669/41       | Maria Alves Teixeira     | Ruas Maranhão e Osvaldo Cruz (11 casas) | Caetano Scalise   | —                  |
| 20 | 2708/41       | Caetano Coppini          | Rua Joaquim Nabuco                      | Luiz Monaco       | Paulo Dall'Antonia |

Acervo: Museu de Santo André



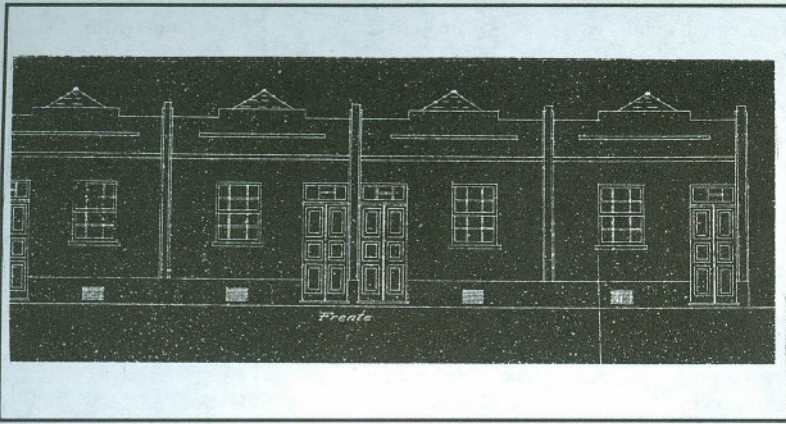
Fachada da moradia e do armazém de Antonio Ferreira, à rua Goitacazes

Acervo: Museu de Santo André



Fachada da casa de Jamir Pedroso de Oliveira, à rua Raphael Correia Sampaio





Fachada das quatro casas de Hassan Catrip, à rua Piratininga

### Notas

[1.] Luiz Mônico era funcionário da Prefeitura de Santo André. Trabalhava nos setores técnicos da Municipalidade e assinou muitos projetos de obras municipais, além de estudos sobre grandes áreas desapropriadas. Além de Luiz Mônico, outros servidores da Prefeitura eram contratados por municípios de toda a região para a idealização de projetos particulares, geralmente moradias.

[2.] O semanário **O Imparcial**, de 27 de julho de 1940, comparava a 2ª Zona de Santo André (denominação oficial de São Caetano) à sede do Município nos seguintes termos:

|                        | Santo André            | São Caetano            |
|------------------------|------------------------|------------------------|
| Capital das indústrias | 86.660:712\$200        | 114.981:257\$000       |
| Operários              | 7.661                  | 8.127                  |
| Área das fábricas      | 232.321 m <sup>2</sup> | 301.703 m <sup>2</sup> |
| Salários pagos em 1937 | 21.299:853\$700        | 28.708:893\$900        |
| Casas comerciais       | 405                    | 341                    |
| Padarias               | 23                     | 12                     |

[3.] Em 1931, ruas como a Rio Grande do Sul não possuíam ainda iluminação elétrica em grande trecho, “exatamente no ponto em que se acham situados os melhores prédios”. Cf. Processo da antiga Prefeitura Municipal de São Bernardo, 4330-C2-351.

(\*) Ademir Médici é jornalista, integrante do Gipem e responde pela coluna “Grande ABC Memória” do jornal **Diário do Grande ABC**. Tem vários livros publicados, um dos quais, inédito, focaliza a formação dos bairros de São Caetano, a ser lançado dentro do projeto editorial da Prefeitura.



Fachada da casa de Waldomiro Della Negra, à rua Casemiro de Abreu



# Formação Urbana e Espaço Habitável em São Caetano do Sul

João Carlos de MORAES (\*)

## 1. A Indústria na Formação do Espaço

A industrialização e a formação do espaço urbano de São Caetano do Sul é decorrência da expansão da malha urbana paulistana, à medida em que os investimentos econômicos em meados do século ganham expansão vertiginosa com a implantação da indústria moderna de bens duráveis e a multinacionalização da economia.

A ocupação industrial do ABC efetiva-se no final do século XIX com o funcionamento de uma fábrica de sabão, graxa e velas e uma outra de formicida em São Caetano, além de outras indústrias nos demais municípios da região, como Santo André e Mauá.

Com a expansão industrial, aumenta a necessidade da demanda de eletricidade, correspondendo ao surgimento de duas represas artificiais próximas: Guarapiranga (1907) e Billings (1925). No período de 1870 a 1920, a região registra um aumento significativo da sua população, acompanhando o crescimento demográfico de São Paulo.

A ocupação do ABC, e particularmente de São Caetano do Sul, foi influenciada pelas vias de fluxo comercial (rio Tamanduateí, Ferrovia São Paulo Railways) e a existência de terrenos grandes, planos e baratos. A localização dos terrenos facilitou a ocupação na faixa entre o rio Tamanduateí e a ferrovia, nos perímetros de São Caetano e Santo André.

Nesse trecho são instaladas, no início do século, várias indústrias de porte, entre as quais, a Cerâmica Privilegiada (atual Cerâmica São Caetano, 1913), Refinadora de Óleo Brasil (1922), I.R.F. Matarazzo (1926) e General Motors (1927), em São Caetano do Sul e Fichet e Pirelli, em 1923, em Santo André.

No final da década de 30, o quadro industrial do ABC mostra São Caetano com 69 fábricas, empregando 8.127 operários [1.]. Em 1947, com a inauguração da via Anchieta, consolida-se a ligação da região com o porto de Santos. Esta via irá substituir o papel que o rio Tamanduateí e a ferrovia desempenharam no contexto formador de São Caetano, inclusive na implementação da oferta de mão-de-obra, através dos migrantes do Nordeste do país. Os processos migratórios alteraram a configuração urbana do município através das vilas operárias e das habitações coletivas.

O uso e a ocupação do solo na região e em São Caetano seguiu seu curso sem a interferência do Estado no disciplinamento do processo. No aspecto do espaço urbano, das relações de trabalho e da implantação industrial, é importante caracterizar que as vilas operárias tiveram um papel marcante no município. Como exemplo temos a que foi implantada através da instalação das indústrias Matarazzo no Bairro Fundação, próxima ao rio Tamanduateí.

Como diz Eva Blay: "... as vilas operárias são como um sucedâneo da senzala e das 'colônias'. O senhor construía junto à Casa Senhorial rural ou urbana, a senzala, onde preservava e protegia sua mercadoria, o escravo. O trabalhador rural livre, era controlado e parcialmente remunerado pelo uso da habitação nas 'colônias', no interior das fazendas. As vilas operárias foram construídas ao redor das indústrias, no cenário urbano industrial, numa fase de formação do operariado paulista" [2.].

Mais à frente, perceberemos que as áreas contíguas às indústrias começam a ganhar contornos especulativos imobiliários. No entanto, verificamos que a implantação industrial determinou a formação do espaço urbano, através da especulação imobiliária.

Segundo Milton Santos, "o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço" [3.]. Nesse sentido, o conceito de lugar e o *habitat* era o espaço de residência e trabalho, o *locus* de uma vida social, fruto de um processo produtivo.

A partir da década de 30, a cidade afirma-se como centro industrial, produto da expansão urbana paulistana e, através do Ipiranga, esse quadro propicia a especulação imobiliária e determina a expansão da grande indústria. Os terrenos próximos às indústrias são valorizados, conforme atesta o anúncio publicado no *São Caetano Jornal*, de 17 de janeiro de 1929: "Vendem-se três lotes de terreno em Villa Barcelona (próximo à General Motors).

A cidade de São Caetano do Sul, no seu curso histórico confundiu-se com a evolução histórica brasileira, à medida em que se localiza no eixo entre o litoral e a capital paulistana, fazendo parte de sua expansão urbana periférica.

## 2. A Ocupação do Solo e Proletarização do Espaço Habitável

Do final do século passado até 1930, a estruturação do espaço na região metropolitana de São Paulo passa por profundas transições, configurando as fases de ascensão e declínio do ciclo cafeeiro paulista, inaugurando o período da industrialização.

Após a segunda guerra mundial, acentuam-se os índices de urbanização da população, mais intensos nos países de economias subalternas como o Brasil. Com o ritmo da industrialização, tivemos a implantação das vilas operárias no curso da Estrada de Ferro São Paulo Railways, como um dos indicadores das habitações proletárias do final do século passado e início deste. Esse processo, que se estendeu na década de 20 e outras subseqüentes até à implantação dos cortiços (habitações coletivas) no contexto dos movimentos migratórios, demonstra como a proletarização do espaço sempre esteve integrada à lógica da expansão capitalista.

O custo do terreno nas áreas urbanas centrais da região da Grande São Paulo é maior devido à concentração de equipamentos públicos e serviços, ocorrendo o inverso nas áreas periféricas dos centros urbanos, onde se concentra o conjunto da população assalariada de baixa renda. O contexto da especulação imobiliária determina cada vez mais o quadro de expulsão da população assalariada das regiões centrais, ou mesmo às segregadas nas habitações coletivas.

"A dinâmica de crescimento urbano de São Paulo preparou campo para que se fortalecesse a ideologia do progresso e da modernização sob a qual a burguesia industrial, no poder após 1930, iria moldar a cidade para servir à nova ordem econômica-política. A cidade, sede da produção industrial, sede dos serviços e equipamentos voltados à reprodução da força-de-trabalho, sede



do mercado consumidor e local de troca e circulação de mercadoria, exige a transformação do espaço urbano herdado da comercialização do café e início da industrialização.” [4.]

Após a década de 40, o transporte rodoviário passa a exercer um papel predponderante com a construção das rodovias, articulando o crescimento industrial com a unificação do mercado interno.

Na fase da cafeicultura e do início da industrialização, a mão-de-obra estrangeira desempenhou papel importante. A partir de 1940, ocorreu o incentivo à migração de mão-de-obra das áreas rurais de Minas Gerais, interior do Estado e do Norte/Nordeste, constituindo fator de oferta de mão-de-obra farta e barata para a indústria.

A indústria de bens duráveis, representada pelo setor automobilístico, apresenta inovações tecnológicas para o parque industrial brasileiro, o que, em contrapartida à acumulação capitalista, não alterou a relação alta produtividade *versus* baixos salários. A migração intermitente de trabalhadores rurais para o meio urbano representa um aumento significativo do exército industrial de reserva e, portanto, um contexto social que favorece o rebaixamento do nível dos salários.

No período de 1960, com o governo Kubitschek, com a ampliação da produção de bens duráveis, intermediários e de capital, tivemos um aumento do número de empregos, e grande concentração de mão-de-obra em unidades fabris. Os investimentos estatais são planejados para abarcar esse processo de industrialização com a construção de infra-estrutura portuária, de armazenagem, siderúrgicas, etc. Esse contexto de industrialização favorece o desenvolvimento da atividade terciária e de serviços, principalmente pela ampliação e aperfeiçoamento do setor financeiro e comercial.

A expansão industrial fora do eixo da capital paulista beneficia, num primeiro momento, às cidades do ABC servidas por estrada de ferro, tais como Santo André e São Caetano. Com o desenvolvimento da industrialização e ampliação do alto custo das áreas da capital, a grande indústria busca fixar-se nas áreas de expansão da malha urbana paulistana, próximas à mão-de-obra, do mercado consumidor e às facilidades das vias de acesso. A nova fase de implantação industrial localizou suas unidades nos eixos rodoviários como via Anchieta (São Paulo/Santos) Via Dutra (São Paulo/Rio), determinando o crescimento industrial e urbano da região do ABC e Guarulhos.

A ocupação do espaço urbano na Grande São Paulo, motivada pela implantação e desenvolvimento da indústria automobilística, promoveu o assentamento da população migrante em áreas próximas, e colocou em seu entorno indústrias de autopeças, serviços e fornecedores vinculados diretamente à produção.

Os municípios integrados à Grande São Paulo, como é o caso de São Caetano do Sul, ganha uma configuração autônoma da capital, devido ao impulso da grande indústria. Ao mesmo tempo em que o município vai se emancipando, no que se refere à dotação de equipamentos públicos e infra estrutura urbana. No que se relaciona ao nível de vida da população podemos afirmar que a exploração da força-de-trabalho pós- 64, se dá de forma violenta, onde os salários tiveram uma queda significativa em sua participação na renda industrial.

“Em 1961, esta se dividia em 29% para os salários e 71% para os lucros. Em 1973, cabiam aos salários 23% e, aos lucros, 77%” [5.]. Segundo Negri, “o primeiro ciclo da industrialização pesada no seu movimento ascendente (1956-1962), reforçou a concentração na metrópole da população, da indústria e dos serviços (...), instaurou em definitivo novo padrão de urbanização reordenando a estrutura produtiva (agrícola e industrial) e a estrutura do consumo (de bens e serviços), recriando a divisão territorial do trabalho a cada período ascendente do ciclo de acumulação” [6.]

Há que se ressaltar, também, que a atividade de construção civil na ação imobiliária integra o trabalhador ao mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, o exclui do espaço da cidade. Uma situação típica de exploração e espoliação na produção sobre o trabalhador no que concerne aos equipamentos urbanos. A urbanização por si só contém um alto índice de especulação das funções imobiliárias. Os contrastes evidentes na cidade entre a má distribuição de renda, evidencia a desigualdade e discriminação existente no conflito capital-trabalho.

Devemos lembrar que a organização social da produção e da apropriação do espaço constata maneiras da urbanização, que se contrapõem a uma visão estática, funcional e hierarquizada. Ainda no aspecto da ocupação proletarizada do solo, em se tratando de habitações

autoconstruídas na Grande São Paulo, São Caetano possui baixos índices, segundo pesquisa da Emplasa de 1975, com uma porcentagem de 3,51% no período acumulado de 1970-74, enquanto Mauá possui um índice de 69,36%; Guarulhos, 51,42% e Franco da Rocha, 90,43%. Esse quadro demonstra que São Caetano do Sul possui grande percentual de habitações próprias ou alugadas, sem levar em conta que os dados da Emplasa são oficiais, não contando com as habitações familiares, ou seja constituídas pelas famílias ao longo do processo de desenvolvimento do município, que não constam de notificações junto aos órgãos públicos.

Um outro aspecto que concorre para a proletarização do espaço urbano permanece evidente através dos movimentos migratórios que tiveram uma ascensão significativa a partir da década de 50. Os movimentos migratórios para a região do ABC tiveram uma significação acentuada a partir da implantação da grande indústria, motivando o surgimento das vilas operárias e a expansão acelerada das habitações coletivas.

É importante constatar que, durante as décadas de 40 e 50, os trabalhadores impulsionados pelo processo de implantação industrial e o alto custo do transporte viam-se diante da necessidade de se fixarem próximos ao local de trabalho, apesar das condições anormais de habitabilidade, como demonstra Richard Morse. “Em 1940, pela falta na cidade de habitações decentes e baratas, e pela necessidade de se aglomerarem, os trabalhadores perto do lugar de emprego, dada a insuficiência e alto custo de transporte, é detectado que 40 a 60% dos moradores da cidade estavam em condições de habitação abaixo do normal”. Além desses motivos, Morse indica como causa da grande aglomeração na região central a atitude mental dos moradores da cidade: “uma irreversível compulsão de viver, seja em que condições forem, perto da excitação, do movimento e das luzes do centro urbano e suas principais artérias” [7.]. Na década de 50, segundo Morse, a metrópole paulista apresentava além do centro moderno, um grande número de núcleos urbanos heterogêneos, parcialmente assimilados pela cidade, indo desde um subcentro industrial como Santo André, até um vilarejo como Itaquera.

Segundo dados do CEM (Centro de Estudos Migratórios), no caderno intitulado *Migrantes na Periferia de São Paulo e São Bernardo*, 3,5 milhões de migrantes vieram para o Estado de São Paulo na década de 70, sendo que nesse mesmo período 6 milhões de pessoas deixaram o campo em busca das cidades. Um dos motivos centrais detectados nesse quadro sócio-econômico se afirma no fato da alta concentração e acumulação de propriedades rurais nas mãos de poucos. Ainda nas projeções do CEM, 1% dos proprietários rurais são donos de 50% das terras disponíveis no país, onde na interpretação do próprio INCRA, 80% das propriedades são inexploradas. Portanto, as causas fundamentais do processo migratório se concentra na expulsão promovida pela estrutura concentradora do quadro de classes no campo, bem como a busca por melhores condições salariais e de vida na cidade.

No circuito da expulsão do migrante da sua terra de origem, temos alguns fatores que concorrem para esta situação, como 1) falta de acesso à terra (pela concentração e acumulação capitalista); 2) falta de incentivo do poder público ao pequeno agricultor; 3) baixos preços de produtos e salários; 4) incremento da produção pela mecanização, etc.

E no bojo desta sistemática urbanização acelerada das periferias das grandes cidades como São Paulo e sua região metropolitana, temos a constituição de um volumoso exército industrial de reserva. Deve-se salientar que o final do século XIX foi marcado pela expansão da indústria ligada ao fluxo considerável de imigrantes, traduzindo-se em mão-de-obra farta e barata. E por outro lado pelo custo considerável da habitação, ultrapassando os limites de preços impostos pelo mercado. Os lucros através da comercialização da habitação atingiria níveis absurdos, configurando a área urbana em fonte de lucros.

Voltando um pouco no tempo e na história da habitação coletiva e a proletarização em São Paulo, verificaremos que as vilas operárias não alojavam a quantidade significativa de trabalhadores, como os cortiços, onde grande parte do salário do operariado era utilizado para pagamento do valor do aluguel. Fazendo-se um paralelo com a realidade urbana de São Caetano do Sul, os bairros ou moradias coletivas sempre conviveram juntos ou nas proximidades de bairros de classe média e alta. Realizar uma reflexão sobre a formação econômica e do espaço urbano



sob o capitalismo monopolista e a industrialização pesada, torna-se um imperativo decisivo para a análise sócio-econômica da sociedade brasileira das décadas de 20 e 30, bem como dos dias atuais.

“(...)o local de moradia dos trabalhadores se espalhou amplamente. Nesse esquema, o transporte de massa modificou-se, sempre apoiado no ônibus, embora insuficiente. A moradia de aluguel, contudo, continua atendendo a muitos trabalhadores, sobretudo aqueles que, para poupar os desgastes com o transporte, querem morar perto do trabalho.

O processo de encorticiamento vem adquirindo novos contornos: a chamada *deteriorização* urbana, a pauperização crescente dos trabalhadores, a crise do desemprego, tem levado vastos contingentes que antes poderiam arcar das despesas de alugueis de moradias unifamiliares, a buscarem no cortiço sua solução habitacional. Levas de migrantes continuam a fluir para a metrópole nos últimos dez anos; o mercado de moradias de aluguel faz exigências que dificilmente esse migrante pode atender, tais como fiador, estabilidade de emprego etc. Por sua vez, os perfis de escolarização, ocupacional e salarial desses moradores poderão explicar seus baixos níveis de renda e os motivos pelos quais a estratégia econômica de transporte/cortiço não mais se restringe às zonas centrais, ocorrendo também em outros pólos urbanos, já expandidos [8.]

O Estado teve um papel importante na caracterização da segregação espacial da população migrante. Temos o baixo poder aquisitivo (achatamentos salariais) e a ausência de uma política habitacional adequada para o assentamento da população de baixa renda. E também a inexistência de uma política para a implantação de equipamentos públicos (água, luz, esgoto, etc.) nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos. Sobre a questão da auto-construção, mesmo considerando-se que o índice de habitações auto-construídas em São Caetano é baixo não chegando a 5% na década de 70, o trabalho executado pelo arquiteto Luiz Fingerman, durante os anos 1970-74, junto às Prefeituras da Grande São Paulo, constatamos o seguinte:

| Porcentagem de auto-construção na grande São Paulo<br>Período acumulado de 1970 a 1974 |                     |
|--|---------------------|
| Município  | % de autoconstrução |
| São Bernardo do Campo .....  | 19,35%              |
| Diadema .....  | 48,93%              |
| Mauá .....   | 69,36%              |
| São Caetano do Sul .....   | 3,51%               |
| Franco da Rocha .....  | 90,43%              |
| Embu .....   | 95,76%              |

Fonte: MARICATO, Ermínia. *A proletarização do espaço sob a grande indústria*. (Dissertação de mestrado), São Paulo, FAU-USP, p.41.

Segundo os dados, o município de São Caetano do Sul, em relação às cidades do ABC ou das demais regiões da Grande São Paulo, possui um dos menores (sendo o menor) índices de habitações auto-construídas. Essa situação pode corresponder a diversos aspectos como a exiguidade da área territorial, maior controle no processo de ocupação, uso do solo etc. Podemos considerar que a concentração de atividades públicas e privadas na área central do município auxiliou enormemente a valorização de terrenos (especulação imobiliária), ao mesmo tempo em que marginalizou para as áreas ribeirinhas (ribeirão dos Meninos e Rio Tamanduatei) a população de baixa renda. Sem contar que o município possui uma das maiores arrecadações municipais da região da Grande São Paulo.

O mercado industrial, as facilidades de escoamento da produção e a demanda habitacional da mão-de-obra migrante e demais trabalhadores, que buscavam fixar-se próximos ao emprego, foram fatores decisivos para o incentivo ao trabalho de especuladores imobiliários.

#### Notas

- [1.] **Andrade**, Antonio de.- *Histórico da Industrialização e do Controle da Poluição Ambiental no Grande ABC*. São Paulo, Cetesb, s/d, p.4;
- [2.] **Blay**, Eva A.- *Eu não tenho onde morar (vilas operárias na cidade de São Paulo)*. São Paulo, Nobel, 1985, *passim*;
- [3.] **Souza**, Maria Adélia Aparecida de. - Algumas formulações teóricas. In: *Rede Urbana e Regional*. Sinopses (2): 167.;
- [4.] **Maricato**, Ermínia. - *A proletarização do espaço sob a grande indústria*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FAU-USP, 1977, p. 30;
- [5.] **Gorender**, Jacob.- Novos aspectos do desenvolvimento capitalista no Brasil. In: *A Burguesia Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 104;
- [6.] **Shiffer**, Sueli Ramos.- *As políticas nacionais e a transformação do espaço paulista (1955-1980)*. Tese de doutoramento. São Paulo, FAU-USP, 1989;
- [7.] **Morse**, Richard. *Formação Histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*. São Paulo, Difel, 1970;
- [8.] *Cortiços em São Paulo: Frente e Verso*. São Paulo, Prefeitura Municipal (Sempla), s/d, p. 14.

(\*)João Carlos de Moraes é arquiteto/urbanista, mestrando em Urbanização pela PUC-SP e vereador em São Caetano do Sul



## Ordem Rosacruz, uma semente que germinou

João MASSOLINI, Hermínio BERGAMO, Anselmo FILGUEIRAS e Adilson P. de SÁ(\*)

Acerca: Hermínio Bergamo



Festa da Pirâmide, realizada pela Ordem Rosacruz, em São Caetano, em 25 de setembro de 1966

Em meados de 1960, um pequeno grupo de rosacruzes, projetando suas mentes no espaço cósmico, encontrou uma semente de suprema e diferente atração. Trouxeram-na e plantaram-na no terreno que possuíam naquele momento. Em 27 de novembro de 1960, em São Bernardo do Campo, à rua Um, 91, no bairro de Rudge Ramos, foi realizada a primeira reunião sob a responsabilidade do *Frater Jaert J. Sobanski*, iniciador do movimento para fundação do *Pronaos* do ABC. Estavam presentes 28 membros da região e cinco visitantes da Loja São Paulo, inclusive o Grande Conselheiro, *Frater Antônio Lando Accorce*. Naquele encontro foram eleitos os seguintes oficiais: mestre, Joaquim Pinto; secretário, Derval Gonçalves Canosa e guardião, José Giulianete Rivera.

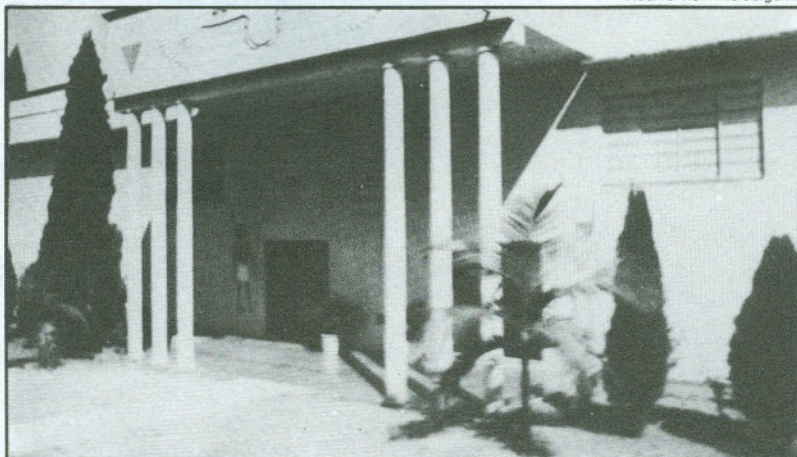
O primeiro canteiro, situado à rua Um, em Rudge Ramos, não correspondia às necessidades. Houve um doador temporário de outro local: a Loja Maçônica de São Caetano do Sul. Desse canteiro emprestado a loja rosacruz foi transferida para a rua Rio Grande do Sul, 358, 2º andar, sala 29, em São Caetano do Sul, em 19 de abril de 1961. Contudo, esse também não era o canteiro adequado; as acomodações eram pequenas.

A procura de um novo local era o objetivo principal dos rosacruzes, para maior propagação da luz que aquela planta inicial irradiava. Surgiu em 22 de agosto de 1964 um canteiro que oferecia boa terra e local aprazível: a rua Manoel Coelho, 325, 1º andar, sala 5, também nesta cidade. Elevou-se o misticismo, atravessou o horizonte e contactou as lojas de São Paulo e Santos, de modo que o triân-

gulo perfeito estava unido e a Família Rosacruz crescia em fraternidade e paz profundas. Para a concretização de seus objetivos, o *Pronaos* ABC Amorc foi decretado de utilidade pública, pela Lei Municipal nº 1.813, em 19 de dezembro de 1969.

Em 1970, o *Pronaos* foi elevado a Capítulo ABC Amorc. Como Capítulo, o corpo afiliado exigia providências e novamente havia necessidade transplantar a arvorezinha para um terreno maior e definitivo. Para conseguir o terreno, as dificuldades apresentavam-se intransponíveis. Todavia, houve apoio da Prefeitura de São Caetano do Sul, especialmente na pessoa do então prefeito, Oswaldo Samuel Massei, que entregou uma área à rua Marlene, 452, tornando possível a construção do templo atual, cuja pedra fundamental foi lançada em 11 de outubro de 1973. Em 18 de junho de 1977, a jovem árvore dava novo ciclo de vida e, assim, despontava o Capítulo São Bernardo do Campo. Em 1º de abril de 1978 o templo rosacruz do Capítulo ABC Amorc pôde ser sagrado pela venerável mestre emérita *Soror Maria A. Moura*. O cultivo foi lento, cuidadoso e difícil, permeado de lutas, mas, sobretudo, de muito amor e trabalho. Em 27 de novembro de 1982, o Capítulo foi elevado ao terceiro ponto do sagrado triângulo e tornou-se Loja ABC Amorc. A jovem árvore tornava-se árvore feita e, mais uma vez, dava à luz a uma muda cheia de vigor: era o Capítulo Santo André que, em 1985, começava a atuar.

Acerca: Hermínio Bergamo



Templo Rosacruz de São Caetano do Sul, à rua Marlene





Formenhor do lançamento da pedra fundamental do Templo Rosacruz



- 1 - Ricardo Putz (prefeito de Diadema)
- 2 - Walter Braido (prefeito de São Caetano)
- 3 - Antonio José Dall'Anese
- 4 - Júlio de Mello
- 5 - José Agostinho Leal
- 6 - Fábio Ventura
- 7 - Sebastião Lauriano dos Santos
- 8 - Ubiratan Ribeiro Figueiredo



Lançamento da pedra fundamental do Templo Rosacruz, em São Caetano do Sul, em 10 de outubro de 1973, com a presença do então prefeito Walter Braido



Cerimônia de hasteamento de bandeiras no Paço Municipal, com a presença dos membros da Ordem Rosacruz e do prefeito Oswaldo Samuel Massei. Circa 1970





Discurso do então vereador Sebastião Lauriano dos Santos, durante o lançamento da pedra fundamental do Templo Rosacruz

### Mestres que atuaram desde a criação do Pronaos

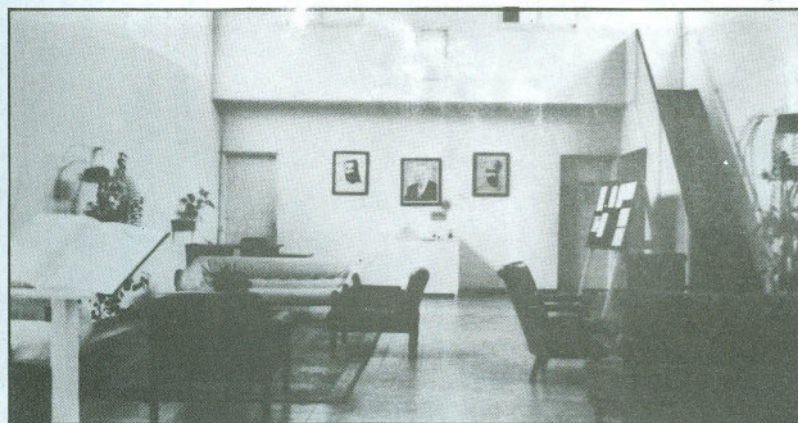
|      |   |
|------|---|
| 1961 | Joaquim Pinto ( <i>in memoriam</i> )      |
| 1962 | Petrônio Xavier de Souza                  |
| 1963 | Francisco João Havrank                    |
| 1964 | Fernando Ribas Leon                       |
| 1965 | Walter N.S. Alves                         |
| 1966 | Alberto Cerqueira ( <i>in memoriam</i> )  |
| 1967 | Ayrton Mendes dos Santos                  |
| 1968 | Daniel da Silveira ( <i>in memoriam</i> ) |
| 1969 | André Clemente Ramos Filho                |
| 1970 | Derval Canossa ( <i>in memoriam</i> )     |
| 1971 | Fernando P. Pereira                       |
| 1972 | Fernando P. Pereira                       |
| 1973 | Walter N.S. Alves                         |
| 1974 | Virgílio Monteiro José                    |
| 1975 | Adilson Pergoli                           |
| 1976 | André Clemente Ramos Filho                |
| 1977 | Edgar Simei                               |
| 1978 | José Alves de Oliveira                    |
| 1979 | Fernando Maia                             |
| 1980 | Edson Michelett                           |
| 1981 | Marlene dos Santos                        |
| 1982 | Reynaldo Pedro Sobrinho                   |
| 1983 | Esteves Cheres                            |
| 1984 | Maria Zilda Zanqueta                      |
| 1985 | Luiz Augusto Teixeira                     |
| 1986 | José Aliproti                             |
| 1987 | João Massolini                            |
| 1988 | Luiz Carlos dos Reis                      |
| 1989 | Valdir Paradella                          |
| 1990 | Sebastião João Gomes                      |
| 1991 | Carlos Alberto Azevedo                    |
| 1992 | Marilise Mendonça César                   |

A história dos rosacruzes remonta às escolas místicas do antigo Egito. Os primeiros estudantes da vida reuniam-se em determinado local secreto para discernir sobre os mais sublimes segredos da criação do Universo. Já naquela época, praticavam a alquimia mental, porque os conhecimentos de cada um eram enobrecidos pelo conhecimento secreto e o livre pensar.

Como em todas as outras épocas, naqueles tempos haviam os que podiam ser chamados de pensadores avançados, filósofos autênticos, sábios e eruditos. Muitos eram estudantes dos princípios místicos ensinados nas escolas do Egito. Há somente um país em que a Ordem Rosacruz poderia ter nascido: o próprio Egito. Dessa venerável organização, surgiram grandes e notáveis pensadores que contribuíram para a evolução da Humanidade. Podem ser mencionados alguns nomes, a título de exemplo: Isaac Newton, expoente inglês da Filosofia Natural, um gênio no campo da Física e da Matemática, que lançou conceitos revolucionários nas ciências; John Dalton, expositor das leis dos átomos, um místico e um enigma para o mundo científico.

A Ordem Rosacruz Amorc (Amorc - significa Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis) é uma organização tradicional, sem fins lucrativos e reconhecida no mundo inteiro. Depois de 1909, data de seu ressurgimento para um novo ciclo de atividades exteriores, vem realizando sua obra em todos os continentes e conta com elevado número de estudantes. A biblioteca rosacruz possui muitos livros interessantes que podem proporcionar informações sobre a organização (maiores detalhes, por correspondência: Departamento de Suprimentos da Grande Loja do Brasil - Amorc, Caixa Postal 307, cep 80001, Curitiba, PR, ou à rua Marlene, 452, Bairro Nova Gerti, São Caetano do Sul)

(\*) João Massolini é analista de Especificações; Hermínio Bergamo, aposentado da Petrobrás; Anselmo Filgueiras e Adilson P. de Sá são, ambos, comerciantes.



Vista do interior do Templo Rosacruz de São Caetano



# Castores, clube de jovens que agitou a cidade nos anos 60/70

Acervo: Leonardo Sperate



Achiles da Cruz, Ricardo Crepaldi, Achiles da Cruz Filho (da esquerda para a direita) e Ivanhoé Espósito (ao centro), num evento do Clube de Castores, nos anos 60

Os jovens dos anos 60 buscavam, de alguma forma, organizar-se em grupos, quer para a realização de festas-baile, quer para campanhas beneficentes ou confraternizações. Em São Caetano, pioneira no *castorismo*, com o apoio dos associados do Lions Clube-Centro, os jovens fundaram o Clube de Castores também. Era um movimento de juventude espalhado por todo o país, entre os anos 60 e 70. A entidade representava uma sociedade civil, inspirada nos moldes do Lions. Os jovens escolheram o nome *castor* porque simboliza um pequeno animal ativo, construtor. O idealizador dos Clubes de Castores foi José Gilberto Ribeiro Ratto, do Lions Clube São Paulo-Jardim Paulista. Ele afirmava o seguinte: "Nós, do Lions, já nos acostumamos às atividades que amparam a criança ou o velho, mas raramente nos dedicamos à juventude". Transformando sua frase em lema, Ratto, então presidente da Associação Nacional dos Clubes de Castores, semeou nos Lions a criatividade juvenil.

Quando o Lions São Caetano era presidido por Ivanhoé Sposito, em 7 de agosto de 1965, fundava-se o Clube de Castores da cidade, cuja primeira diretoria ficou assim constituída: presidente- Décio Botecchia; vice, Marco Antonio Espósito; 1º secretário- Achiles da Cruz Filho; 2º secretária, Magali Sales; 1º tesoureiro, Celso Marchesan Jr., 2º tesoureira- Maria Eunice Moraes Alves; diretor social- João José Dario; diretores vogais- Tarcília Mirtes Puccetti, Cilene Cazella e Wagner Schreiber. Doze dias mais tarde, em reunião festiva, o Lions, com a presença do então prefeito, Walter Braido, e de José Ratto, funda-

va oficialmente o clube e empossava a primeira diretoria. Os jovens prestaram juramente, receberam seus distintivos das mãos dos padrinhos e madrinhas e a nova entidade não tardou em iniciar suas atividades. Em 29 de agosto do mesmo ano, promoveu palestra a cargo do professor José Teixeira Gonçalves (também membro do Lions), sobre comportamento dos adolescentes. Em 26 de setembro, José Ratto comandou, no Auditório Municipal, sobre os objetivos dos Clubes de Castores. Em novembro, integrados com os clubes de serviço da cidade, os *castores* promoviam churrascada para arrecadar fundos para o Natal do Lar Menino Jesus e Lar Santa Leonilda, onde estavam abrigadas mais de 70 crianças.

Uma das campanhas que repercutiu foi a do Esclarecimento Contra o Uso de Entorpecentes e que movimentou o Município. Foram realizadas palestras no antigo Cine São Caetano, no Auditório Municipal e no General Motors Esporte Clube. O evento alcançou repercussão, a ponto de ser mencionado, em 1966, como uma das dez maiores realizações do Grande ABC, segundo avaliação do programa *ABC Show*, do Canal 2.

Décio Botecchia, primeiro presidente do Clube de Castores, rememora os fatos: "A reunião inicial foi realizada na casa de Ivanhoé Spósito, num sábado. Foi formada a primeira diretoria. Fui escolhido presidente aos 17 anos. O maior trabalho desse primeiro mandato foi o de integrar o grupo: todos deviam lutar por um objetivo único. E o clube precisava ser visto

Acervo: Leonardo Sperate



Da esquerda para a direita: Décio Botecchia, Oswaldo Massei, José Jayme Tavares Soares Júnior, Juarez Figueira Borges e Argemiro de Barros Araújo, em cerimônia realizada na metade dos anos 60



Acervo: Leonardo Sperate



*Posse de Ricardo Crepaldi, em junho de 1972, na presidência do Clube de Castores de São Caetano. À esquerda, José Gilberto Ratto*

Acervo: Leonardo Sperate

*Campanha "Crianças São Sempre Crianças", do Lions Clube de São Caetano-Centro, com a participação do Clube de Castores. No flagrante, alunos do Externato Santo Antônio com Ricardo Crepaldi, em 1971*



Acervo: Leonardo Sperate



*Inauguração da sede social dos Castores, à Avenida Goiás, 1.111, em 1972. Da esquerda para a direita, em primeiro plano: Juventino Borges, Jayme Tavares Júnior, Jayme Tavares e o então prefeito, Oswaldo Massei*



Acervo: Leonardo Sperate



Jantar de despedida do presidente Jayme Tavares Júnior e posse de Ricardo Crepaldi, em junho de 1972. Em pé, da esquerda para a direita: Jayme Tavares, Oswaldo Cipullo, Santo Crepaldi, Ivanhoé Espósito, Hércio Penna, André Beer, Ademar Xavier e Leonardo Sperate. Sentados, da esq. para a direita: Gilberto Ratto, Oswaldo Massei, Marise Dall'Antonia e José Guilherme

como entidade beneficente e não apenas como grupo de jovens que pretendia promover festas". Ele lembra a *Feiroca*, festival de música popular brasileira, com a participação de jovens de toda a região, em benefício da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

José Jayme Tavares Soares Júnior, médico, presidente entre 1971 e 1972, afirma que ter dirigido o Clube de Castores foi "uma das melhores coisas de minha vida". E explica que os jovens da época estavam preocupados com a filantropia: "Nós estávamos preocupados em ajudar o próximo. A gente reunia-se em grupos da mesma faixa etária, do mesmo nível social, sem se tornar elitista. O clube seguia uma linha que integrava filhos de membros do Lions e do Rotary". Jayme Tavares afirma que os domingos, dias de reunião do grupo, eram esperados com ansiedade. "Durante o mandato que exerci, tivemos muita colaboração do então prefeito, Oswaldo Massei, e de dois membros do Lions, Achiles Cruz e Leonardo Sperate. No Clube de Castores, a gente sabia que estava sendo útil. De alguma forma, colaborávamos para tentar construir um mundo melhor, o que era nosso lema. Hoje, infelizmente, isso não acontece. As pessoas estão se afastando umas das outras".

Marco Antonio Espósito, sócio-fundador da entidade, lembra que contava 14 anos em 1966 e desligou-se do Clube de Castores apenas em 1975, quando se casou.

Acervo: Leonardo Sperate



Reunião de inauguração da sede social do Clube de Castores, em junho de 1972, durante a gestão de Jayme Tavares Júnior. No centro, da esquerda para a direita: Décio Botecchia, Oswaldo Massei, Jayme Tavares Júnior, Juarez Borges e Leonardo Sperate. Em pé, à esquerda: Hércio Penna, Dante de Rose Júnior (presidente do Tijucuçu Clube), Carlos Eduardo Brandão e Marco Antonio Espósito. Em pé, à direita: Santo Crepaldi, Achiles da Cruz, Arnaldo Ferreira, Achiles da Cruz Filho e Antonio Carlos Palandri Chagas

"Aprendemos a ser amigos, a liderar situações, a fazer política (não politicagem). Brigávamos e discutíamos por um ideal, mas a amizade prevalecia, acima de tudo. Aprendemos lá que honestidade não é qualidade, é obrigação. Sempre tivemos uma preocupação social muito grande, o que foi muito bom".

Dentre as várias campanhas realizadas pelos *castores*, vale lembrar o auxílio ao Orfanato Verdade e Luz, de Rudge Ramos, ao Orfanato Santa Leonilda, ao Lar dos Velhinhos de São Caetano, em favor dos flagelados do Recife e de Porto Alegre, bazares beneficentes, exposições e doações diversas, além da I Convenção Nacional de Castores. (Jocimara Sperate)



## Zanini e Andrade, velhos comerciantes

Walter de ANDRADE(\*)

Acervo: Família Andrade



Emma e Theobaldo Zanini, em Poços de Caldas, em 26 de fevereiro de 1937

“**D**esembarquei em Santos, no dia 4 de julho de 1895. Nossa viagem levou 31 dias. Embarcamos no navio *Regina Margherita*, em Gênova; parámos em Nápoles, Barcelona e Ilha das Flores. Cheguei ao Brasil com 13 anos incompletos. Em São Paulo, meus pais alugaram um quarto e daí a uns dias minha mãe deu à luz a um irmão, que recebeu o nome de César, nome de meu avô paterno”. Estas anotações, manuscritas, foram deixadas por Emma Zucheri Zanini nas páginas de sua *Carteira de Identidade para Estrangeiros*, junto a fotos familiares e postais de sua cidade natal - Portomaggiore, província de Ferrara. No mesmo navio embarcou a família Zanini (José, Filomena e filhos), vindos de Rovigo.

Durante a longa e desconfortável viagem e a aproximação entre as duas famílias, iniciou-se o namoro entre os jovens Emma e Theobaldo Zanini que, anos mais tarde, em outubro de 1898, seria consolidado pelo casamento, realizado na cidade de Pedreira, Comarca de Amparo.

Como milhares de outras famílias que vieram para o Brasil, sem local estabelecido para moradia e trabalho, dirigiram-se para o Interior do Estado, a fim de oferecer a sua mão-de-obra naquilo que conheciam como ofício: a agricultura. Acabaram por fixar-se na Fazenda Atibaia, da tradicional família dos Egídio Araúha. Theobaldo trabalhava na administração e Emma, como doméstica na casa dos patrões. Em 1º de novembro de 1901 nascia aquela que seria a única filha do casal, Etelvina, que seria registrada na cidade de Campinas.

Em 1914, o casal resolve abandonar o trabalho na Fazenda Atibaia, e transfere-se para São Caetano, onde Theobaldo consegue emprego como operária na fábrica de sabão dos Pamplonas. Ao mesmo tempo, para reforçar o orçamento familiar, Emma, de posse de uma velha máquina Singer, passa a costurar e confeccionar roupas para crianças e adultos. Com o passar do tempo, as confecções de Emma Zanini atingem fama considerável, despertando em Theobaldo a idéia de abandonar o emprego e dedicar-se ao ramo do comércio de roupas e tecidos. Em 1918, reformam e ampliam a residência, então situada à rua Coronel Saladino Cardoso Franco, 21 (atual 28 de Julho), construindo um salão na frente da casa, e que passa a abrigar um bazar de roupas, armários e miudezas. Com o passar do tempo, ficaria conhecido como *a loja de dona Emma*.

Com os anos e com a prosperidade do negócio, foram adquirindo terrenos e construindo diversas residências nas proximidades das ruas Herculano de Freitas e Heloísa Pamplona. No início dos anos 30, vendem o estabelecimento e mudam-se para uma casa situada defronte ao Grupo Escolar Senador Flaquer, onde viveram ao lado da filha, dos netos e do bisneto, até o final de suas vidas. Theobaldo faleceu em 11 de junho de 1961;

Acervo: Família Andrade



No canto esquerdo, o sobrado em que funcionava a “loja da dona Etelvina” (à janela, Etelvina e a nora, Ermelinda). Ao lado, o bar Ao Nosso Rancho, de Dante Massei e a bomba de gasolina. Ao fundo, as portadeiras da estrada de ferro e o bar Trianon. Circa 1950.





Etelvina de Andrade: foto tirada por um bisneto, no Natal de 1987



Etelvina e Antonio de Andrade, com os filhos Rosa e Walter, no Jardim da Luz. Cerca 1930



Emma Z. Zanini e Theobaldo Zanini. Cerca 1920



Etelvina e Antonio de Andrade, em foto tirada um mês após o casamento no estúdio de G. Ricchiutti, à Avenida Rangel Pestana, 151, Brás, São Paulo. Outubro de 1922





*Etelvina e Antonio de Andrade, em foto tirada durante a celebração das bodas de prata do casal no estúdio Kojima, no largo do Tesouro, 21, São Paulo. Setembro de 1947*

Emma, em 22 de setembro de 1966. A filha Etelvina viria a contrair matrimônio com Antônio de Andrade (filho de Diniz Rabello de Andrade e Rosa Leite Rabello de Andrade). O noivo, filho de portugueses, nasceu no bairro da Moóca, em 30 de outubro de 1898, estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde se especializou em marcenaria, ofício que exercia com competência e carinho. Empregado na Matarazzo, acabou por envolver-se na vida social e esportiva de São Caetano, jogando futebol em três importantes agremiações: São Caetano E.C., Cerâmica F.C. e E.C. Monte Alegre.

A exemplo do sogro, descobriu no comércio sua vocação. Em 1º de janeiro de 1932, estabeleceu-se à rua São Caetano, 132 (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo) com uma loja de fazendas, armários, brinquedos e perfumaria, a *Casa São Caetano*, que, com o tempo, passaria a ser carinhosamente conhecida como a *loja de dona Etelvina*. Era ali que, nos anos 30 e 40, São Caetano tomava contato com as novidades do ramo que Antônio ia buscar em São Paulo. O cuidado, simpatia e paciência com que Etelvina atendia à freguesia fez com que o negócio prosperasse, transformando-se num dos principais estabelecimentos da cidade. E sempre lembrado o cuidado com que as vitrinas da loja eram arrumadas, em especial no Natal, quando Antônio, graças aos conhecimentos adquiridos no Liceu, improvisava na decoração para atrair a freguesia. As bonecas constituíam atração especial. Todas eram cuidadosamente ornamentadas por dona Etelvina e colocadas nas vitrinas. Algumas eram postas sobre balanças, discretamente movidos por cordinhas que os familiares (devidamente escondidos) ficavam acionando a mão.

Em outubro de 1951, após quase 20 anos de bons serviços prestados à cidade, o casal resolveu encerrar as atividades comerciais, mudando-se para a rua Heloísa Pamploma, bem próximo aos sogros. Antônio de Andrade teve ativa participação na vida social e política da cidade. Por volta de 1945, juntamente com outros comerciantes, participou da fundação do diretório local do Partido Trabalhista Brasileiro, a histórica agremiação política de Getúlio Vargas, nascida em maio de 1945, no bojo do *Queremismo*, que propunha uma Constituinte com Getúlio. Em 1950, fundou um comitê de apoio político à candidatura de Hugo Borghi ao governo do Estado e que funcionava nos fundos da quitanda de Angelo Scalzarotto, sogro de seu filho, Walter. Seu ideário político estava voltada para as causas nacionalistas e contava com orgulho e minúcias sua militância em movimentos grevistas e em episódios marcantes, como a Revolução de 1924, quando participou de diversos atos de sabotagem contra as tropas do governo de Arthur Bernardes e de saques no Cotonifício Crespi, na Matarazzo e na Companhia Puglisi.

Além de comerciante, trabalhou como operador e projetorista de filmes no Cine Central e, posteriormente, no Cine Max. Esta atividade exercia não apenas como profissão, mas pela profunda paixão que o cinema lhe despertava. De 1949 a 1956, dedicou-se, juntamente com um punhado de amigos, à missão de legar a São Caetano um hospital que viesse a atender às necessidades da cidade. Participou, de modo intenso, das campanhas de arrecadação de fundos para que viesse a concretizar-se a Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul. As quermesses e festas típicas que marcaram época na História da cidade sempre contaram com o apoio, trabalho e dedicação do casal Antonio e Etelvina. Antonio não chegou a ver o sonho concretizado: faleceu, inesperadamente, em fevereiro de 1956, um ano antes da inauguração do hospital. Todavia, integrava o corpo da primeira diretoria da Beneficência Portuguesa, presidida por Alfredo Rodrigues. Em 1961, a Câmara Municipal, através de projeto de lei do vereador Júlio de Mello, sancionada pelo prefeito Anacleto Campanella, designou seu nome para a rua 841, localizada no Bairro Santo Antonio. Antonio e Etelvino tiveram dois filhos - Walter e Rosa - que, por laços matrimoniais, agregaram outras famílias conhecidas de comerciantes dos tempos pioneiros de São Caetano. Walter casou-se com Ermelinda, filha do *quitandeiro* Angelo Scalzarotto, igualmente estabelecido à Avenida Conde Francisco Matarazzo, na parte baixa, na *Barra Funda*, do lado de lá das porteiras. Rosa casou-se com Leônidas, filho do sempre lembrado farmacêutico, médico, agente consular do governo italiano e historiador, José Paolone, estabelecido comercialmente ao lado da loja de dona Etelvina.

Na provinciana São Caetano de então, laços de comércio, de parentesco e de amizade iam se fortalecendo, tomando forma, constituindo uma complexa teia de relações sociais de que resultaria a pujante cidade de hoje.

---

(\*) *Walter de Andrade, natural de São Caetano do Sul, funcionário aposentado da Prefeitura de Santo André, trabalhou na chefia do Gabinete do prefeito Anacleto Campanella e foi diretor de Esportes na administração de Oswaldo Massei.*



## A Agência da Prefeitura e Luiz (Luivigino) Neri

(depoimento de Maria Garcia Neri)

Silvio José BUSO(\*)

Acervo: Família Neri



Cladys, a primeira filha do casal, em cujas fraldas andava o dinheiro arrecadado na cidade

Início do século: São Caetano recebia mais um imigrante, que vinha à procura de grandes aventuras e fortuna. Era Felippo Neri, natural de Florença (Itália), que chegava sozinho. Havia deixado a família na terra natal, acalentando sonhos e ideais. São Caetano é o seu destino. Aqui, na rua Perrella, instalou uma barbearia (essa era a sua profissão, além de relojoeiro). Sentindo a necessidade dos *oriundi* - que não possuíam lugar para arrumar os relógios, montou junto à barbearia uma oficina de consertos. Assim, conseguiu muitos fregueses e amigos.

A saudade da família era forte. Passado algum tempo, escreveu à mulher, Tereza (natural de Luca), chamando-a para São Caetano, com as filhas Tosca (7 anos) e Alda (8 anos). Elas embarcaram, acompanhadas de Mimi (irmã de Tereza), num navio de primeira classe (um luxo para a época). Problemas, tiveram aqui, porque Felippo não tinha casa. Mas tudo acabou sendo arrumado, porque se tornaram hóspedes na casa da família de dona Pepina Constantino, num casarão

grande que sempre vivia às voltas com hóspedes. Tereza era uma mulher empreendedora, dinâmica, conhecedora das artes culinárias (principalmente das massas italianas) e resolveu abrir uma pensão à rua Perrella, bem defronte ao Cine Central. Era lá que o conde Matarazzo e seus engenheiros almoçavam todos os dias, a exemplo dos químicos da fábrica, dos padres da igreja. Fato interessante é que o conde vinha de São Paulo, de madrugada, e logo passava pela pensão, encomendando seu prato preferido - *tordelle*, uma espécie de ravioli -, feito em casa pelas mãos de Tereza e de sua irmã, Mimi ( mais tarde, Mimi casou-se com um Bortolin).

Todos os dias havia massas, o melhor vinho de cartola e azeite italiano. Nessa casa-pensão nasceram os outros filhos do casal, Luiz, Dante e Carlos. Alda casou-se, aos 15 anos, com o engenheiro Carlos Almazio, freqüentador diário da pensão junto com o conde. Contudo, é sobre a vida de Luiz (Luivigino), nascido aos 5 de novembro de 1911 (seu padrinho de batismo foi o famo-

Acervo: Família Neri



Da esquerda para a direita: Luiz e Maria Neri, Dorinda e Francisco Locoselli, em 1934. Baile a fantasia no Ideal





Da esquerda para a direita: Francisco e Dorinda Locoselli e Maria e Luiz Neri. Baile a fantasia no Ideal, em 1934



Maria Garcia, ainda solteira, em sua casa, à rua Monte Alegre, pronta para o Carnaval. Círculo 1930



Casamento de Luiz e Maria Neri, em 16 de janeiro de 1936, na Matriz Velha

so Vicente Curandeiro), que nos gostaríamos de deter. Dante preferiu seguir os passos do pai, trabalhando na barbearia. Luiz, no entanto, queria estudar e, todos os dias, ia com os amigos (Bisquolo e Eduardo Barile) ao Colégio Dom Bosco, onde concluiu o ginásio. Curso Caligrafia no Brás, depois. Era sacrificado, porque além de tomar trem, andava um bom pedaço. Formou-se e, aos 18 anos, prestou concurso na Prefeitura de Santo André. Foi aprovado, mas quase não foi contratado, porque assinava como Luiz Neri. E de sua certidão de nascimento constava outro nome: Luivigino Neri. Confusão...Tiveram de levar o dono do Cartório para comprovar que se tratava da mesma pessoa e ele, muito amigo de Felippo, lembrou-se da cena do registro da criança:

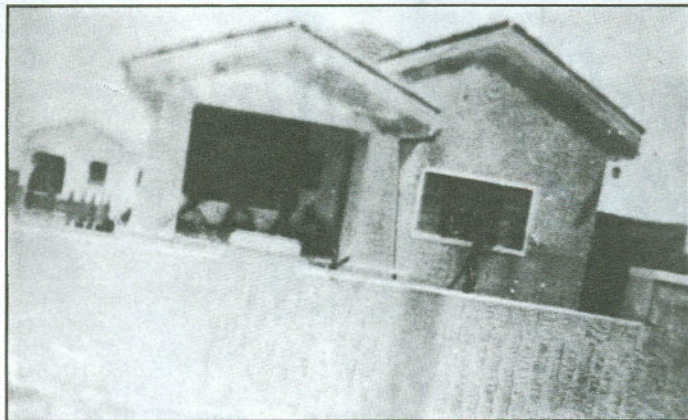
- Ma com'è il nome del bambino ?

- Luivigino!

E assim foi grafado. E Luiz (registrado Luivigino) acabou sendo contratado pela Prefeitura. São Caetano crescia rapidamente e a Prefeitura de Santo André resolveu abrir uma Agência Municipal, à rua Perrella. Luiz tornou-se o encarregado-escriturário. Mas precisava virar-se para ser recebedor de impostos, tributos e fazer a escrita fiscal. Ele ia de casa em casa, longe do centro, pelas chácaras, levar e receber os impostos. Fazia as contas do débito para as olarias, para os comerciantes, providenciava o troco e levava tudo de modo certo (porque naquele tempo ninguém gostava de enfrentar filas na Agência e os conhecidos, como o Pellegrino, deixavam o dinheiro e Luiz, depois, à noite, levava os recibos e o troco à casa de cada um).

O tempo foi passando. Em 1936, Luiz conhece Maria Garcia (que chegou à cidade em 1924), residente à rua Monte Alegre. A moça era linda e Luivigino acaba se casando com ela [Maria Garcia tinha como amigas Rosa Piccoli e Iolanda Fiorotti. Esta vinha de sua chácara, no atual Bairro Nova Gerti, a pé, para encontrar as amigas na esquina das ruas Amazonas e Monte Alegre. Dali descia até o Grupo Escolar Senador Flaquer, onde estudavam. Na volta, pegavam carona no carro de boi de Fiorotti. Maria aprendeu a costurar e chegou a trabalhar na "Casa Alemã". Conheceu o Luiz e começaram a namorar com a cumplicidade das amigas]. Os padrinhos de casamento foram Felício Laurito, Otávio Tegão, Antonio e Alice Flaquer, e Francisco e Dorinda Locoselli, todos amigos do casal. O juiz de paz era Matheus Cons-





*Casa situada à rua Pedro de Toledo, construída antes do casamento de Luiz Neri com ajuda de seu amigo Pellegrino. Foto sem data*



*Funcionários da Prefeitura de Santo André, em foto coletiva. Anos 20*



*Ano de 1937: passeio de amigos. Da esquerda para a direita: Francisco e Dorinda Locoselli e Luiz e Maria Neri*



*Luiz Neri, quando trabalhava como tesoureiro da Agência da Prefeitura de Santo André. Foto sem data*

tantino. Casamento concorrido: todos queriam saborear o almoço feito por dona Tereza, na pensão. Ela preparou quilos e quilos de *tordelli* com molho. Nessa ocasião, Pellegrino dá-lhes uma casa para morarem. Passa-se o tempo e Luiz continuava trabalhando na Agência da Prefeitura de Santo André. Logo a seguir, nascia a primeira filha do casal, Cladys [A menina logo participou da guarda do dinheiro arrecadado em São Caetano. Trocando em miúdos: a Agência não possuía caixa-forte e não havia banco na cidade. O que fazer com o dinheiro? A solução apareceu logo: embrulhavam o dinheiro em papel e depois colocavam o pacote nas fraldas do bebê. E assim, Maria e Luivigino saíam, à noite, para passear e visitar os amigos, carregando o nenê-banco. Em casa, o dinheiro continuava enrolada nas fraldas até o dia seguinte, quando Luiz ia a Santo André, para depositá-lo na Prefeitura e prestar contas].

Durante a Segunda Guerra, houve racionamento de combustíveis, açúcar, farinha, etc. Luivigino foi o escolhido pela Prefeitura para trabalhar na Receita Federal na distribuição dos cupons aos consumido-

res de combustíveis. As cotas eram divididas igualmente. Luiz, sempre que podia, ajudava os mais necessitados, mas jamais se corrompeu (houve até uma auditoria, que comprovou conduta incorreta de muita gente; Luivigino recebeu até elogios devido à retidão com que agia). Ele trabalhou 19 anos na Prefeitura. Ingressou na Maçonaria em 1945. Depois, mudou-se para São Paulo, mas jamais chegou a perder os vínculos com São Caetano, porque aqui deixou muitos amigos.

(\*) Silvio José Buso é técnico em Saneamento Ambiental e pesquisador do Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC)



# As lembranças de Rosalina De Nardi Zaparolli e Marcelino De Nardi

Acervo: Museu de São Caetano



Foto de 1935. Da esquerda para a direita, em pé: Maria Joana Pinto De Nardi, Fiorentina De Nardi e Celestina De Nardi Perrella. Sentados, da esquerda para a direita: Odete Lotti, Lorenzina Gava De Nardi, Elias Lotti (doação: Gabriel Perrella)

Netos de Celeste De Nardi, Rosalina e Marcelino contam o que ouviram, com orgulho, a respeito da chegada do avô, em 1877. Celeste chegou a São Caetano com apenas 17 anos, com os pais Giovanni De Nardi e Arcangela Fabri De Nardi, e os irmãos Giacomo e Maria.

“Meu avô possuía uma grande bagagem como construtor civil, e aqui chegando dedicou-se ao seu ofício”-lembram os netos. Celeste trabalhou como ajudante de agrimensor na Estrada do Vergueiro, dividindo os lotes até a Vila Mariana. Casou-se em 1880, na igreja do Brás, com Lorenzina. Foi o primeiro matrimônio entre imigrantes italianos. O pai de Lorenzina era dono de uma venda e de uma olaria à beira da Estrada do Vergueiro. Como era hábito naquela época, o casal foi residir na casa dos pais do noivo. Os recém-casados passaram a viver à rua Rio Branco, mas, com o tempo, Celeste adquiriu um terreno ao lado da casa paterna. Era uma área cheia de árvores, inclusive uma grande figueira, cuja copa devia ter mais de dez metros de diâmetro. Ali ele construiu uma casa modesta, onde nasceram os seis filhos: Judith, Stefano, Luiz, João, Angelo e Antonio.

Em 1888, Lorenzina Gava De Nardi recebeu uma herança do pai, que vendeu a propriedade da Vila Mariana e voltou à Itália. Celeste, a partir daquela data, começa a construção da casa que era tão grande para a época que passou a ser conhecido como “Palacete De Nardi”. Nesse trabalho, contou com a colaboração dos irmãos, pedreiros e serventes. Ao terminar a “casa grande”, (à atual rua Maximiliano Lorenzini, onde funciona o Museu de São Caetano), mudou-se para lá e ali nasceram os demais filhos: Celestina, Fioravante e Fiorentina.

Celeste ergueu vários prédios em São Caetano, entre os quais a Matriz Velha. Empenhou-se na luta junto à Prefeitura de São Bernardo para que fosse liberada uma área para abrigar o pri-

Acervo: Museu de São Caetano



Foto de 1938: pique-nique em Ouro Fino Paulista (Ribeirão Pires), na casa de Stefano De Nardi. Da esquerda para a direita, em pé: Mercedes De Nardi, Emilia Fornazieri, Norma Perrella, Leonor Perrella, Elizabeth Perrella e Gemma De Nardi. Agachado, João Raymundo Piovesan (doação: Marcelino De Nardi)





Foto dos anos 20: Lorenzina Gava De Nardi (doação: Rosalina De Nardi Zaparolli)



Foto de 1903: comemoração dos vinte e três anos de casamento de Celeste e Lorenzina De Nardi



Foto de 1938, à rua Rio Branco, 105 (atual rua Maximiliano Lorenzini): Lorenzina com as filhas Judite Lotti, Celestina De Nardi Perrella, Fiorentina De Nardi Gagliacci



Foto de 1910: a família de Celeste De Nardi.  
Da esquerda para a direita: (1) Stefano, (2) Judite, (3) Lorenzina, (4) Celeste, (5) Luiz e (6) João Domingos. As crianças são (7) Angelo, (8) Celestina, (9) Fiorentina, (10) Fioravante e (11) Antonio (doação: Rosalina De Nardi Zaparolli)

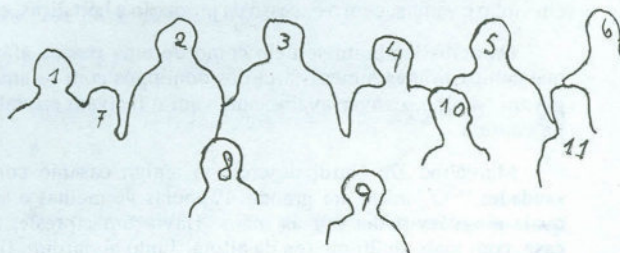






Foto dos anos 20: Stefano De Nardi com a família. em flagrante feito no casarão da rua Rio Branco. Da esquerda para a direita: (1)Celeste De Nardi, (2)Felisberto De Nardi, (3)Venerando De Nardi, (4)Stefano De Nardi, (5)Angela De Nardi, (6)Constantino De Nardi, (7)Margarida De Nardi, (8)Joana De Nardi e (9)Brígida De Nardi (doação: Rosalina De Nardi Zaparolli)

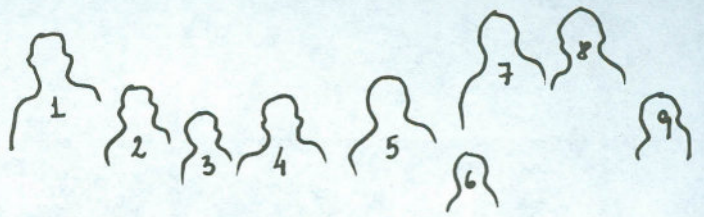


Foto dos anos 20, tirada no quintal do casarão da rua Rio Branco: Lorenzina com todos os netos. Da esquerda para a direita: (1)Felisberto, (2)Israel, (3)Gabriel, (4)Venerando, (5)Leonor, (6)Rosalina, (7)Brígida, (8)Luiza, (9)Mercedes e (10)Flávia. Sentados, da esquerda para a direita: (12)Margarida, (13)Joana, (15)Elias, (17)Lorenzina, (19)Celeste e (20)Norma. (24)Gema e (25)Odila estão sentadas sobre as duas cadeiras pequenas. Em pé: (14)Daniel, (16)Lorenzina, (18)Cecília, (21)Marcelino e (22)Constantino. Sentados no chão, (26)Luiz e (23)Odete (doação: Rosalina De Nardi Zaparolli)



meiro cemitério de São Caetano. Outro fato importante foi a construção da sede da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, tipicamente italiana, voltada para o auxílio financeiro aos sócios, em casos de doença. Fundou, ainda, a Società Autoniana e construiu a Cadeia Pública da cidade. Dedicava-se ao plantio de uvas, que transformava em vinho e vendia, com o excesso da produção e hortaliças, em São Paulo.

Os netos lembram-se dele como de uma pessoa afável e alegre, que compartilhava a mesa farta dos domingos com os amigos, que jogavam baralho, conversavam, cantavam e ficavam relembando a Itália comum.

Marcelino De Nardi descreve o antigo casarão com pontas de saudade: “ O jardim era grande. Papoulas vermelhas e amarelas, nas quais ninguém podia pôr as mãos. Havia um cipreste, na frente da casa, com mais de 20 metros de altura. Junto ao jardim, ficava a capela de São João Batista. Do outro lado da casa, havia um campo de bocha. As pessoas que vinham comprar vinho, aproveitavam e jogavam um pouco. Na sala, a mesa era grande e o vinho era sempre servido aos visitantes. Até 1930, o fabrico do vinho acontecia ao lado do casarão, numa cantina. Havia, ainda, um forno para assar pão. Cada um dos filhos tinha direito de usar o forno durante um dia determinado. E havia muitas frutas: goiabas, figos, ameixas, e pereiras que seguravam as parreiras. As duas salas da frente foram cedidas para a primeira escola oficial da cidade, o Grupo Escolar Senador Flaquer. Os velhos amigos chamavam a rua Rio Branco de Estrada Celeste De Nardi, em função das comemorações, festas e reuniões que sempre aconteciam na ‘casa grande’. No final de cada ano, Celeste man-

dava um cartão personalizado para os parentes e amigos ( alguns, dados ao Museu de São Caetano, datam de 1912)”.

Celeste De Nardi faleceu em 1915. O casarão continuou com a família até 1940, quando foi vendido por 108 contos de réis para Antonio Perrella. No local, começou a funcionar uma padaria. Nos anos 50, foi sede do América Futebol Clube. Depois, foi habitado por muitos inquilinos até que, em 1988, foi restaurado durante a terceira gestão de Walter Braidão na Prefeitura e transformado em sede do Museu de São Caetano.



# A paixão pela cidade: memórias de Maria Scarparo

**D**escendente dos fundadores Luigi e Joana D'Agostini, Maria Scarparo conta parte de sua história vivida em São Caetano. Com 90 anos, ela recorda com muita saudade da pequena vila, o Bairro Fundação, onde nasceu, cresceu e mora ainda hoje. Muitos fatos perderam-se na memória. Muitas vezes, apenas a emoção manifesta-se; as passagens precisas dos acontecimentos apagaram-se com o tempo. As mais marcantes, aconteceram no largo da Igreja Matriz, na época das festas do santo padroeiro, São Caetano. A paixão pela cidade está clara em cada palavra. Ela nutre um carinho especial pela cidade que viu desenvolver-se e, orgulhosa, assiste seu constante crescimento.

“Nasci em 1902, no largo da Igreja Matriz Velha, e foi lá que cresci e assisti a muitas passagens de São Caetano, principalmente

as festas em comemoração ao santo padroeiro e à fundação do Município. Não consigo lembrar de muita coisa, mas os festejos, é impossível esquecer. Minha casa era um ponto de encontro. Já antes de eu nascer, meus avós, Luigi e Joana D'Agostini, recebiam os músicos da banda para um almoço.

A tradição continuou e meus pais preparavam esse mesmo almoço no dia de São Caetano. Quando eu tinha 7 anos, lembro-me bem das mães do Colégio do Ipiranga, davam a volta pela Vila Prudente e vinham à cidade participar da procissão de São Caetano. Antes, descansavam um pouco. Tomavam leite, café, e algumas, vinho.

Todos conheciam a gente. Família de fundadores. Antigamente, o valor dado à História era outro. As famílias italianas formavam uma só família. Meu avô falava com muito carinho

Acervo: Revista Raízes



Maria  
Scarparo,  
em foto  
de 1992





Aniversário de Catarina, em 1959, na Vila Bela, na residência da filha Assunta. Na foto, com os filhos. Em pé, da esquerda para a direita: Olivo, Inês, Assunta, Helena, Angelo e Ezídio. Sentados, da esquerda para a direita: Luiz, Catarina, Joana e Maria



A mãe de Maria, Catarina D'Agostini Scarparo, em 1959, aos 80 anos



Luigi e Joana D'Agostini (data desconhecida)

da época em que os imigrantes chegaram. Todos tinham o mesmo sonho. Terra nova. Trabalho novo. Povo diferente...Minha mãe(Catarina) nasceu dois anos depois da fundação, em 1879. Foi a primeira menina a nascer na cidade. Imagine se ela pudesse ver São Caetano, este Bairro Fundação de hoje...

Eu mesma mal acredito no que vejo, principalmente lá para os lados do centro. Antes não havia nada. A vida resumia-se ao largo da Igreja, à Sociedade Príncipe di Napoli e, muito tempo depois, ao Cine Central. Escola, não havia. Algum tempo depois, inauguraram o Senador Fláquer. Mas eu não estudei lá. O pouco que aprendi foi numa casa particular, onde algumas crianças aprenderam o *beabá*.

A vida era difícil naquela época. Fui trabalhar fora com 13 anos, na vendinha do *seu* Maximiliano Lorenzini. Não fiquei muito tempo: minha mãe precisava de minha ajuda nas tarefas de casa. Fazíamos pão em casa e o leite, ia buscar na casa de minha tia, Maria D'Agostini. Ela tinha uma vaca leiteira e vendia leite para toda a vizinhança. Não existia essa beleza que é a padaria.

Namorei um só rapaz. Casei-me com ele (Aldo). Nossos passeios eram poucos. Íamos bastante aos bailes do Príncipe di Napoli. Eu não

sabia dançar, mas o Aldo dançava a noite toda com nossas amigas. Era tudo uma família só. Afinal, só podiam freqüentar a casa aqueles que fossem italianos ou descendentes.

Tivemos uma vida difícil. Tão difícil que fomos morar na Vila Alpina, por um tempo. Lá era maior e havia mais oportunidades de trabalho. Época de crise, fim dos anosm 20... Tive 12 filhos; apenas oito sobreviveram. Não era fácil sustentar uma família grande. Mesmo assim, lutamos para voltar para São Caetano. Cheguei a lavar roupa para fora. No tempo da guerra, então...faltava muita coisa...

Sabe, gostaria de contar o dia-a-dia, mês a mês, cada ano que vivi aqui. A gente deveria lembrar-se de muita coisa. São praticamente 90 anos que mroo em São Caetano, mas as lembranças se misturam, perdem-se na memória. Apenas peço uma coisa: que São Caetano abençoe a todos, à cidade, porque não existe melhor lugar para viver".



# Mário Romano, 40 anos de massagens e prêmios

A paixão pelo futebol, pelo esporte, e o desejo de fazer parte da equipe de algum time passou da realidade de poucas partidas para um sonho. Mário Romano, um grande sonhador, era considerado péssimo atleta dos campos, um *perna-de-pau*, como diziam os amigos. Mas o amor pelo esporte não o deixava longe dos jogos.

Aficionado, não perdia uma partida do Clube Atlético Tamoyo. Hoje, ele participa do esporte como massagista. Dia 15 de maio último, completou 40 anos na profissão. Muita história para recordar. Muitas páginas de sucessos fazem parte de seu currículo e podem ser conhecidas neste breve depoimento.

“A profissão de massagista foi um recurso para que eu pudesse ficar perto do esporte, principalmente o futebol. Sou muito ruim de bola. Então, o pessoal nunca me deixava jogar. No começo, para poder jogar, resolvi fundar um time, o Fluminense, que ficava lá na rua Rio de Janeiro. Sendo o dono do time, tinha de jogar, não é? Mas o Fluminense durou pouco. Faliu. E para enquadrar-me em outra equipe, foi duro”.

Nem só de passagens de *perna-de-pau* Mário Romano ficou conhecido, como ele próprio rememora. “Um dia, em 1948, fazendo parte da equipe do Tamoyo, aconteceu um belo feito. Eu era reserva do reserva. A equipe foi jogar na rua Major Carlo Del Prete, contra o Cruzeiro. Como eu não estava passando muito bem de saúde, fui para o jogo sem levar chuteira. Ninguém me chamaria mesmo para jogar... Durante a partida, alguns jogadores contundiram-se e muitos jogadores haviam faltado. A solução seria eu entrar em campo. Escalaram-me. Pedi uma chuteira emprestada e pedia a ajuda de Deus... Entrei em campo. Num lance de muita sorte, a bola passou por mim, e eu cabeceei. Nossa! Foi um golaço. Ninguém sabe que não foi um lance estudado. Mas valeu”.

Romano recorda a festa: “O gol da vitória levou-nos a comemorar com guaraná e tudo. Guaraná, naquela época, era que nem champagne hoje, viu? Também foi só esse dia, porque depois o tempo foi passando, continuei jogando mal e o golaço acabou sendo esquecido. Foi em 1952, num jogo do Tamoyo, no Interior, que descobri o dom que possuía de fazer massagens. Num lance perigoso, um dos jogadores machucou-se. Não havia massagista. Então, todo mundo começou a incentivar-me: vai lá, Mário, pega a malinha e socorre o moço. E eu fui. Mesmo sem entender nada sobre o assunto, acabei ajudando o atleta. Fiz uma massagem tão boa que ele pôde voltar ao campo. Acho que esse é um dom de família. Minha avó, Filomena, já era bastante procurada em sua residência para fazer massagens. E olha que diziam que eram mãos de ouro. Trabalhava melhor do que muitos profissionais. Deve ser dom de família. Peguei o gosto pela coisa e dediquei-me diariamente a aprender o máximo que podia. Conheci um profissional, desses com curso e tudo. Frequentava a clínica dele, dia sim, dia não, como se fosse uma escola. Cheguei a comprar um livro sobre a arte de massagear, mas nem cheguei a ler inteiro. Tenho muitas histórias, nenhum diploma universitário e pouco dinheiro”.

O massagista afirma que houve muitas realizações durante a longa carreira de 40 anos. “Destaco as conquistas do campeonato de

basquete masculino pela Seleção Brasileira, em 1967, e, no ano seguinte, o campeonato estadual de basquete, pelo Clube Atlético Monte Alegre. Troféus, medalhas, diplomas e fotografias guardo com carinho e orgulho. Hoje, aos 69 anos, não peço mais nada. As emoções mais fortes posso dizer que estou vivenciando há pouco mais de onze anos, na equipe do *Escrete do Rádio*, do Fiori Gigliotti, da Rádio Bandeirantes. Os jogos promovidos, geralmente, são beneficentes e, na maioria das vezes, em prol das crianças. Esses 40 anos de massagens recebem um prêmio a cada partida do Escrete. Uma vez, as freitas de uma creche invadiram o campo, no final de um jogo, para agradecer o que estávamos fazendo pelas crianças. Todo mundo chorou. Não é um prêmio?”.

A relação de títulos conquistados é longa: 1952, campeão amador de futebol pelo C.A. Tamoyo; 1954, campeão amador de futebol pelo General Motors E.C. e campeão do ABC em basquete feminino pelo General Motors E.C.; 1955, campeão amador de futebol pelo General Motors E.C.; 1960, campeão amador de futebol do Interior da FDF pelo C.A. Monte Alegre; 1961, campeão amador de futebol do Interior da LSF de São Caetano do Sul, pelo C.A. Monte Alegre; 1963, campeão da Terceira Divisão de Profissionais pelo C.A. Monte Alegre; 1964, supercampeão da Segunda Divisão de futebol da LSF de São Caetano do Sul pelo E.C. Torino de Vila Marlene; 1965, campeão de basquete masculino, infantil, pelo São Caetano E.C.; 1967, campeão brasileiro de basquete masculino pela Seleção Paulista; 1968, campeão dos Jogos Regionais do Litoral pela cidade de São Caetano do Sul e campeão estadual de basquete feminino pelo C.A. Monte Alegre; 1969, campeão dos Jogos Regionais do Litoral pela cidade de São Caetano do Sul; 1971, campeão amador de futebol pelo C.A. Tamoyo; 1972, campeão do torneio de futebol *Fundação de São Caetano do Sul*, pelo C.A. Tamoyo; 1974, campeão invicto do *Torneio Início das Fusões de Futebol*, pelo C.A. Tamoyo e campeão amador invicto pelo C.R.E. Tamoyo; campeão juvenil de futebol pelo C.R.E. Tamoyo e campeão invicto de basquete masculino da *Taça Anchieta*, pelo C.R.E. Tamoyo; 1975, bicampeão juvenil de futebol pelo C.R.E. Tamoyo e campeão infantil de futebol pelo C.R.E. Tamoyo; 1977, campeão do Estado de São Paulo pelo C.R.E. Tamoyo, categoria *Dentinho*; 1978, campeão do Torneio Inter-Centros de Basquete Masculino pelo C.R.E. Tamoyo, campeão do Torneio Inter-Centros de Vôlei Masculino pelo C.R.E. Tamoyo, campeão de futebol juvenil e campeão da Primeira Divisão de Basquete Masculino do Estado de São Paulo pelo C.R.E. Tamoyo; 1979, campeão do Torneio Arnaldo Razante de Basquete Masculino pelo C.R.E. Tamoyo; 1980, bicampeão do Torneio Arnaldo Razante de Basquete Masculino pelo C.R.E. Tamoyo; 1981 a 1992, jogos beneficentes pelo *Escrete do Rádio*, da Rádio Bandeirantes, comandada por Fiori Gigliotti.





Mário Romano recebe prêmio do radialista Rolando Marques (sem data)



Mário Romano, no centro, ao fundo, com Walter Braido, nos anos 60



Mário Romano (o último à direita, agachado), com a equipe do Esporte Clube Torino, da antiga Vila Marlene, em 1964



Mário Romano (primeiro à esquerda), com Anacleto Campanella (quarto a partir da esquerda) e João Anhê (terceiro a partir da esquerda), em jogo esportivo realizado na cidade. Foto sem data



## O incipiente consórcio

*Neste número de Raízes, iniciamos a publicação de textos curtos de antigos moradores da cidade que recordam cenas curiosas e/ou pitorescas por eles vividas. Com isto, pretende-se abrir um novo espaço para a participação da comunidade, no sentido de documentar a vida cotidiana em São Caetano do Sul em decênios passados. As pequenas crônicas, portanto, oferecerão aos leitores rápidos flagrantes de um tempo que se foi, mas que continua pulsando nas lembranças de cada protagonista dos episódios narrados.*

Gisberto GRIGOLETTO (\*)

No início do ano de 1920, procedente de Pinhal, o alfaiate Pedro Daniel veio com a família para residir em São Caetano. Aqui chegando, providenciou a instalação de sua oficina de costura, à rua Heloísa Pamplona, bem próxima à 28 de Julho. Embora sendo um bom oficial, mas ainda desconhecido, não lhe foi fácil conseguir fregueses.

Para mostrar serviço, permanecia dias seguidos na oficina, sentado, com um casado, um colete ou uma calça sobre as pernas, com agulha e linha na mão, fingindo costurar. Assim, os transeuntes, notando aquele alfaiate sempre atarefado, começaram a parar diante da oficina para um *dedo* de prosa, com o jovem oficial e, quem sabe, com a intenção de encomendar-lhe um terno.

Com o passar do tempo, Daniel tornou-se bastante conhecido; zelava com carinho das amizades conseguidas com grande custo; tinha orgulho da profissão, do trabalho, de sua idoneidade, de seus fregueses, de seus amigos. Dentre estes, destacavam-se Pedro Infante, Luiz Neri, Vicente Pina, João Messias, Joaquim de Souza, João Benaventi, com os quais ele costumava, em casa, todos os sábados, passar a noite jogando pôquer. O cacife do jogo era tão alto que quem ganhava, não ficava rico, e quem perdia, não ficava pobre. A principal finalidade era jogar cartas, divertir-se.

Lázaro (?), que não participava diretamente do carteadado, era o encarregado de comprar, com o dinheiro do cachê, as cervejas, os sanduíches e os cigarros. Certa noite, já madrugada, acabara todo o suprimento de cigarros. Nenhum dos presentes possuía um sequer. Em virtude do adiantado da hora, o Lázaro não podia resolver o problema: as vendas das redondezas estavam todas fechadas. A vontade de fumar era muita; o cigarro fazia falta. Todos estavam nervosos e quase não distinguiam o valor das cartas. Em dado momento, alguém lembrou das pontas de cigarro. Quem não tem cão, caça com gato. No mesmo instante, agacharam-se, recolheram todas as pontas de cigarro que encontraram. Desfazendo todas, conseguiram reunir razoável quantidade de fumo que transformaram em novos cigarros, usando papel de embrulho. Saciada a vontade de fumar, recomeçaram o carteadado por mais algum tempo.

Agora, Daniel já não ficava fingindo que costurava: o trabalho era real. Além dele, havia dois auxiliares, que, mais tarde, se tornaram profissionais. Ignoro se os demais alfaiates da região procediam de modo igual, mas acredito que Pedro Daniel foi um dos primeiros comerciantes de São Caetano a utilizar o *consórcio* como meio de promover as suas vendas. Nos idos de 1920, tinha por hábito convidar 25 de seus fregueses (entre eles, os irmãos Arthur e Firmino Garbelotto, Hermínio e Riccieri Lorenzini, João e Alberto Grigoletto, José Rizzo, Domingos de Marco, João Benaventi, Luiz Neri, Vicente Pina, Joaquim de Souza, Lázaro ?, Pedro Infante, João Messias, Amadeu Bortoletto) para participarem de um grupo. Era assim que ele denominava o consórcio. Os fregueses recebiam um número - de 1 a 25 -, correspondente ao grupo de jogo do bicho e através dele concorriam, mensalmente, ao sorteio. O valor-base de um terno era de 300\$000 (trezentos mil réis). Durante 10 meses consecutivos, os fregueses pagavam uma cota de 30\$000, adquirindo o direito ao sorteio

mensal. Todo o último sábado do mês era sorteado um terno, isto é, o possuidor do número vencedor da Loteria Federal ganhava o terno e desobrigava-se de pagar as cotas restantes.

Desse modo, o primeiro sorteado pagava apenas 30\$000 pelo terno; os seguintes pagavam 60\$000, 90\$000, 120\$000, até o nono, que totalizava 270\$000. Todos os demais 16 fregueses pagavam o preço de 300\$000. Antes de terminar um grupo, Daniel iniciava outro. Assim, o consórcio funcionava sem interrupção. Geralmente os ganhadores do grupo anterior acabavam fazendo parte do grupo seguinte. Todos os participantes recebiam os seus ternos, segundo as necessidades, não importando se haviam sido contemplados ou não, se haviam pago ou não integralmente. Daniel tinha confiança absoluta em seus fregueses. Pedrinho, o alfaiate, como era conhecido, foi um bom profissional, e contribuiu para o progresso de São Caetano com o seu trabalho honesto.

---

(\*) Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro: foi a quarta casa construída no Bairro Monte Alegre. Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como simples mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967, como chefe dos Escritórios da Unidade Rayon.

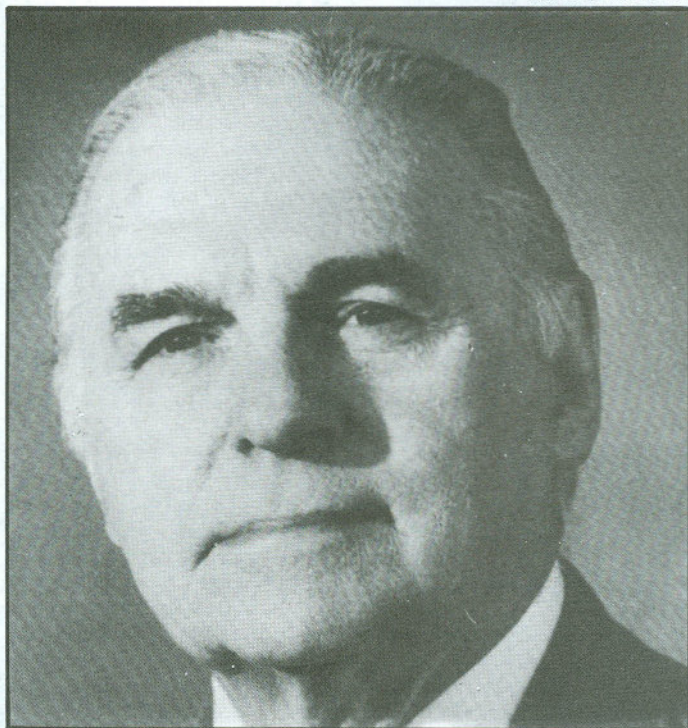


# Homenagem

## João Dal'Mas

Valdirene A. Dal'Mas da Rocha PAES (\*)

Acervo: Família Dal'Mas



João Dal'Mas em foto recente

**S**ão Caetano do Sul, hoje município autônomo e de extrema relevância, é o detentor da maior renda *per capita* nacional. Esconde por trás de sua História o esforço de alguns homens que defenderam a autonomia da cidade. Dentre estes, destaca-se João Dal'Mas. Com a sua morte, ocorrida no último dia 15 de julho, foi enterada parte da História da cidade.

João Dal'Mas viveu intensamente. Nasceu em 18 de setembro de 1918, filho de Vittorio Dal'Mas e de Antonia Braido Dal'Mas. Radicou-se em São Caetano do Sul. Aqui contraiu as primeiras núpcias com Celestina Lorenzini Dal'Mas e teve os filhos Vittorio e Maria Antonieta, e seis netos: Luciana Helena, João Paulo, Fábio, Camilla, Rafaela e João Neto. Em segundas núpcias, casou-se com Alexandrina Moreto.

João Dal'Mas amou São Caetano como poucos. Ainda menino, junto com o pai, trabalhou na Indústria Vittorio Dal'Mas & Filho e, posteriormente com os irmãos, continuou como diretor da Dal'Mas S.A. Indústria Agro-Química Brasileira. Foi, também junto com o pai e os irmãos, artífice da construção do Edifício Vitória, pioneiro dos grandes prédios. Foi diretor-administrativo, até falecer, da Empre-

sa Cinematográfica Vitória Ltda. Paralelamente a essas atividades, desenvolvidas nos negócios da família, empenhou-se em favor da coletividade. Junto com Anacleto Campanella e Lauro Garcia, batalhou na campanha autonomista. Foi eleito vereador em 1947, tendo transformado a tribuna da Câmara Municipal de Santo André em suporte para a luta pela autonomia de São Caetano do Sul. Tão logo a cidade conseguiu obter a independência, Dal'Mas renunciou à vereança, mostrando, assim, a sua seriedade e grandeza.

João Dal'Mas foi eleito vice-prefeito, em 1976, e chegou a ocupar a chefia do Executivo, durante oito meses, na oportunidade em que Raimundo da Cunha Leite se afastou da Prefeitura, em 1982. No período em que exerceu o mandato de prefeito, Dal'Mas executou inúmeras obras de relevância para a comunidade, tais como a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Laura Lopes, à rua do Níquel, desapropriação da área para ampliação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano do Sul e o posto de puericultura que levou o nome do professor Bonifácio Fernandes, à rua Tommaso Thomè. Pelos relevantes serviços prestados à comunidade, recebeu o título de cidadão emérito, conferido pela

Acervo: Família Dal'Mas



Foto da juventude de Dal'Mas, sem data





Flagrante da Câmara Municipal de Santo André, em 1947. João Dal'Mas faz uso da palavra. À sua direita, erguendo o braço, Lauro Garcia



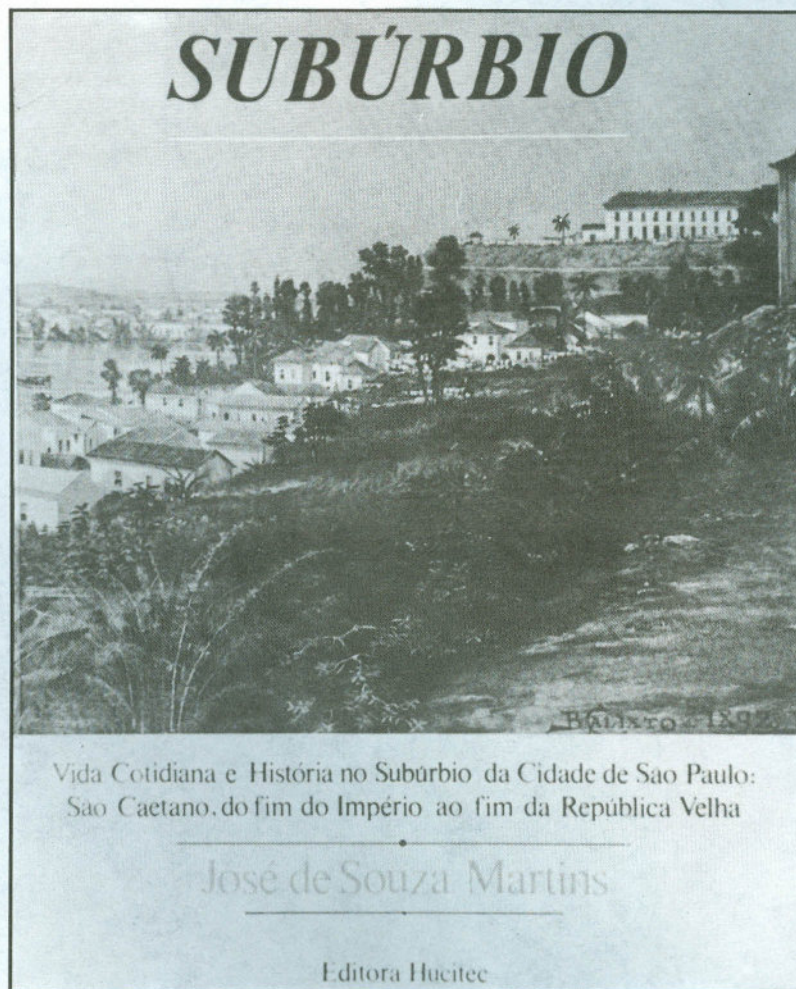
Foto da Câmara de São Caetano do Sul, sem data. João Dal'Mas é o primeiro à direita

Câmara Municipal. Foi, também, presidente do Rotary Clube, no período 1972-73, tendo recebido o título Paul Harris. Em 3 de abril de 1981, João Dal'Mas recebeu o grau da Ordem da Solidariedade o grau de Comendador da Cruz do Mérito do Humanístico, instituído pelo decreto 313/74 ( entidade cultural de Direito Privado, registrado no Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação), com aprovação unânime do Conselho de Honrarias e Méritos, em reconhecimento às qualidades, dignidade, benevolência, caráter e civismo sempre colocados a serviço da comunidade. Apesar de doente, João Dal'Mas escondeu dos amigos todas as dores que o sufocavam, colocando nos lábios um sorriso perpétuo, transmitindo a imagem do homem cavalheiro, gentil e corajoso que foi.

---

(\*) Valdirene A. Dal'Mas da Rocha Paes, advogada, é gerente jurídica e financeira da Dal'Mas S.A. Ind. Agro-Química Brasileira





**S**ubúrbio. Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha, de José de Souza Martins. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, 363 páginas.

Trata-se do terceiro volume do projeto editorial da Prefeitura da cidade (os outros dois volumes publicados foram, respectivamente, *Nostalgia*, de Manoel Cláudio Novaes, São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura, 1991, e *Dietário dos Escravos de São Bento*. Originários de São Caetano e São Bernardo, de Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura, 1991), cujo objetivo é o de co-editar obras inéditas a respeito da História do Município.

José de Souza Martins, sociólogo e professor da Universidade de São Paulo, autor de vários livros, em sete capítulos, discorre sobre a pobreza e o trabalho na memória histórica de São Caetano; fala a respeito da visita do Imperador Dom Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, em 1878; faz um censo dos imigrantes italianos que não aparecem nas publicações habituais a respeito dos primeiros italia-

nos que chegaram ao núcleo colonial; discorre sobre a rua na geografia do imaginário do subúrbio; traça um quadro interessante sobre a ocupação militar de São Caetano durante a Revolução de 1924; rememora o mútuo socorro da classe trabalhadora e, ainda, faz um estudo sociológico de um crime ocorrido em 1928.

O autor apresenta um rico quadro a respeito da História da vida cotidiana em São Caetano, fruto de pesquisa de longos anos bastante documentada. Segundo as palavras de Martins, ele "polemiza" na obra com o tema da memória: "Pressuponho - afirma na Introdução - que a memória oculta mais do que revela, pois revela omitindo e deformando. Mas, ao mesmo tempo, proclamo que a memória é um meio de afirmação dos que foram *excluídos* do fazer História. Por meio dela, declaram-se sujeitos e não só agentes do trabalho, peças da máquina, instrumentos da produção. Sujeitos de suas idéias e de suas lembranças. Por meio da memória dão ao pequeno fato a dimensão do acontecimento. E, por aí, no fim, afirmam também o seu desencontro com a História, sua própria História". Um livro cuidadosamente trabalhado e escrito em estilo fluente.



# Os Paços de São Caetano do Sul

Acervo: Raízes



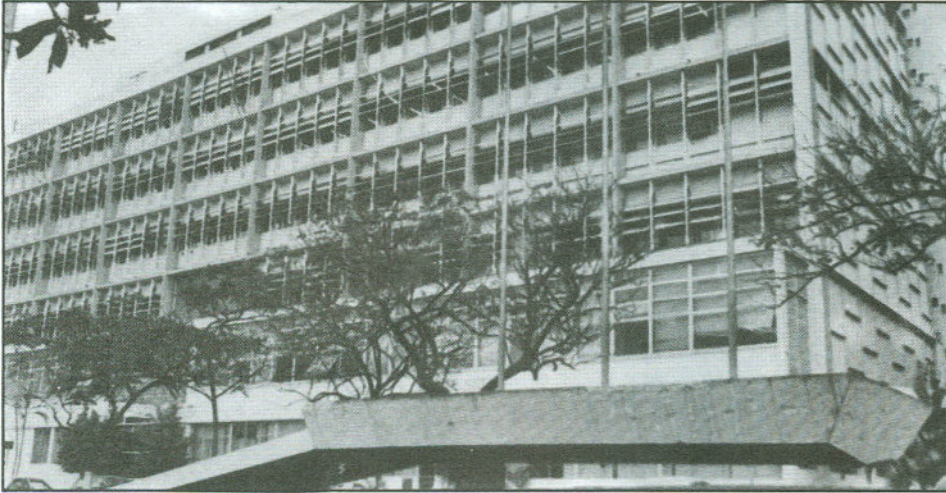
Prédio em que funcionou o gabinete do primeiro prefeito da cidade, Angelo Raphael Pellegrino, na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, em foto de 1992

Acervo: Raízes



Prédio Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antonio, onde funcionou o segundo Paço da cidade, a partir da primeira gestão de Anacleto Campanella





*O antigo Paço de São Caetano do Sul, à Avenida Goiás, 600, inaugurado em 1961, durante o governo do prefeito Oswaldo Samuel Massei*



*Prédios em que funcionou o gabinete do prefeito, entre março e setembro de 1992, no Jardim Botânico Jânio da Silva Quadros, em área situada entre as ruas Justino Paixão e da Paz*



*Palácio da Cerâmica, inaugurado em setembro de 1992, novo Paço Municipal da cidade*



Acervo: Museu de São Caetano



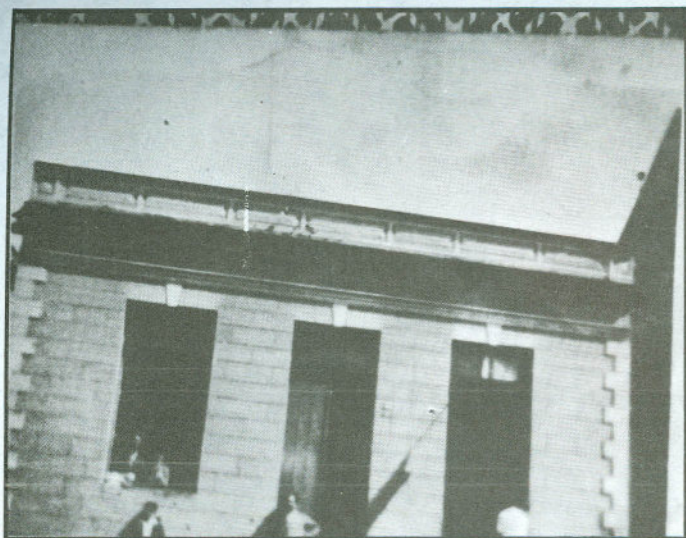
Foto sem data: alunas do Colégio Santo Antônio, dirigido pelas irmãs que também estiveram à frente do Hospital Nossa Senhora de Fátima (doação: Humberto Ceccato)

Acervo: Museu de São Caetano



Início dos anos 60: na Praça Cardeal Arcoverde, diante da Matriz da Sagrada Família, leitores com o jornal O Arauto, que circulou nas cidades da região entre 1962 e 1965 (doação: Armando Lopes)

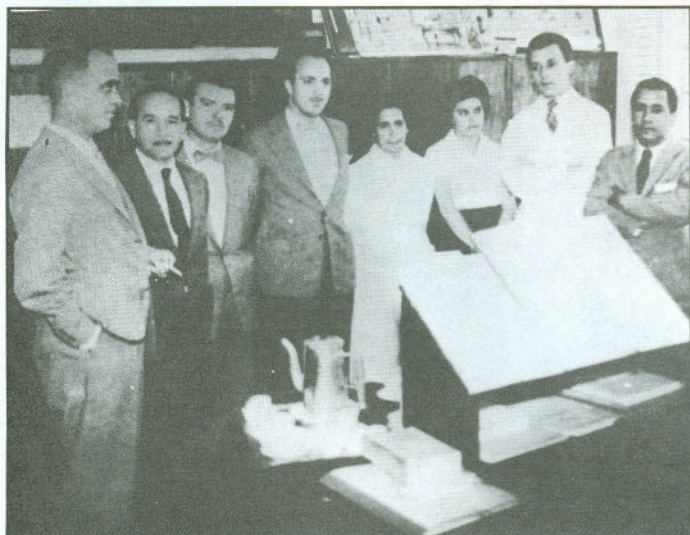




Ano de 1948: foto da agência da Casa Bancária São Caetano S/A, localizada à rua João Pessoa. Hoje, ali está instalado o Banco Bamerindus. Na época, os sócios da Casa Bancária eram Celso Marchesan e Pompeu Andreucci e o gerente, Fábio Vieira de Souza (doação: Danilo Ventura)



Flagrante, sem data, de alunos do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, que era localizado à rua Monte Alegre, onde hoje se encontra o prédio Thiène (doação: Maria Joana Fiorotti)



Sala de aula do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, em 1951. Da esquerda para a direita: Jorge Guimarães, José Teixeira Gonçalves, Gentil de Oliveira, Egídio do Carmo de Simone, Lourdes Antunes, Hercília Pereira Borba, Sebastião Malva, Vicente Bastos e Paulo Marchesan (doação: Danilo Ventura)



Cerimônia de entrega da primeira perua à Delegacia de São Caetano, em 21 de maio de 1950. Dentre outros, estão na foto Abib João Kirche, Francisco Massei, o padre Êzio Gislimberti, Ângelo Raphael Pellegrino (primeiro prefeito), Júlio Marcucci e o delegado Marcondes (doação: Virgínia e Bruno Mazzutti)





Futebol de São Caetano, em foto sem data. Agachado, o primeiro à direita é Antônio de Andrade (doação: Walter de Andrade)



Alunos de São Caetano cumprimentam a professora Izayde Paula de Campos, em 5 de dezembro de 1936, por ocasião de seu aniversário. A professora morava à antiga rua Santo Antônio (atual Avenida Roberto Simonsen). A foto foi enviada, depois, aos alunos, com dedicatória da mestra. Em pé, da esquerda para a direita: Norberto Zago, Humberto Fiorotti, ?, ?, Nelson (filho do "seo" João, antigo enfermeiro da Matarazzo), Carmo Walter Barile, Ivanhoé Netti, Romeu Orsi, ?. Agachados, da esq. para a direita: Daniel Perrella e os filhos da professora, Hernâni e Milton. Ao centro, a mestra Izayde (doação: Norberto Zago)



Congregação Mariana da Igreja da Sagrada Família, em cena registrada no salão paroquial, numa época em que a nova igreja ainda não estava concluída. Cerca 1935. Primeira fileira, ao fundo, em pé, da esquerda para a direita: Walter Scartozzoni, Antonio Zucherato, Otávio Fiorotti, Ermínio Casaretto, Aliberto Spinicce, Ferdinando Ferrari, Israel José Perrella, Virgílio Ferrari, Egídio Ferrari. Na segunda fileira, a partir do fundo, da esq. para a direita: José Olá, ?, ?, Paulo Cavana, José Faria, ?, Gabriel Perrella, Acácio Montini, Adelino Mioto, Carmine Perrella, Antonio Ferreira, Luciano Forchin Almeida, ?, ?. Na terceira fileira, da esq. para a direita: Raimundo Fontebasso, Martinho Munhoz, Albino Previato, Eduardo Ferrari, ?, Antonio Durante, Albino Sisti, ?, Palmiro Previato, Mário Previato, João Rissato, José Barbosa (Negrinho) e Aguiar. Sentados, da esq. para a direita: Argemiro Previato, José Pizantini, Américo Rosalino, Verino S. Ferrari, José Rosa Martins, padre Alexandre Grigolli, João Martinez Molinez, Antonio Ferrari, Antonio Coppini, Antonio Monteiro e Mário Montine (doação: Otávio Fiorotti de Luigi)



Em 9 de junho de 1916, a Câmara de São Bernardo aprovava indicação propondo que a rua da Matriz, que ligava a rua Dona Heloísa Pamplona ao largo da Matriz (Bairro Fundação, em São Caetano), passasse a ser denominada rua Coronel Saladino Cardoso Franco. No mesmo ano, foi realizada a solenidade de colocação da nova placa, sobre a fachada da residência da família Martorelli. No flagrante, componentes da corporação musical. Hoje, a antiga rua Coronel Saladino Cardoso Franco é a rua 28 de Julho (doação: Maria Joana Fiorotti)





Começo da Avenida Conde Francisco Matarazzo, em 1965. À esquerda, o antigo Cine Max, com o ponto de táxi (doação: Sebastião Gianotto)



Foto, sem data, da jardineira que rodou pelas ruas de terra de São Caetano. Era de propriedade de Lúcio Domingues, morador do Bairro Monte Alegre. Ali também residia o cunhado de Lúcio, Damilo Martin Del Rey, que havia deixado a Espanha em 1913. Veio para o Brasil e, no final dos anos 10, radicou-se na cidade, tendo trabalhado na Companhia Mineradora (hoje, a desativada Metalúrgica Saad), próxima à estrada de ferro (doação: Luiz Antonio P. Martins)



Rua 28 de Julho, em 1935. Antes da Matriz Velha, havia o sobrado de Antonio Barile (hoje inexistente). Na esquina das ruas 28 de Julho e Rio Branco, localizava-se a Feira da Matriz, de Arthemio Lorenzini. Defronte à Feira da Matriz, o açougue de José Lorenzini e o muro branco, à direita, é da casa de Ângelo Cavassani, onde hoje existe uma quitanda (doação: Marcelo De Nardi)



Flagrante do parque da Praça Primeiro de Maio, no centro. Circa 1961. A criança sobre o escorregador é Edison Malateaux





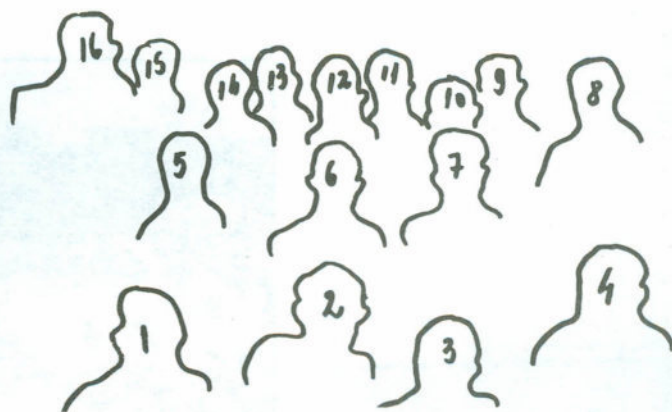
Foto, sem data, de Accacio Novaes (irmão da concertista Guiomar Novaes). Chegou a São Caetano por volta de 1913. Trabalhou como autônomo, tendo administrado, ainda, a Olaria Navarro, no Bairro Prosperidade. Em 1926, ingressou na Fábrica de Rayon das I.R.F. Matarazzo, onde permaneceu até aposentar-se. Foi integrante do São Caetano E.C., do Grêmio Recreativo Ideal, presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano. Acabou sendo eleito vereador, logo depois da autonomia da cidade e foi o primeiro presidente da Câmara Municipal. Ocupou, ainda, a função de delegado de Polícia e juiz de paz (doação: Dinorá Stadler)



Foto de desfile realizado em 7 de setembro de 1952, à rua Baraldi, esquina com a Goitacazes, diante do Posto Lorenzini. Na esquina, à direita, a padaria. À esquerda, o auto-elétrico de Lauro Fiorotti & Irmão. Em primeiro plano, escoteiros do Grupo São Francisco de Assis. De costas, com chapéu, à direita, Antonio Martinelli. O menino, em primeiro plano, é Antonio Carlos Cambaúva (doação: Ercília Vidalez Cambaúva)



Foto, de 1928, dos diretores e chefes de seção das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, defronte ao caramanchão da residência de Cicillo Matarazzo (doação: Luiza De Nardi Pucc)



- |                               |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 1 - Mário Rades;              | 9 - Ângelo Grigoletto;        |
| 2 - Afonso Timpani;           | 10 - ?;                       |
| 3 - Fernando Felipe Castilho; | 11 - Martinho Garbupo;        |
| 4 - Alfio ?;                  | 12 - Antonio Silva;           |
| 5 - Avelino Nonato;           | 13 - Antonio Garbupo (Nhoca); |
| 6 - Afonso Castilho;          | 14 - Antonio Mucio;           |
| 7 - João Rogério;             | 15 - Agostinho Rodrigues;     |
| 8 - José das Máquinas;        | 16 - Vicente Espina.          |



Foto de grupo de funcionários das Louças Adelinas. Cerca 1940 (doação: Noemia Rodrigues de Rezende)

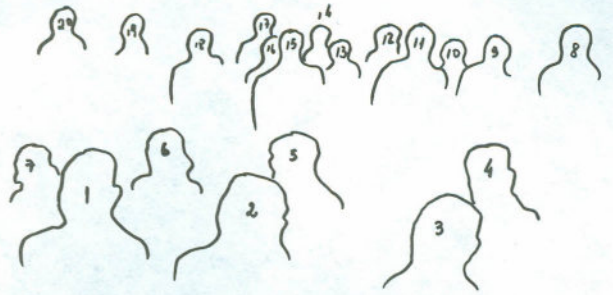


- |                                  |
|----------------------------------|
| 1 - Antonio Bicossi, italiano    |
| 2 - ? Lucini, italiano           |
| 8 - ? Nigro (chefe da expedição) |
| 9 - Francesco Mensaro            |
| 10 - Accacio Novaes              |
| 11 - Angelina ?, chefe de seção  |
| 14 - Mister Pucc                 |
| 23 - Luiz Colombo, italiano      |
| 24 - ? Benasquini, italiano      |
| 25 - Giacomo F. Tambolin         |
| 26 - ? Breda                     |
| 28 - ? Menegullo                 |





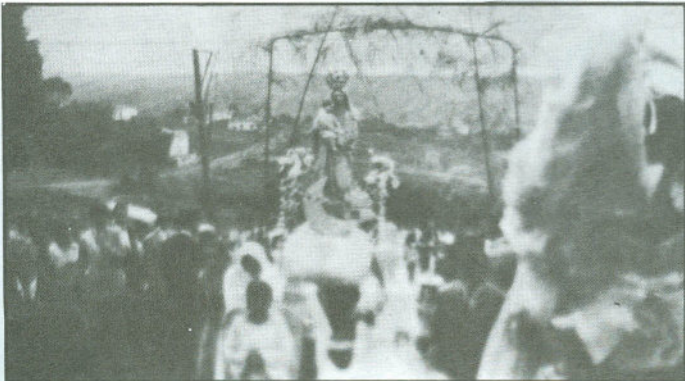
Solenidade de instalação da primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em 3 de abril de 1949 (doação: Accácio Novaes)



1 - ?; 2 - deputado Gabriel Migliori; 3- ?; 4- ?; 5- ?; 6- ?; 7- ?; 8- Jacob João Lorenzini; 9- Antonio Dardis Neto; 10- Moisés Chapaval; 11- ?; 12- Jordano S.P. Vincenzi; 13- ?; 14- Antonio Rodrigues; 15- Mário Rades; 16- Geraldo Cambaúva; 17- Oswaldo Samuel Massei; 18- Arlindo Marchetti; 19- Oswaldo Bisquolo; 20- Arthur Zago;



Foto, sem data, de procissão que saía da Igreja da Candelária (doação: Assunta Ferrero)



Festa e procissão de Nossa Senhora da Candelária, realizada em 2 de fevereiro de 1931 (doação: Nordeman Asencio)



Procissão da Igreja Nossa Senhora da Candelária, realizada em 1948 (doação: Humberto Ceccato)





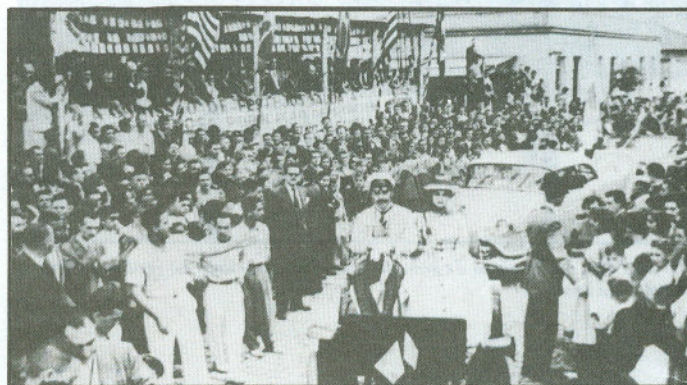
Vista panorâmica de São Caetano, nos anos 40, focalizando o quarteirão formado pelas ruas Francisco Matarazzo (antiga Avenida São Caetano) e Serafim Constantino. O bloco foi demolido para dar lugar ao terminal rodoviário. Ao fundo, as Vilas Califórnia e Alpina, bairros de São Paulo. Lado a lado, a Casa Weigand e O Carioca. A chaminé, ao fundo, à esquerda, é da Indústria Dal'Mas, que ficava à rua Herculano de Freitas. À direita, a caixa d'água e chaminés da Mecânica Paulista



Quatro funcionários das Louças Adelinas, em 1936. Na primeira fileira, da esquerda para a direita, Gracieta Mercúrio e Lucila ?. Na segunda fileira, da esquerda para a direita, Adelina Durante (modista) e Maria Durante (doação: Noemia Rodrigues de Rezende)



Foto de 1953. Sentados, da esquerda para a direita: Accácio Novaes e José Bonifácio de Carvalho. Em pé, da esquerda para a direita, Waldemar Gianotti, ?, João Colognesi



O governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez, e o prefeito de São Caetano, Anacleto Campanella, no palanque armado na entrada do Viaduto dos Autonomistas, inaugurado em 1954. A frente, desfile de Oldsmobiles 1902 e 1954 (doação: Hermínia Perrella)

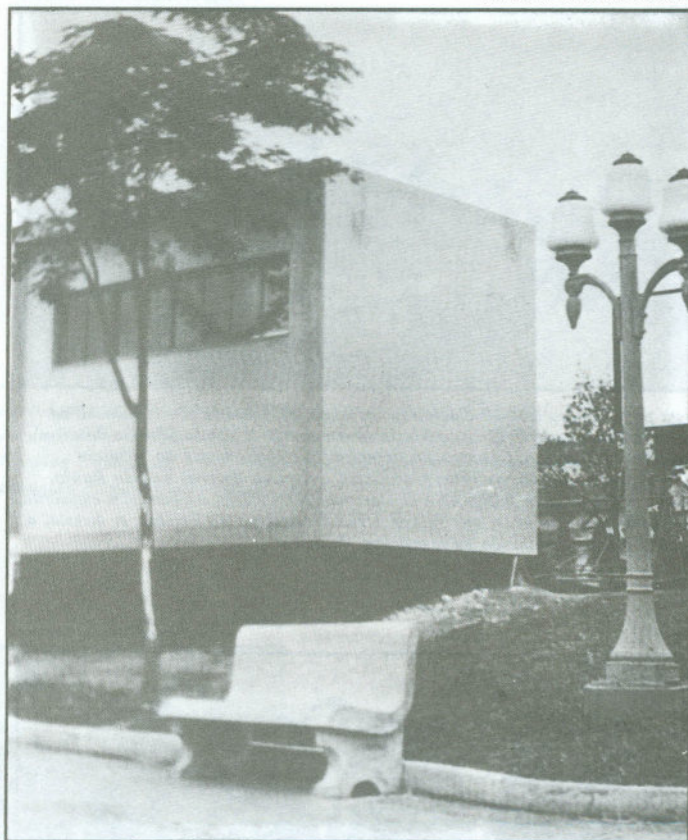


Flagrante da inauguração do Viaduto dos Autonomistas, em 28 de julho de 1954





Foto de 1956: tela e caixa de som do Cine Som, montado no jardim da Praça Primeiro de Maio



Cabine de projeção do Cine Som, na Praça Primeiro de Maio, em 1956 (doação: Sebastião Gianotto)



Foto do público que assistia às projeções do Cine Som, em 1956



Foto de 1926. Em pé, da esquerda para a direita: Paulo Uliana, ?, Aníbal Soares, Arthur Zago. Sentados, da esq. para a direita: Felice Perrella, Tommaso Thomè, Paulo Dall'Antonia





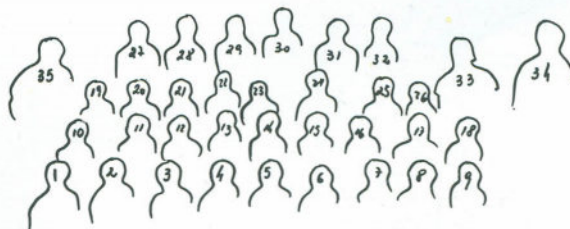
Foto de 1928: no Jardim da Luz, num passeio dominical feito de trem através da antiga São Paulo Railways. Em pé, da esquerda para a direita: Idamis Veronesi, Henry Veronesi, Francisco Fernandes, Edmea Fernandes e Auta Fernandes (sentada)



Foto de alunas do Externato Santo Antonio. Circa 1948. À esquerda, a irmã Maximiliana e a ajudante Maria. As duas meninas loiras, ao centro, são as gêmeas Maria e Izabel Dolbo (doação: Arcília Vidalez Cambaúva)



Alunos do 2º ano do Grupo Escolar Senador Flaquer, em 1933 (doação: Eliza Silvestri Fiori)



- 1- ?; 2- Luiz Leão Karlik; 3- Bruno Trevisan; 4- ?; 5- Marcelino De Nardi; 6- Anacleto Campanella; 7- ?; 8- Sebastião de Jesus; 9- Francisco Gaglio; 10- João Raimundo Piovesan; 11- Arino Miotto; 12- Geraldo Braido; 13- Anselmo Ambrósio; 14- Jorge Radez; 15- Waldemar Malerba; 16- José Neves; 17- Hermínio Moura; 18- Vicente Pepe; 19- Temistocles Pereira Nunes; 20- José Piccolo; 21- Jonas Rondeikas; 22- Ivanhoé Netti; 23- Antonio Cícero; 24- Jorge Bortolini; 25- Nelson ?; 26- Romeiro Orsi; 27- Orlando Astolpho; 28- Nelson Fiori; 29- Waldemar Bortolotti; 30- Cezário Bortolotti; 31- José Valério; 32- Ari Caregan; 33- professora Ada Escobar Gomes; 34- diretor Jorge Perrenoud; 35- inspetor Vicente ?



